



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA
AMAZÔNIA
MESTRADO EM SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA



NARRATIVAS DE XAMANISMO NA JUREMA SAGRADA EM SÃO
GABRIEL DA CACHOEIRA-AM

DINÉIA GAMA ALBUQUERQUE

São Gabriel da Cachoeira-AM
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA
AMAZÔNIA
MESTRADO EM SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA



DINÉIA GAMA ALBUQUERQUE

NARRATIVAS DE XAMANISMO NA JUREMA SAGRADA EM SÃO GABRIEL DA
CACHOEIRA-AM

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia.

Orientador: Professor Dr. Agenor Cavalcanti de Vasconcelos Neto
Coorientadora: Professora Dra. Maria do Socorro da Silva Arantes (UFPI)

São Gabriel da Cachoeira-AM
2025



UFAM

Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

-
- A345n Albuquerque, Dinéia Gama
Narrativas de xamanismo na Jurema Sagrada em São Gabriel da
Cachoeira-AM / Dinéia Gama Albuquerque. - 2025.
137 f. : il., color. : 31 cm.
- Orientador(a): Agenor Cavalcanti de Vasconcelos Neto.
Coorientador(a): Maria do Socorro da Silva Arantes.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Amazonas, Programa
de Pós-Graduação em Soc. e Cultura na Amazônia, São Gabriel da
Cachoeira - AM, 2025.
1. Xamanismo. 2. Jurema Sagrada. 3. São Gabriel da Cachoeira. 4. Cura.
5. Conhecimentos tradicionais. I. Vasconcelos Neto, Agenor Cavalcanti de.
II. Arantes, Maria do Socorro da Silva. III. Universidade Federal do
Amazonas. Programa de Pós-Graduação em Soc. e Cultura na Amazônia.
IV. Título
-



DINÉIA GAMA ALBUQUERQUE

**NARRATIVAS DE XAMANISMO NA JUREMA SAGRADA EM SÃO GABRIEL DA
CACHOEIRA-AM**

Data de aprovação: 11/09/2025

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Dr. Agenor Cavalcanti de Vasconcelos Neto
Universidade Federal do Amazonas – UFAM
Presidente

Prof^o. Dr. Caio Augusto Teixeira Souto
Universidade Federal do Amazonas – UFAM
Membro

Prof^a. Dra. Danielle Gonzaga de Brito
Membro

São Gabriel da Cachoeira-AM
2025



*“Somos iguais e diferentes. Iguais no corpo, na inteligência e no respeito. Diferentes na língua, no jeito, no costume. Somos todos iguais e diferentes: índios, negros e brancos”
(Professores indígenas do Acre, RCNEI - 1998).*



À minha preciosa mamita, Adelina Gama, minha Muraquisara, cuja memória perdura na eternidade; aos meus amados filhos, Francisco e Tifane, portadores de esperança e luz; aos meus irmãos, sobrinhos, e ao Recanto dos Orixás, santuário sagrado que preencheu meu coração de espiritualidade e harmonia com a natureza. Que suas almas permaneçam eternamente entrelaçadas na tessitura do meu ser, e que a conexão com o divino e o universo continue a iluminar meu caminho, guardando, em cada batida, a lembrança de suas presenças transcendentais.



AGRADECIMENTOS

Por louvor de uma gratidão que transcende o tempo e o espaço, ergo minhas palavras em uma tessitura de reverência, iniciando pelo supremo Senhor Deus, cuja grandeza é inigualável, pois maior que Ele, não há. Sua divindade é luz que ilumina meus passos e guia meus caminhos, fonte eterna de esperança e fé.

À minha querida mamita, Adelina Gama (in memorian), minha Muraquisara, cuja memória permanece viva em meu coração, meu amor eterno, que foi e será sempre meu norte, minha inspiração maior. Sua essência permanece como chama que aquece minha alma e ilumina minhas noites, ensinando-me a resistir e a amar incondicionalmente.

Aos meus filhos, Francisco e Tifane, estrelas que brilham intensamente na vastidão do meu existir. Vocês, com sua presença constante, suportaram as ausências e se tornaram a fortaleza nos momentos de angústia. São a razão do meu viver, o pulso que mantém meu coração pulsante na incessante busca por um amanhã melhor.

Aos irmãos de sangue e de fé, Eli, Aida, Aurora, Jorge e Valdiza, minha base sólida, pilares de sustentação e união. Com vocês, encontrei fundamentos na jornada, força na adversidade, e amor incondicional que sustenta minha essência.

Aos meus sobrinhos, que representam minha força renovada, minha esperança contínua, recebo de cada um deles a energia vital que me impulsiona a seguir adiante, mesmo nas horas mais sombrias.

Aos Orixás, mestres, caboclos, Pretos Velhos, Encantados, Boiadeiros, Erês e Exús da Jurema Sagrada, veneráveis guardiões da doutrina e do saber ancestral, agradeço pela luz e pelo ensinamento que me permitem ser melhor a cada dia, superando o ontem com fé renovada. Em especial, ao Mestre de Jurema, Jose Pilintra de Santana Igué, cuja luz ilumina minha existência e, como pai espiritual, sustenta-me com sabedoria e amor incondicional.

Aos professores doutores da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, que com dedicação e altivez compartilharam seus conhecimentos, ofereço minha gratidão profunda.

Sou igualmente grata à professora Maria do Socorro, da Universidade Federal do Piauí (UFPI), coordenadora do intercâmbio na Bolívia. Sua presença foi mais do que institucional, foi amizade que acolhe e sabedoria que guia. Durante minha estada em solo boliviano, foi ela farol e companhia, oferecendo direção segura e afetos sinceros em um percurso de descobertas e crescimento.



Destaco, com sincero reconhecimento, o Dr. Agenor Cavalcanti de Vasconcelos Neto, cuja paciência serena e sapiência generosa constituíram-se em luz orientadora ao longo desta jornada. Em uma relação marcada por respeito mútuo e humanidade, sua presença ultrapassou os limites formais da orientação acadêmica. Ainda que tenha idade para ser meu filho, acolheu-me com escuta atenta, alentando minhas inquietações e celebrando, com genuína alegria, cada conquista alcançada. Sua postura ética e afetuosa foi, em muitos momentos, a força silenciosa que me impulsionou a seguir adiante.

A meus colegas de jornada, companheiros de caminhada, que dividiram comigo os passos do aprendizado, deixo minha homenagem pela convivência e amizade que engrandeceram minha trajetória.

Ao meu ex-companheiro, Fabricio Noberto, que foi amigo, confidente e apoio nos momentos de necessidade, registro minha gratidão por sua presença solidária e compreensão.

Ao meu Juremar, refúgio de paz e esperança, entrego meu coração, pois nele encontro força e serenidade para seguir em frente.

Por fim, não poderia deixar de agradecer à CAPES — Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, que fomentou a experiência enriquecedora do intercâmbio Sanduíche Brasil/Bolívia, que abriu portas para o saber e o crescimento, tornando possível o sonho de uma formação mais ampla e profunda.

Kuekaturetê! (Obrigada!) a todos por todas as forças e momentos que me moldaram nesta caminhada de evolução.

RESUMO

Este trabalho investiga o universo cultural e espiritual do povo rio negrino de São Gabriel da Cachoeira-AM, com foco na Jurema Sagrada e suas práticas rituais. A pesquisa destaca a importância dos saberes ancestrais, que promovem prevenção, cura, proteção e conexão com o mundo espiritual, desafiando perspectivas ocidentais e preservando a identidade indígena e afrodiaspórica. Utilizando métodos de campo, entrevistas, autoetnografia e etnografia, o estudo analisa os rituais, os mestres e as entidades espirituais, evidenciando a resistência cultural frente a preconceitos. Os capítulos abordam o contexto afro-indígena, o papel dos especialistas e a aplicação dos conhecimentos tradicionais de cura, ressaltando a relevância da Jurema Sagrada como uma expressão de resistência e transmissão cultural. O trabalho revela a profundidade dessas práticas e sua continuidade no Recanto dos Orixás e os saberes de Muraquisara na prática de cura pelo poder da natureza, como um símbolo de esperança, fé e resistência pelos seus descendentes de seu matriarcado.

Palavras-chave: xamanismo, jurema sagrada, São Gabriel da Cachoeira, cura, conhecimentos tradicionais.



ABSTRACT

This work investigates the cultural and spiritual universe of the Rio Negro people of São Gabriel da Cachoeira (AM), with a focus on the Sacred Jurema and its ritual practices. The research highlights the importance of ancestral knowledge, which fosters prevention, healing, protection, and connection with the spiritual world, while challenging Western perspectives and preserving both Indigenous and afrodiasporic identities. Drawing on fieldwork, interviews, autoethnography, and ethnography, the study examines the rituals, the masters, and the spiritual entities, shedding light on cultural resistance in the face of prejudice. The chapters address the Afro-Indigenous context, the role of specialists, and the application of traditional healing knowledge, emphasizing the relevance of the Sacred Jurema as an expression of resistance and cultural transmission. The work reveals the depth of these practices and their continuity at the Recanto dos Orixás and through the wisdom of Muraquisara in the practice of healing through the power of Nature, as a symbol of hope, faith, and resistance for the descendants of its matriarchal lineage.

Keywords: shamanism, sacred jurema, São Gabriel da Cachoeira, healing, traditional knowledge.



RESUMO

Kua muraki yamunhã waá mayé kuá mundo upé mayé yaikú yane Tupana irú panhê miraitá irũ paraná pixuna Tawa upé mãã Jurema umunhã waá, mayé Taikú waá, tamunhã maye kuxiíma yara itá. Kwaá murakísa yamunhã yakua arã mayé yane resewara yandé ike yara itá yá rasurã yané rendé kiti lanhe mãã yakuásá. Mayé yamunharã purãga Murakísá umbéu mayé Jurema unheẽ mayé há munharã yakuasá waá. Mãã yamunharã yakuasá resewara mamẽ yaiku arã purangasa panhé yanẽ amãma ta irũ.

Yapurūguitasa retewa: Payé Ubuesawa, Jurema tupanasá, Tawa, Ikatúsawa, Yakusá
Kuximasiwara

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 01. Recanto dos Orixás.....	42
Fotografia 02. Barracão do Recanto dos Orixás	43
Fotografia 03. Festa de Cosme e Damião - Bisnetas de Muraquisara e Sua Filha Pixu.....	43
Fotografia 04. Consagração de um filho de Jurema - A primeira filha de Muraquisara.....	43
Fotografia 05. Muraquisara/Matriarca do Clã Mapinguari.....	50
Fotografia 06. Filhos de Muraquisara, e ela própria.....	58
Fotografia 07. Último aniversário de Muraquisara, comemorado com uma Ladainha a São Pedro. Presente em terra: José Pilintra incorporado em Putira Pituna	71
Fotografia 08. Ritual de consagração de um filho de jurema	75
Fotografia 09. Festa de Oxóssi (São Sebastião).....	77
Fotografia 10. Ogúm (São Jorge do Recanto dos Orixás)	78
Fotografia 11. Mestra Herondina, Caboclo Tupiaçú, Mestra Mariana e Mestre José Pilintra (encabocados nos filhos de fé) na festa de Dona Herondina.....	82
Fotografia 12. Ogán Fabrício Noberto.....	85
Fotografia 13. Mestra Mariana	86
Fotografia 14. Mestra Herondina.....	87
Fotografia 15. Mestre José Pilintra de Santana Igué.....	88
Fotografia 16. Festa do Erês (Cosme e Damião)	91
Fotografia 17. A maceração das folhas para os banhos	93
Fotografia 18. Muraquisara em suas diversas faces.....	97

LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

SGC – São Gabriel da Cachoeira

AM - Amazonas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
PRIMEIRO CAPÍTULO: O CONTEXTO AFRO-INDÍGENA DA JUREMA SAGRADA EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA-AM.....	16
1.1. Xamanismo, pajelança ou especialistas?	20
1.2. Conhecimento tradicional dos povos rio negrinos	30
1.3. Jurema Sagrada: Recanto dos Orixás.....	37
1.3.1 – Localização do Recanto dos Orixás	40
1.3.2 – Como surgiu o recanto?	44
1.3.3 – Quando funciona?	45
1.3.4 – Principais eventos	46
1.3.5 – Quem compõe a comunidade?	47
1.3.6 – Como iniciou a comunidade?.....	47
1.3.7 – Como iniciou a relação com a Jurema?	48
1.3.8 – Quem faz uso da Jurema?	51
1.3.9 – Quem realiza a cura e proteção?	52
SEGUNDO CAPÍTULO: XAMANISMO E SEUS NARRADORES.....	54
2.1 – Especialistas e suas performances.....	57
2.2 - O nascer de um filho.....	61
2.3 - O anúncio da peste (COVID-19).....	66
2.4 - A fé inabalável de Muraquisara.....	69
2.5 - A fé que mudou uma vida.....	71
2.6 – Narrativas xamânicas e seus Orixás.....	74
TERCEIRO CAPÍTULO: CONHECIMENTOS TRADICIONAIS DE CURA	79
3.1 – Mestres da Jurema Sagrada.....	82
3.2 – Os Rituais de Cura	90
3.3 – O Poder de cura e a Natureza.....	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
REFERÊNCIAS.....	109
APÊNDICE A – ARTIGO DO INTERCÂMBIO BRASIL/BOLÍVIA.....	112

INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe a mergulhar nas profundezas de um universo cultural e espiritual que pulsa com ancestralidade, resistência e mistério do povo rio negrino de SGC (São Gabriel da Cachoeira-AM), com ênfase na Jurema Sagrada e suas práticas de cura. Como uma poesia viva, esses saberes ancestrais entrelaçam-se às narrativas de prevenção, proteção, cura e conexão com o mundo espiritual, revelando uma cosmovisão própria que desafia os olhares ocidentais e é continuidade de uma cultura indígena e afrodiaspórica vibrante.

Ao etnografar os rituais, os mestres e as entidades espirituais que habitam essa tradição, busca-se compreender não apenas suas práticas, mas também as histórias de resistência que se escondem por trás de cada gesto, cada cântico e cada planta sagrada.

O propósito em descrever as narrativas do xamanismo no âmbito do conhecimento tradicional da Jurema Sagrada, visa compreender um conjunto de crenças sobre a organização do mundo, bem como as práticas de cura enquanto estratégias de resiliência e resistência diante dos diversos preconceitos enfrentados pelos praticantes, conhecidos como juremeiros, na cidade de São Gabriel da Cachoeira, no estado do Amazonas.

A pesquisa se propôs a investigar, os elementos culturais e as tradições que constituem o complexo ritual da Jurema Sagrada e do xamanismo em um *locus* específico, além de analisar como esses conhecimentos são aplicados pelos mestres dessas práticas na realização de curas. Ainda, procuramos distinguir os diferentes rituais utilizados nessas práticas tradicionais, contribuindo para uma compreensão mais ampla de suas especificidades e intercâmbios.

Para tanto, a coleta de dados foi efetuada por meio de uma etnografia do particular (Abu-Lughod, 2018), durante as atividades de aconselhamento espiritual e/ou eventos festivos, sempre respeitando as normativas éticas e legais vigentes no Brasil.

A abordagem metodológica fundamentou-se em trabalho de campo, entrevistas, etnografia e auto-etnografia, dialogando com a literatura especializada de autores como: Esther Jean Matteson Langdon (1996); Robin Michael Wright (1996); Manuela Carneiro da Cunha (2009) Davi Kopenawa e Bruce Albert (2015), Philippe Descola (2016); Liliane Salgado Lizardo (2016), João Paulo Barreto (2017, 2021), Francineia Bitencourt Fontes (2019) dentre outros.

No primeiro capítulo, será apresentado o contexto afro-indígena que permeia a reverência da Jurema na região, abordando três tópicos essenciais. Inicialmente, discutiremos o conceito de xamanismo, a pajelança e a atuação dos especialistas, destacando seus significados e nomenclaturas dentro da cultura local.

Em seguida, será enfatizado o conhecimento tradicional dos povos rio negrinos, ressaltando a importância para a preservação de seus corpos e práticas culturais. Por fim, abordaremos a Jurema Sagrada no Recanto dos Orixás, analisando seu significado, a etnografia do local de culto e a atuação dos juremeiros.

No segundo capítulo, aprofundar-se-á a compreensão sobre os especialistas que atuam na tradição da Jurema, explorando suas funções e identificação, propósitos e características desses indivíduos. Serão apresentadas também algumas narrativas que ilustram os processos de prevenção, cura e proteção realizados por esses especialistas (incorporados pelos mestres da Jurema). Além disso, serão descritos de forma sucinta os rituais de Jurema e os Orixás cultuados, possibilitando uma compreensão mais ampla das práticas rituais no contexto estudado.

O terceiro capítulo centra-se nos saberes tradicionais de cura, destacando os mestres da Jurema Sagrada, considerados entidades espirituais que orientam os juremeiros em sua trajetória. Serão abordadas as práticas dos rituais de cura, incluindo banhos, defumações, garrafadas e o uso de alimentos, além do poder de cura da natureza, especialmente das plantas e ervas ensinadas por Muraquisara aos seus descendentes e à própria Jurema Sagrada.

Este percurso busca revelar a profundidade e a riqueza desses saberes tradicionais, evidenciando sua importância para a manutenção da saúde espiritual e física na comunidade rio negrinha do Recanto dos Orixás, situado no Ramal 1, do Assentamento Teotônio Ferreira em São Gabriel da Cachoeira-Amazonas.

Assim, como a jurema que desabrocha na floresta, este estudo pretende iluminar os caminhos pelos quais o saber tradicional se mantém vivo, resplandecente, mesmo diante das adversidades e preconceitos. Em uma jornada de descoberta, convidamos o leitor a perceber a Jurema Sagrada como uma ponte entre o invisível e o visível, entre o passado ancestral e o presente de luta e esperança dessa comunidade amazônica.

PRIMEIRO CAPÍTULO: O CONTEXTO AFRO-INDÍGENA DA JUREMA SAGRADA EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA-AM

O tema abordado neste trabalho surgiu a partir de uma reflexão pessoal sobre a participação em encontros espirituais frequentados junto com a matriarca da minha família. Durante a infância e adolescência, as atividades realizadas nessas reuniões, que ela chamava de sessão, pareciam desconexas e sem sentido, mas, ao longo do tempo, passaram a adquirir significado quando a cura era necessária para si mesma ou para outros familiares.

Foi através da observação e da prática de ensinamentos nos rituais com bebida, fumo e cantoria que o entendimento acerca da sabedoria ancestral contida nessas práticas foi se consolidando.

A figura materna de Muraquisara, que se diferencia pelo seu matriarcado, num Alto Rio Negro patriarcal, demonstrou uma conexão espiritual profunda através das rezas e dos rituais, transmitiu uma herança cultural valiosa que proporcionou o aprendizado sobre as tradições e práticas de cura, tornando-se uma juremeira inata, no contexto afro-indígena da jurema sagrada em São Gabriel da Cachoeira-AM.

A colonização e a miscigenação cultural foram aspectos fundamentais para a construção desse conhecimento, que se enriqueceu através da incorporação de novos saberes, mantendo sempre a essência dos valores culturais originários.

Um exemplo disso é a fusão de saberes na medicina tradicional. Os povos indígenas integraram remédios trazidos pelos colonizadores, mesclando-os com suas plantas medicinais e rituais de cura. Dessa forma, o conhecimento indígena foi ampliado com novas substâncias e métodos, mantendo, contudo, sua ligação com as raízes espirituais e culturais.

O contexto afro-indígena na região Norte do Brasil é cheio de diferentes culturas, histórias e formas de viver, resultado de convivência, resistência e mistura entre povos indígenas e comunidades negras.

A região Norte, que inclui estados como Amazonas, Acre, Rondônia, Roraima, Amapá, Pará, Tocantins e Maranhão, tem muitas florestas, rios e animais únicos, que foram o lar e a base cultural de várias comunidades tradicionais.

Desde os primórdios, os povos indígenas vivem nessa região, criando suas próprias formas de organização social, religião e economia. Com a chegada dos europeus e a

colonização, essas populações enfrentaram resistência, deslocamentos e, às vezes, perderam partes de suas culturas, mas conseguiram manter suas identidades e partes de suas terras.

A presença de pessoas negras na região vem do período em que muitos africanos foram trazidos como escravos para trabalhar na extração de recursos, na agricultura e na construção de infraestruturas. Essas culturas negras ajudaram a formar a identidade local, principalmente na música, religião e comida, deixando um legado de resistência e criatividade. Pois,

Os grandes acontecimentos são conhecidos por todos. Ainda que os números sejam algo controversos, não é nada improvável que ao longo de cerca de 300 anos, quase 10 milhões de pessoas tenham sido embarcadas à força da África para as Américas, na maior migração transoceânica da história. Desses, uns 4 milhões chegaram ao que hoje chamamos de Brasil – onde, sabemos, já viviam milhões de indígenas, vítimas de um genocídio que, nunca é demasiado lembrar, ao lado da diáspora africana sustenta a constituição do mundo moderno. Nessa história que é a de todos nós coexistem poderes mortais de aniquilação e potências vitais de criatividade (Goldman, 2014, p.215)

No mundo afro-indígena, há uma ligação forte entre identidades, culturas e formas de resistência que tornam a diversidade da região ainda maior. Grupos que se identificam como afro-indígenas lutam pelo reconhecimento de seus direitos de terra, cultura e sociedade, enfrentando dificuldades para demarcar suas terras, preservar suas tradições e combater as desigualdades.

E parafraseando Marcio Goldman (2014, p.217) por outro lado, a atenção está na definição e na comparação entre os princípios cosmológicos indígenas e afro-brasileiros, levando em consideração tanto suas características específicas quanto as circunstâncias históricas que marcaram seu contato.

Governos, movimentos sociais e ONGs têm ajudado a valorizar essas identidades e lutar por seus direitos. Hoje, reconhecemos mais a importância dos afro-indígenas na história, cultura e desenvolvimento sustentável da Amazônia, fortalecendo a diversidade e resistindo às ameaças de exploração econômica e destruição do meio ambiente.

E de acordo com Goldman (2014, p. 215), “neste sentido, não é exagerado afirmar que o encontro entre “afros” e “indígenas” nas Américas é o resultado do maior processo de desterritorialização e reterritorialização da história da humanidade”

Ou seja, o povo afro-indígena da região Norte é uma prova viva de resistência, raízes antigas e criatividade, que enriquece a cultura brasileira e mostra a importância de políticas que protejam seus direitos e promovam sua valorização.

E SGC-AM, localizada no âmago da região amazônica, é uma cidade singular no cenário brasileiro devido à sua forte presença de comunidades indígenas e à diversidade cultural que caracteriza a região.

Situada no noroeste do estado do Amazonas, próxima às fronteiras com a Colômbia e a Venezuela, a cidade é um importante território de resistência e preservação das identidades dos povos originários e porque não dizer afro-indígena, que é o contexto da Jurema Sagrada, objeto de estudo desta dissertação.

A região de São Gabriel da Cachoeira é marcada por uma diversidade étnica e cultural profunda. Os povos originários que habitam o território pertencem a diversas etnias, como os Yanomami, Baniwa, Tukano, Baré, Arapasso, Dessana, Piratapuia, Cubeo, entre outros, cada um com suas línguas, tradições e formas de organização social.

No presente estudo, foram identificadas dois congás (casas) que atuam no campo das religiões afro-indígenas. A primeira refere-se ao Recanto dos Orixás, uma casa espiritual que promove práticas vinculadas à Umbanda e à Jurema Sagrada, ligadas ao clã de Muraquisara (Adelina Gama, *in memoriam*).

Este congá caracteriza-se por sua estrutura de núcleo familiar, na qual a matriarca Muraquisara (Tukana/Yepamãhsa) desempenha papel central, juntamente com seus descendentes de etnia Baré, sendo que o pai de seus filhos também pertencia a essa etnia. Os rituais praticados nesta casa concentram-se na Jurema Sagrada e Umbanda, objeto de investigação central deste estudo.

A segunda, consiste em uma casa localizada no centro da cidade, cuja denominação específica não é amplamente conhecida, sendo referida apenas pelo nome da proprietária, Dona Jóia. Esta casa atua no âmbito da Umbanda e recebe indivíduos de diferentes regiões do vasto território brasileiro. Sua composição inclui tanto pessoas de origem indígena quanto indivíduos de contextos Kariwas (não indígenas), demonstrando uma diversidade étnica e cultural em sua prática religiosa.

Assim, ambas as casas representam pontos de encontro de comunidades diversas, articulando práticas religiosas afro-indígenas e promovendo o intercâmbio cultural e espiritual. A Casa de Dona Joia, em particular, destaca-se por sua diversidade de participantes, enquanto o Recanto dos Orixás mantém uma estrutura mais familiar e centrada na tradição da Jurema Sagrada, cuja relevância para o objeto de estudo é de fundamental importância. Visto que, “ora, essas relações ocorrem entre elaborações que se situam em diversas dimensões: sociológicas,

mitológicas, religiosas, epistemológicas, ontológicas, cosmopolíticas” (Goldman, 2014, p. 217).

Foi observado, ainda, que há indivíduos que praticam religiões de matriz africana e realizam seus atendimentos em suas residências particulares, mantendo sigilo acerca de suas atividades. Essas pessoas preferem atuar de maneira discreta, evitando a divulgação pública de suas práticas religiosas, o que evidencia uma postura de reserva e confidencialidade em relação às suas atividades espirituais.

Mas, posso afirmar que essas pessoas carregam consigo o temor decorrente dos preconceitos e das percepções associadas aos povos afro-indígenas, resultantes de processos históricos de escravidão, migração e intercâmbio cultural que ocorreram ao longo dos séculos. Pois, a história de São Gabriel da Cachoeira é marcada por processos de colonização, resistência indígena e formação de identidades mestiças. Mas, tais afirmações não farão parte dos nossos dados pela não autorização dos diálogos com estes indivíduos.

A influência afro-indígena se manifesta, por exemplo, em atividades religiosas sincréticas, como o Candomblé, Umbanda e a Jurema Sagrada que combinam elementos africanos, indígenas e católicos. Essas manifestações reforçam a identidade cultural da população local e representam formas de resistência à homogeneização cultural.

É de suma relevância salientar que o Recanto dos Orixás, bem como a residência de Dona Jóia, não são predominantemente frequentados por indivíduos de origem negra, mas, sobretudo, por povos indígenas. Nessa situação, observa-se uma incorporação de entidades espirituais afro-indígena, que atuam como orientadores nas práticas religiosas desenvolvidas nesses espaços.

Importa ressaltar que não se trata, neste caso, de uma união explícita de comunidades afrodescendentes e indígenas na prática de suas religiosidades, embora tal intercâmbio ocorra de forma minoritária e pontual. Mas, de entidades espirituais afro-indígenas que vem ao plano terrestre para ajudar nos infortúnios.

Apesar dessa riqueza cultural, as comunidades do Recanto e casa de Dona Joia enfrentam o seu maior desafio, a marginalização social de preconceitos e estigmas. Visto que, na necessidade alguns indivíduos buscam as orientações espirituais, mas não se afirmam como praticantes dessas religiões.

O contexto das religiões afro-indígena em São Gabriel da Cachoeira é uma expressão viva da diversidade cultural presente na Amazônia. Sua história, tradições e desafios refletem as complexidades de uma região que é ao mesmo tempo um território de riqueza biológica e

cultural, demandando políticas inclusivas e respeitosas que reconheçam e valorizem essa pluralidade.

Compreender esse panorama é fundamental para promover ações que assegurem os direitos e o fortalecimento dessas comunidades e/ou pessoas, preservando sua identidade única no cenário brasileiro e rio negrino. Pois, segundo Goldman (2015, p.644),

O processo histórico de constituição dessas religiões parece explicar, ao menos em parte, o fato de serem ininterruptamente atravessadas por um duplo sistema de forças: centrípetas, codificando e unificando os cultos; centrífugas, fazendo pluralizar as variantes, acentuando suas diferenças e engendrando linhas divergentes.

E dentro dessa conjuntura, no primeiro capítulo, serão abordados três tópicos essenciais: Em 1.1 veremos “O xamanismo, a pajelança ou especialistas?” com seus respectivos significados e nomenclaturas dentro da cultura do povo rio negrino; 1.2. “O saber tradicional dos povos rio negrinos”, enfatizando a importância desses conhecimentos ancestrais para a comunidade indígena local; e 1.3 “A jurema sagrada no Recanto dos Orixás”, destacando os significados e a etnografia do local onde a jurema é cultuada e onde atuam os juremeiros.

Dessa forma, a compreensão da jurema sagrada vai além do seu uso como planta medicinal, envolvendo a forte ligação com as tradições espirituais e cerimoniais da comunidade, especialmente na prática da cura.

É um aspecto fundamental nas práticas sagradas, sendo considerada como uma aliada espiritual e de cura. Por isso, é crucial compreender a importância e o caráter sagrado da Jurema Sagrada na cultura gabrielense, bem como seus significados e aplicações dentro desse rico e diversificado universo cultural.

Desta forma, esperamos incentivar os leitores a refletir sobre os princípios éticos presentes nas religiões indígenas e afro-brasileiras. Cada uma dessas tradições possui suas próprias normas e peculiaridades, baseadas em crenças e valores únicos. Essas diferenças não são erradas, apenas diversas, mas todas compartilham o respeito pelo sagrado transcendental. Essa conexão espiritual e religiosa é essencial para estabelecer uma ligação através de rituais, comunhão com os espíritos e busca por sabedoria espiritual.

1.1. Xamanismo, pajelança ou especialistas?

O conhecimento tradicional xamânico no contexto indígena brasileiro é também conhecido como pajelança. Em São Gabriel da Cachoeira, envolve práticas de cura por meio de orações, raízes, sementes, substâncias animais, minerais, ervas e plantas medicinais provenientes da floresta. Os xamãs e/ou pajés se utilizam desses elementos naturais em suas práticas curativas, valendo-se da sabedoria ancestral para lidar com problemas de ordem espiritual e/ou corpórea. Nessa perspectiva, Langdon (1996, p.09), afirma que,

Xamanismo, fenômeno que no Brasil é conhecido como pajelança, constitui-se, ao longo dos anos, num desafio para a antropologia. Desde os primeiros trabalhos etnográficos, os xamãs e suas atividades interessaram a nós, os “civilizados”, em função das crenças místicas, do comportamento caracterizado por êxtase, e das práticas “mágicas”. Por estas características fugirem da visão racional e positiva das ciências, a antropologia não proporcionava, até há pouco, os instrumentos adequados para entender o xamanismo como uma força dinâmica no mundo atual ou para desenvolver modelos teóricos eficazes para sua compreensão. Entretanto, os eventos das últimas três décadas nos forçaram a reconhecer a importância do fenômeno e a criar novos modelos para entendê-lo.

Na aprendizagem xamânica e/ou pajelança, existem vários saberes que através da oralidade eram ensinados aos filhos: valores, comportamentos, significados, cosmologias, curas, proteção, dentre outros para a vivência social. Seus conhecimentos sobre os fenômenos que ultrapassam nossos entendimentos no processo de formação e de vivência desses escolhidos para tal função, dentro da comunidade que vive, se faz importante por sua notória sabedoria ancestral. E no que tange ao conhecimento do xamanismo temos,

Desde o início do século, os etnólogos se habituaram a utilizar como sinônimos os termos xamã, medicine-man, feiticeiro e mago para designar certos indivíduos dotados de prestígio mágico-religioso encontrados em todas as sociedades primitivas”. “...Se por “xamã” se entende qualquer mago, feiticeiro, *medicine-man* ou extático encontrado ao longo da história das religiões e etnologia religiosa, chegar-se-á a uma noção ao mesmo tempo extremamente complexa e imprecisa, cuja utilidade é difícil perceber, visto já dispormos dos termos ‘mago’ e ‘feiticeiro’ para exprimir noções tão díspares quanto aproximativas, como as de ‘magia’ ou ‘mística primitiva’ (Eliade, 2002, p.15)

Nota-se que para o autor “o xamanismo *stricto sensu* é um fenômeno religioso siberiano e centro asiático”. Bem como “[...] o xamã é, ele também, um mago e um *medicine-man*: a ele se atribui a competência de curar” (IBIDEM, p.15).

Nesse contexto da literatura sobre xamanismo, mais geral e genérico, podemos dizer que o xamã é o indivíduo que possui uma sabedoria peculiar e que em um estado de transe, viaja pelo sobrenatural se transformando em outros seres, buscando saídas para curar enfermidades, ser marupiara¹ (ter sorte) na caça e na pesca, prever o destino, banir energias negativas e proteger contra males do corpo, mente e alma. “O xamã é o grande especialista da alma humana; só ele a “vê”, pois conhece sua “forma” e seu destino” (Eliade, 2002, p.19).

Observa-se que o xamanismo nos faz refletir sobre as nuances que permeiam a crença transcendental de cada povo, e suas explicações para a criação do cosmo, da natureza, e da conexão que o xamã e/ou pajé tem com o mundo físico e espiritual. Não obstante, percebe-se também que nem tudo se pode saber sobre o ser xamã e/ou pajé, podem nos relatar o que pode ser revelado, e o que não pode ficar em segredo. Conhecimento ou crença? Teixeira (2012, p.102) diz:

Conhecimento: crença e verdade. Contudo, crença verdadeira não é suficiente para o conhecimento”. “[...] Mas, se uma pessoa tiver uma crença verdadeira e essa crença estiver *justificada*, isto é, se tiver boas razões que apoiem a verdade da crença, então parece que nada mais é necessário para o conhecimento.

A natureza desempenha um papel fundamental nesse processo, considerando que estabelece conexões essenciais com o mundo cósmico e com a cultura das relações humanas, permitindo ao xamã e/ou pajé um olhar particular e culturalmente enraizado para a cura e o bem-estar. Sendo assim, ele é reconhecido como um aconselhador espiritual e de tratamento físico também. Desta maneira,

O xamanismo, como instituição, expressa as preocupações centrais da cultura e da sociedade, como a preocupação com o fluxo das energias e sua influência no bem-estar dos humanos. Como visão cosmológica, tenta entender os eventos do cotidiano e influenciá-los. No seu sentido mais amplo, o xamanismo se preocupa com o bem-estar da sociedade e de seus indivíduos, com a harmonia social e com o crescimento e a reprodução do universo inteiro. Abrange o sobrenatural, tanto quanto o social e o ecológico. Assim, o xamanismo é uma instituição cultural central que, através do rito, unifica o passado mítico com a visão de mundo, e os projeta nas atividades da vida cotidiana (Langdon, 1996, p. 28)

¹ No Alto Rio Negro Marupiara significa uma pessoa de sorte que tem um comportamento modelo e desejável.

Durante o processo de cura, o conhecimento se revela de várias formas, como a fé nos antepassados e rituais espirituais que requerem preparação cuidadosa para serem eficazes. A evolução espiritual é alcançada por meio de práticas como cuidar do corpo, ter uma alimentação saudável, aprender orações, praticar a abstinência sexual, além de conhecer as propriedades das plantas medicinais, tanto as que têm propriedades curativas como as que têm efeitos adversos. É necessário identificar as causas da doença para poder tratá-la de forma eficaz. Por isso, um amplo conhecimento é fundamental no processo de cura. E,

É a sensibilidade que marca a sutileza da cura, entendida como intuição, sopro dos ancestrais, ou também como momento de se despir, fugir da prosa e dissolução de concepções objetivistas, partindo para um aprofundamento e abertura dos canais sensíveis do corpo e da mente. O sensível abre portais, torna os elos perceptíveis e as experiências mais capilares. Parece ser o sensível a chave do “portal íntimo”, a primeira intenção, por vezes involuntária, do xamã para adentrar no campo sutil do outro que o procura e busca a cura (Araújo, 2022, p.61)

Os conhecimentos tradicionais dos povos indígenas, como os xamânicos e/ou pajelança, são uma valiosa fonte de conhecimento que é fundamental para a continuidade de sua cultura. A transmissão desses conhecimentos, de geração em geração, é feita pelos mais velhos, que têm uma experiência de vida que os torna especialistas em sua realidade e capazes de prever o futuro de seu povo. A tradição oral desses saberes é tão importante quanto sua transmissão por escrito.

No contexto juremeiro, suas cerimônias, canções, instrumentos de percussão, tabaco e substâncias psicotrópicas são utensílios de trabalho que auxiliam na compreensão da harmonia e dos conhecimentos sobre equilíbrio com o meio ambiente, incluindo a capacidade de se transformar em animais para descobrir os melhores caminhos a seguir. O animal metamorfoseado está conectado ao guia espiritual e ao âmagô do espírito guardião. Ou seja, “os xamãs, viajantes no tempo e espaço, são tradutores e profetas” (Cunha, 2009, p.107).

Esses conhecimentos são muitas vezes guardados em segredo e revelados apenas para alguns escolhidos (os especialistas). Mesmo em tempos contemporâneos, os ensinamentos xamânicos continuam a desempenhar um papel essencial na continuidade da identidade cultural e na manutenção da conexão espiritual com a natureza. Com isso,

O xamã parece se alimentar de algo vivo que a natureza lhe oferece. Vivo e presente, atento ao agora, ao seu corpo, sua mente e isso aflora um modo de

pensar. A constituição do corpo, os sentidos, as ações passam a ser direcionadas à construção de um ser por inteiro, ao mesmo tempo que constrói seu caminhar epistemológico (Araújo, 2022, p.119)

No contexto da exploração dos ensinamentos de um xamã em sua jornada por sabedoria espiritual e autoconhecimento, é crucial enfatizar a necessidade de buscar constantemente conhecimento e crescimento pessoal ao longo da vida. A singular perspectiva do xamã em relação ao mundo está profundamente ligada à natureza e à cosmologia de cada cultura. Sua sabedoria vai além da lógica racional, sendo acessível apenas ao olhar interno e introspectivo.

Na região do Alto Rio Negro, mais especificamente em São Gabriel da Cachoeira-AM, encontra-se a maior concentração de povos indígenas do Brasil, totalizando 24 diferentes grupos étnicos e 16 línguas distintas faladas. A diversidade cultural presente nessa região já foi objeto de exploração (adornos, plantas, pedras, cerâmicas, instrumentos musicais e outros), devido à ganância colonial.

É importante refletir sobre os impactos negativos que essa exploração teve, resultando na deturpação dos conhecimentos tradicionais e na supressão da voz dos indígenas devido à incompreensão de suas formas de vida e pensamento.

Destaca-se também a forte ligação que esses povos têm com a natureza e com suas cosmologias próprias, onde geram seus saberes sobre o corpo humano, os surgimentos das pessoas, das constelações, dos animais, das doenças e curas e outras para explicar o surgimento do mundo. Que são fundamentais para compreender sua visão de mundo e sua relação com o meio ambiente.

Na jornada do xamã e/ou pajé reside a arte da cura e a transição entre o mundo terreno e o espiritual. Em meio a essas indagações, buscamos compreender o fenômeno sem nos prender à razão, contemplando a magia que envolve seu ser. A pessoa detentora dos conhecimentos xamânicos no Alto Rio Negro tem a nomenclatura de pajé/benzedor. Ou, em outras palavras, para o povo Yepemahsã (Tukano)²,

Os especialistas do Alto Rio Negro são sujeitos que passaram por uma rigorosa formação sistêmica e por um treinamento, sob orientação de um especialista formador [...] Eles são pessoas com força de articular qualidades

² Autodenominam-se Ye'pâ-masa ou Daséa. É a etnia mais numerosa da família lingüística Tukano Oriental. Concentram-se principalmente nos rios Tiquié, Papuri e Uaupés; mas também estão morando no Rio Negro, a jusante da foz do Uaupés, inclusive na cidade de São Gabriel. Disponível em: [Tukano - Povos Indígenas no Brasil \(socioambiental.org\)](http://Tukano - Povos Indígenas no Brasil (socioambiental.org))

sensíveis curativas contidos nos tipos de vegetais, de animais e de minerais para abrandar a dor e curar as doenças, de modo a transformar determinados elementos (água, tabaco, enzima vegetal, entre outros) portadores de agentes curativos e protetivos. Possui ainda habilidade de “manipular” os fenômenos naturais como raios e trovoadas e de usar as qualidades de animais e minerais para determinadas finalidades (Barreto, 2021, p.89).

Ressaltamos que, os conhecimentos adquiridos nessa preparação requer do aprendiz abdicação, cuidados com o corpo, mente, espírito, ter paciência, respeito, responsabilidades dentre outros saberes e valores.

A dualidade das forças se dá na oposição, bem/mal, noite/dia, preto/branco e assim vai se desvelando o conhecimento. Para alguns especialistas do povo Tukano, como afirma Barreto (2021, p.89), o kumu/pajé é visto “Como detentores de poder, versando a linguagem de *bahsese*³, acionam as qualidades dos elementos para resolver problemas cotidianos, como a cura de doenças, desconforto, afecções e a reorganização do desequilíbrio da pessoa e do cosmo”.

Na sabedoria do povo Yepamahsã (Tukano), “entre os povos indígenas do alto Rio Negro, existem três categorias de especialistas: *yai*, *kumu* e *baya*. São detentores de conhecimento, exercem ofício de “xamã” e são formadores de novos especialistas. Todos eles têm a mesma base de formação, mas cada um tem sua especialidade” (Barreto, 2021, p.14).

A função dos especialistas da sociedade *yepamahsã*, que possuem formação semelhante, pode ser interpretada, de forma mais acadêmica, da seguinte maneira:

1. *Yai*, é aquele responsável por remover a doença do enfermo, sugando-a. Sua atuação está centrada na cura e na remoção dos males físicos e espirituais do indivíduo doente;
2. O *Kumu*, (ou pajé) tem a função de aliviar a dor e proteger o corpo dos males físicos e espirituais. Sua atuação está focada em proporcionar conforto e bem-estar ao paciente, através de técnicas e conhecimentos específicos;
3. O *Bayá*, é um especialista que, além de dominar a arte da dança e das cerimônias, também possui o conhecimento do Kumu. Ele atua como um mestre tanto nas práticas de dança quanto nos rituais, trazendo uma abordagem multidisciplinar que combina o conhecimento físico e espiritual.

³ “Os bahsese são um vasto repertório de fórmulas, palavras e expressões especiais retiradas dos kihti ukuse (narrativas místicas) e proferidas formalmente pelos especialistas Pamurimahsã e Umukorimahsã. É uma prática de articular verbalmente as qualidades curativas e preventivas contida nos tipos de vegetais, animais, outras qualidades protetivas. Bahsese também é limpeza e “descontaminação” dos alimentos, tornando-os próprios para o consumo humano.” (Barreto et al, 2018, p. 64).

É importante destacar que essas definições são de minha interpretação com base no texto original em Barreto (2021, p.14), como referência ao aspecto de relevância.

Na visão do mesmo autor, na cultura dos kumuã os elementos imateriais que compõem o corpo eram chamados de manhsã kahtise. Isso significa que as formas de luz, floresta, terra, água, animais e ar eram os elementos essenciais do corpo humano. Ou seja, que o corpo é a síntese de todos esses elementos (Barreto 2021, p.46).

Neste argumento, torna-se imperativo o cuidado com o corpo, especialmente através da prática do *bahsese*, visando a prevenção da ação de agentes patogênicos e dos distúrbios que podem desencadear desequilíbrios no indivíduo. Nas palavras de João Paulo Barreto (2021, p.150);

Pensar e teorizar sobre o corpo como objeto de trabalho a partir de seu sentido para os povos indígenas do Alto Rio Negro traz à tona a necessidade de identificar como se dá a construção do saber sobre o corpo e como este saber implica diretamente na prática de produção de cuidado do corpo para ter boa qualidade de vida e cuidado nas relações com as coisas do seu entorno. Os especialistas indígenas consideram o mundo terrestre como organismo, onde os seus elementos constitutivos se cruzam e se afetam mutuamente, formando novos corpos que se encontram. Os especialistas falam da transformação criadora e definem o mundo como organismo vivo, um sistema que tem como atributo essencial a autoprodução. Os seres se fazem e refazem-se por meio das conexões que cada corpo estabelece com outros corpos.

A ligação entre diferentes aspectos da vida de um grupo de pessoas pode ser entendida como uma teia de conhecimento, que reflete a sua maneira de pensar, agir e integrar-se no ambiente ao seu redor. Essa teia de conhecimento é única para cada comunidade, pois está intimamente ligada à sua cultura e história.

Portanto, a interação entre os diversos elementos que compõem a vida de um povo é complexa e interligada, resultando em uma rede de significados e relações. Isso mostra a profunda conexão entre os seres humanos e o ambiente em que vivem, destacando a importância de compreender e respeitar a diversidade cultural e a variedade de formas de conhecer. Neste arcabouço, reforçamos a importância do que Barreto (2021, p.88) nos indica: “A melhor maneira de cuidar da pessoa do ponto de vista dos especialistas indígenas é a prevenção, realizada através do *bahsese*. Aliás, os povos do Alto rio Negro são especialmente preventivos”.

Ainda nesse ambiente, para o povo Baniwa⁴, nos estudos de Wright (1996, p.77), temos “os pajés (maliri) e os donos-dos-cantos (malikai-iniali) têm papéis e atributos distintos, mas complementares que diferenciam as suas práticas, mas não de modo exclusivo”. Vejamos que para o povo Baniwa, os *maliri* (pajé), tem seu poder fundamentado em seu “conhecimento extenso e na compreensão da mitologia e cosmologia, tão bem como o conhecimento detalhado e sistemático das fontes múltiplas de doenças e suas curas.” (Wright, 1996, p.78). De acordo com este mesmo autor,

Os pajés que completam sua aprendizagem alcançam os níveis mais altos dos cosmos, notavelmente onde se encontram o Dono de Doenças, Kuwai, e o Dono de *Pariká* e Tabaco, Dzuliferi. Estes “pajés de verdade” são capazes de curar todas as doenças maia graves e têm poderes de realizar uma variedade de atividades, tais como o controle do clima, a passagem das estações, a obtenção de recursos alimentares (fazer amadurecer as frutas da floresta, abrindo as “casas das almas” dos animais de caça), e tarefas relacionada ao bem-estar humano (ação defensiva ou agressiva contra inimigos pessoais; proteção contra os maus augúrios). Pajés de verdade também têm conhecimentos e poderes relacionados às preocupações escatológicas. Agem como guias para as almas na sua passagem às casas dos mortos, e comunicam-se com os antepassados e espíritos dos mortos. Intercedem junto às divindades em favor da humanidade em tempos de crise social” (Wright, 1996, p.79).

Nesse caso, a sabedoria ancestral do povo Baniwa, o maliri (pajé) “através de seu papel de mediador entre os aflitos e os espíritos e divindades do panteão Baniwa, os pajés curam, aconselham, e orientam o povo, desempenhando assim, um dos serviços mais vitais para a saúde e bem-estar contínuo da comunidade” (Wright, 1996, p.78).

Para o povo Yanomami⁵, ou melhor, para Davi Kopenawa, o primeiro xamã-xapiri, configurou-se no filho de Omama (criador de tudo). Este tornou seu filho o primeiro xamã, para

⁴ O nome Baniwa é usado para todos os povos que falam línguas da família Aruak ao longo do Rio Içana e seus afluentes. Deve-se enfatizar, porém, que não se trata de uma auto-designação. É um nome genérico usado por esses índios quando se fazem representar em contextos multiétnicos ou diante do mundo não-indígena. Walimanai significa "os outros novos que vão nascer" e é uma auto-designação usada em contraste com os antepassados, Waferinaipe, os heróis culturais e divindades que criaram e prepararam o mundo para os vivos, os seus descendentes, os Walimanai de hoje. Essas comunidades indígenas mais frequentemente usam como auto-designações os nomes das suas fratrias como Hohodene, Walipere-dakenai ou Dzauinai. Disponível em: [Baniwa - Povos Indígenas no Brasil \(socioambiental.org\)](http://Baniwa - Povos Indígenas no Brasil (socioambiental.org))

⁵ Os Yanomami formam uma sociedade de caçadores-agricultores da floresta tropical do Norte da Amazônia cujo contato com a sociedade nacional é, na maior parte do seu território, relativamente recente. Seu território cobre, aproximadamente, 192.000 km², situados em ambos os lados da fronteira Brasil-Venezuela na região do interflúvio Orinoco - Amazonas (afluentes da margem direita do rio Branco e esquerda do rio Negro). Constituem um conjunto cultural e linguístico composto de, pelo menos, quatro subgrupos adjacentes que falam línguas da mesma família (*Yanomae*, *Yanômami*, *Sanima* e *Ninam*). Disponível em: [Yanomami - Povos Indígenas no Brasil \(socioambiental.org\)](http://Yanomami - Povos Indígenas no Brasil (socioambiental.org))

fazer dançar os xapiris e curar o seu povo. Este saber ancestral nos revela que sua conexão com o transcendental é que norteia seu povo. A explicação do ser Yanomami, revela que o filho de Omama tinha a seguinte missão:

Com estes espíritos, você protegerá os humanos e seus filhos, por mais numerosos que sejam. Não deixe que os seres maléficos e as onças venham devorá-los. Impeça as cobras e escorpiões de picá-los. Afaste deles as fumaças de epidemia xawara. Proteja também a floresta. Não deixe que se transforme em caos. Impeça as águas dos rios de afundá-la e a chuva de inundá-la sem trégua. Afaste o tempo encoberto e a escuridão. Segure o céu, para que não desabe. Não deixe os raios caírem na terra e acalme a gritaria dos trovões! Impeça o ser tatu-canastra Wakari de cortar as raízes das árvores e o ser do vendaval Yaporari de vir flechá-las e derrubá-las! Essas foram as palavras que Omama deu ao filho. Por isso, até hoje os xamãs continuam defendendo os seus e a floresta. Mas, também protegem os brancos, apesar de serem outra gente, e todas as terras, até as mais imensas e distantes (Kopenawa, 2015, p.61).

Segundo a visão desse especialista yanomami, os xamãs desempenham um papel fundamental na proteção e cura da comunidade contra os danos e males causados pela interferência dos "brancos" em seu habitat natural. Estes líderes espirituais possuem uma compreensão que transcende os limites da vida terrena, sendo capazes de entrar em contato com espíritos guardiões que lhes revelam o futuro em suas viagens transcendentais que lhes mostram o caminho para ter boa sorte na caçaria e outros. As regras de convivência com os seres da terra e do cosmo permite aos xamãs acessarem conhecimentos e visões que estão além da compreensão comum, tornando-os figuras de grande importância e respeito dentro da sociedade Yanomami.

A preparação desses especialistas em prevenção, cura e proteção começa no ventre materno, quando os conhecimentos são transmitidos de geração em geração. É importante ressaltar que para exercer essa função há um chamado superior, destinado a determinadas pessoas. O xamã, o pajé ou o especialista têm conhecimentos inexplicáveis e seu treinamento envolve renúncias materiais e um aprimoramento espiritual intenso.

Sem desconsiderar os grandes estudiosos sobre o assunto, usaremos o termo “Especialistas do Rio Negro”, conforme Barreto (2021), ou “Especialista de cura” para referenciar esses detentores de tamanha sabedoria ancestral. “Especialistas”, portanto, refere-se a pajé, xamã, kumu, maliari, hekura, xapiri e diversos outros. Neste trabalho, é fundamental definir essa categoria para entender como esses conhecimentos se relacionam à Jurema Sagrada no contexto rio negro.

Diante do conhecimento dos especialistas rio-negrinos, é inquestionável reconhecer que a expertise adquirida ao longo de suas vidas os coloca como protagonistas de sua cultura. Sua epistemologia única os distingue, uma vez que empregam toda sua energia na prática de cura, rituais e interpretação do mundo físico e espiritual, buscando equilibrar as forças entre humanos, espíritos e natureza.

Nestes termos, o *mutawarisá*⁶ do povo Baré⁷, também é um processo de cura pelo benzimento e pelas plantas medicinais. Na visão de Salgado (2016, p.49),

[...] mas o que é o benzimento? Benzer uma pessoa é o ato de rezá-lo, pedindo que dela se afaste todos os males ou doenças que esteja presente na pessoa que está sendo benzida, fazendo sempre o “sinal da cruz” sobre a pessoa, rezando as orações de acordo com a doença ou o caso no momento, com o objetivo de consagrá-la pedindo ajuda dos céus, aos santos, a Deus.

É fundamental reconhecer a importância e eficácia desses especialistas na promoção da cura, prevenção, proteção e do alívio espiritual. No entanto, muitas pessoas recorrem aos especialistas em momentos de desespero e angústia em busca de cura e solução para seus problemas. E recorrem a aqueles que mais se identificam,

Geralmente se dividem, como especialistas, sendo uns bons para certo tipo de doença, já outros são melhores para outra, ou seja, uma reza com eficácia para quebrante, outro reza para a “mãe do corpo”, outro para doenças diversas, um outro para majuba-encanto, tendo aquele que reza para doenças feitas (estragos feitos por outras pessoas) (Salgado, 2016, p.18).

Destarte, os especialistas do Rio Negro são reconhecidos como guias espirituais, auxiliando indivíduos na superação de seus males e no reencontro consigo mesmos. Seu dom, adquirido ou natural, transcende a comunidade em que vivem, influenciando a sociedade a buscar uma conexão mais profunda com a natureza e o sagrado.

Esses especialistas têm sua prática antiga, que se origina nos primórdios da história humana e envolve conhecimentos transmitidos por meio da vinculação com a natureza e a

⁶ Na língua nheengatu significa benzimento.

⁷ Os indígenas Baré e Werekena (ou Warekena) vivem principalmente ao longo do Rio Xié e alto curso do Rio Negro, para onde grande parte deles migrou compulsoriamente em razão do contato com os não-índios, cuja história foi marcada pela violência e a exploração do trabalho extrativista. Oriundos da família linguística aruak, hoje falam uma língua franca, o *nheengatu*, difundida pelos carmelitas no período colonial. Integram a área cultural conhecida como Noroeste Amazônico. Disponível em: [Baré - Povos Indígenas no Brasil \(socioambiental.org\)](http://Baré - Povos Indígenas no Brasil (socioambiental.org)).

espiritualidade. Aqueles que possuíam esse conhecimento eram muitas vezes rotulados como bruxos ou loucos, devido à falta de compreensão e preconceito em relação ao assunto.

O tema em questão pode nos ensinar muito, pois devemos nos permitir olhar para dentro de nós mesmos e compreender o mundo não à nossa maneira, mas de acordo com a maneira como ele responde aos nossos desejos.

No mundo contemporâneo capitalista, conforme Davi Kopenawa, o povo da mercadoria enxerga através da lógica da razão e sofre as consequências das mudanças que o mundo e a vida estão passando. As florestas, os rios, a natureza e o ar estão respondendo a esse processo da razão. Devemos mudar e aprender com os povos originários a ver além do que está diante de nós. Nossas ações precisam ser modificadas para que possamos vislumbrar um futuro melhor. E isso depende de cada um de nós, respeitando a nós mesmos e respeitando a mãe terra. Senão,

Quando todos nós tivermos desaparecido, quando todos nós, xamãs, tivermos morrido, acho que o céu vai cair. É o que dizem nossos grandes xamãs. A floresta será destruída e o tempo ficará escuro. Se não houver mais xamãs para segurar o céu, ele não ficará no lugar. (Kopenawa, 2015, p.153).

1.2. Conhecimento tradicional dos povos rio negrinos

O conhecimento tradicional é aquele que brota das ancestralidades, do edifício mitológico, da oralidade, das experiências. Ensina o surgimento do cosmo, da alimentação, dos animais, do comportamento, dos afazeres domésticos e outros para viver. Um saber que varia de acordo com cada povo e que se assemelha na transmissão, a oralidade. De acordo com Davi Kopenawa,

Os brancos se dizem inteligentes. Não o somos menos. Nossos pensamentos se expandem em todas as direções e nossas palavras são antigas e muitas. Elas vêm de nossos antepassados. Porém, não precisamos, como os brancos, de peles de imagens para impedi-las de fugir da nossa mente. Não temos que desenhá-las, como eles fazem com as suas. Nem por isso elas irão desaparecer, pois ficam gravadas dentro de nós. Por isso nossa memória é longa e forte (Kopenawa, 2015, p. 53).

Todo conceito é complexo, na medida em que se trata de uma construção no processo de oralidade, como é o caso dos conhecimentos tradicionais. Conforme Cunha (2009, p.302):

É curioso que o senso comum não as veja assim. Para este, o conhecimento tradicional é um tesouro no sentido literal da palavra, um conjunto acabado que se deve preservar, um acervo fechado transmitido por antepassados e ao qual não se deve acrescentar nada. Nada é mais equivocado: o conhecimento tradicional consiste tanto ou mais em seus processos de investigação quanto aos acervos já prontos transmitidos pelas gerações anteriores. Processos. Modo de fazer. Outros protocolos.

Na contribuição da transmissão oral, vejamos o que um grande xamã Yanomami nos diz sobre o conhecimento: “não tenho velhos livros como eles, nos quais estão desenhadas as histórias dos meus antepassados. As palavras dos *xapiri* estão gravadas em meu pensamento, no mais fundo de mim.” (Kopenawa, 2015). E conforme este mesmo autor,

Muito tempo depois de eu já ter deixado de existir, elas continuarão tão novas e fortes como agora. São essas palavras que pedi pra você fixar nesse papel, para dá-las aos brancos que quiserem conhecer seu desenho. Quem sabe assim eles finalmente darão ouvidos aos que dizem os habitantes da floresta, e começarão a pensar com mais retidão a seu respeito? (Kopenawa, 2015, p.45)

A vida familiar e comunitária constituem elementos fundamentais no cotidiano dos povos originários, sendo pautada por um conjunto de conhecimentos e práticas que visam garantir a sobrevivência e o bem-estar coletivo. A prioridade está no compartilhamento de conhecimentos/metodologias de investigação e na manutenção de relações baseadas na solidariedade e na harmonia com o ambiente natural. E,

Os processos de rituais de iniciação, tanto para homens como para as mulheres, sempre eram praticados com uma preparação para a nova fase da vida, passando assim, depois de todo processo, a estar prontos para fazer seu trabalho. Pois, para nós, é uma forma de passar os conhecimentos e ser aconselhados pelo mais velho (sábio), que dará um conselho de como se preparar ou seguir a vida, seja individual ou familiar (Barroso, 2015, p.22).

Dessa forma, a rotina desses povos é orientada pela busca de sustentabilidade, em detrimento do acúmulo de bens materiais ou do individualismo, prioriza a manutenção da vida em sua plenitude. Razão pela qual,

Sabe quem são, diferenciam-se entre si, não são iguais, não creem nas mesmas coisas, não falam as mesmas línguas, não tem os mesmos rituais, não moram ou casam da mesma forma, não educam os filhos e cuidam dos idosos da mesma maneira, mas todos privilegiam o diálogo com o outro, pois isso

aprendem e se apropriam com outros sentidos das coisas que vêm da cultura colonial, da sociedade ocidental, sem com isso deixar de ser quem são. Em outras palavras, independente dos colonizadores, os povos autóctones do Brasil. Depois de 500 anos de imposição cultural e tentativas inúmeras de eliminação de seus territórios, suas línguas, suas culturas, mantem sua identidade coletiva e histórica nos cantos, nos jogos, nos mitos, garantindo sua cosmovisão que os mantêm seguros de quem são e para onde caminham. (Grando, 2023, p.18)

Os habitantes das comunidades rionegrinas têm uma relação inseparável com a natureza, manejando seus recursos, como frutas, castanhas, vegetais, peixes, animais de caça, produção de farinha dentre outros, que por muitas décadas têm sido fonte de sustento e subsistência para essas populações. A convivência respeitosa com a natureza é uma característica marcante desses povos, que através de práticas/conhecimentos/metodologias tradicionais, obtêm os recursos necessários para sua sobrevivência.

Enfim, tudo isso nos mantém vivos, sabendo das regras, temos conhecimentos sobre tudo, você vivendo e praticando é o que chamamos de “Bem Viver e Viver Bem”, pois para continuarmos sendo nós mesmos, precisamos de tudo isso para sermos felizes. Nós Baniwa trabalhamos muito dia após dia, sem um dia de folga (Fontes, 2019, p. 156).

A nomeação de São Gabriel da Cachoeira como capital dos Povos Indígenas ressalta a importância de valorizar e revitalizar as tradições e conhecimentos das comunidades, bem como promover o respeito à diversidade cultural presente na região do Alto Rio Negro.

No contexto amazônica, observa-se uma riqueza cultural que remonta aos tempos primordiais dos povos amazônicos. Apesar do extermínio de parte dessas populações durante o processo de colonização, a sobrevivência e a transmissão de suas tradições são evidentes.

É notório que, os especialistas rio negrinos, são os detentores desses conhecimentos e metodologias tradicionais, conforme Fontes (2019, p. 225).

Os especialistas indígenas são eternos pensadores, sentados individual ou coletivamente, analisam as transformações sociais, os conflitos, as intrigas, as discussões, as desintegrações dos grupos, as saídas das famílias do lugar, as mudanças nos sistemas de casamentos. Analisam as influências externas, tais como músicas, educação, empregos, influência de bebidas alcóolicas e seus efeitos. Desintegração de sistema de tratamentos pessoais e nominais. Apontam o desinteresse dos jovens indígenas em aprender seus próprios conhecimentos. Analisam as mudanças de tempo, do desequilíbrio dos bioindicadores do clima, do excesso de chuva, da cheia, do excesso da seca,

da escassez de peixes e da caça. Analisam o excesso de raios e trovoadas, dos surtos de doença, das picadas de cobras, dos acidentes fatais. Preocupados entram em ação colocando em operação os seus conhecimentos de benzimentos para mitigar os problemas.

As narrativas históricas, frequentemente distorcidas e manipuladas, estão sendo reescritas com a contribuição ativa dos próprios indígenas: Dr. João Paulo Lima Barreto (2021), Francineia Bitencourt Fontes (2019), Lilian Lizardo Salgado (2016), o xamã Yanomami Davi Kopenawa (2015), Justino Sarmento Rezende (2021) dentre outros, que resistem e lutam pela valorização e reconhecimento de suas identidades. Esse movimento de mudança vem promovendo uma nova perspectiva sobre a cultura amazônica, trazendo para a luz a autenticidade e pluralidade desse rico patrimônio cultural.

A resistência às estruturas estabelecidas pela sociedade, incluindo nossos modos de vida, práticas culturais, valores e crenças, tem sido historicamente um processo de confronto e luta. Neste contexto, os indivíduos têm se apresentado como guerreiros, persistindo na defesa de seus ideais e na busca por mudanças,

Enfim, temos que assumir que o que nós, estudantes indígenas, estamos fazendo dentro das universidades não é o mesmo que nos formar em especialistas de acordo com nosso modelo tradicional. O que estamos fazendo é outra coisa, e não podemos cair nas armadilhas de traduzir nossos conhecimentos de forma simplória, cedendo ao reducionismo científico. Creio que traduzir palavras seja diferente de traduzir o pensamento (Fontes, 2019, p. 225)

A transmissão de conhecimentos e valores, por meio da oralidade e da prática, tem sido fundamental para a perpetuação das tradições e da cosmovisão de determinados grupos. No entanto, em um contexto contemporâneo, a escrita também se apresenta como uma ferramenta poderosa para consolidar e difundir essas visões de mundo. Com isso, Barreto, (2021, p.16) relata a importância de sua aprendizagem oral nos repasses de valores morais, éticos e de vivência social,

[...] éramos orientados a seguir regras bem definidas, como: modo de falar com as pessoas, postura de sentar no banco, modo de participar das rodas de conversa, adoção de postura de aprendiz de Kihti uküse, bahsese e bahsamori, modo de dirigir a fala para os mais velhos, modo de cuidar do corpo, modo de trabalhar no roçado, a performance para recepcionar as pessoas e os amigos, dentre outras. Éramos também cobrados para não falar linguagem de baixo

calão, para não ser demasiadamente brincalhões e para não chamar as pessoas pelo apelido.

A potencialização dos conhecimentos tradicionais se destaca mediante a incorporação das ferramentas de poder convencionais, como a erudição e a reflexão sobre a sabedoria indígena. Nesse ínterim, a educação, o registro formal dos saberes e a conscientização das novas gerações e dos embates sociais operam como agentes de transformação.

Na atualidade, também se precisa de especialistas para refletir a partir dos conhecimentos de nossos avós e dos conhecimentos atuais para apontar novos caminhos. Vivemos em épocas diferentes, e entre nós organizamos novas comunidades, construímos escolas, comércio e igrejas. As mudanças sociais resultam do acesso à educação escolar, em que se adquirem outras visões sobre a vida e geramos novas formas de organização social (Rezende, 2021, p. 395).

Nesse formato, a resistência não se limita apenas às batalhas físicas, mas também se manifesta na manutenção e disseminação de conhecimentos e práticas que têm sido historicamente marginalizadas, por exemplo a categoria “saber” em detrimento de conhecimento indígena. A luta por manter viva a diversidade cultural e a pluralidade de experiências continua sendo um aspecto fundamental da resistência contemporânea.

E o que era antes conhecido pelo lado colonizador, hoje temos a oportunidade de falar a nossa verdade: do jeito que viviam nossos antepassados, da relação de respeito que temos com a natureza. “Com essas conexões de saberes de todas as partes, os nossos ancestrais cuidavam do bem-estar desse mundo” (Rezende, 2021, p.22).

Os nossos saberes ensinados por nossos pais, avós estão em nosso íntimo, e as leis do mundo ocidental nos garantem direitos que nos ajudam a manter nossas tradições vivas. “Somos iguais e diferentes. Iguais no corpo, na inteligência e no respeito. Diferentes na língua, no jeito, no costume. Somos todos iguais e diferentes: índios, negros e brancos” (professores indígenas do Acre, 1998).

Outro saber tradicional amplamente presente entre os povos indígenas é constituído por suas crenças que fundamentam a cosmologia de um grupo específico, permeando os rituais de prevenção, cura e proteção conduzidos pelos especialistas rio negrinos.

Esse conhecimento ancestral não apenas delineia as origens e a estrutura do universo, mas também orienta as práticas de preservação da saúde e segurança física, alimentar e espiritual dentro da comunidade indígena. Assim, as crenças indígenas desempenham um papel

fundamental na sustentação do equilíbrio e bem-estar das sociedades tradicionais. Um exemplo disso,

Os encantados são uma crença respeitada entre os povos Baré. Citamos sempre o curupira, mãe da mata e da natureza, que não deixa desrespeitar a natureza, no sentido de fazer coisas indevidas, que não agradem a natureza, por exemplo, deixar queimar um peixe sendo assado, provoca trovoadas, ventanias, temporal, o que nós chamamos de *saruã* (Barroso, 2015, p.22).

Destarte, através dessa reflexão, evidencia-se a importância dos conhecimentos de um povo. Mesmo com o passar dos anos, novos saberes podem ser incorporados, porém a essência, a identidade e as ações no mundo permanecem inalteradas. Analogamente, a profundidade das raízes representa a sustentação da estrutura, permitindo que mesmo diante das adversidades as folhas possam cair, mas o grupo permaneça firme e pronto para renascer com ainda mais vigor e robustez.

Neste sentido outra crença surgiu que transformou a história e a cultura dos povos colonizados,

Hoje temos uma crença que segue em todo rio negro sobre as ditas festas de santo nas comunidades, que acontecem em meses diferentes dependendo da data que seja para o santo, em que empregados da festa, mordomos, juizes de mastro, festeiro, cada um com um papel fundamental para essas festas, pagam suas promessas por doenças, entre outras coisas assim, conforme a necessidade de firmar o compromisso com o santo ou santa (Barroso, 2015, p.22).

Essas celebrações refletem, igualmente, a incorporação dos conhecimentos provenientes das missões religiosas colonizadoras, os quais foram assimilados e integrados aos costumes locais, tornando-se tradições que persistem na vida cotidiana rio negrina. Tal observação evidencia que novos saberes podem, e de fato são considerados legitimamente integrados ao repertório cultural da comunidade. Portanto, conforme a citação acima do trabalho de Manuela Carneiro da Cunha (2009, p.302) a transmissão de conhecimentos entre as gerações não se trata de um conjunto fechado de normas: o que se transmite entre as gerações são metodologias de investigar e interpretar o mundo (não apenas o mundo natural, mas também o mundo do outro, humano ou não-humano). Essas metodologias são as balizas para o processo de incorporação de novos elementos simbólicos. A passagem desses conhecimentos/metodologias fortalece os vínculos comunitários, fomenta a continuidade das práticas e ajuda na coesão social e autoestima coletiva.

É essencial reconhecer e apreciar esses conhecimentos em nossa sociedade, assegurando sua transmissão para as próximas gerações e mantendo viva a cultura e diversidade de cada povo. Isso colabora com a construção de uma sociedade mais igualitária, inclusiva e sustentável.

Nesses termos, não podemos esquecer esse processo de incorporação entre os conhecimentos indígenas e afrodiáspóricos na formação da Jurema Sagrada em São Gabriel. É de suma importância por diversos motivos, essa união favorece o fortalecimento da identidade cultural, a continuidade das tradições e o reconhecimento da diversidade étnica e cultural da região.

Além disso, ela auxilia na ampliação de uma compreensão mais diversa e pluralista do saber, valorizando as experiências e práticas de diferentes grupos sociais. No âmbito do Alto Rio Negro, essa interação reforça os vínculos comunitários, estimulando o diálogo intercultural e a compreensão mútua entre povos indígenas e afrodiáspórica, muitas vezes marcados por histórias de resistência e convivência.

Essa troca de conhecimentos enriquece as manifestações culturais, religiosas, artísticas e sociais, formando uma matriz cultural plural. A valorização dessa relação também é fundamental para a conservação ambiental, pois muitos saberes tradicionais indígenas e afrodiáspórica estão relacionados ao uso sustentável dos recursos naturais, ao manejo da floresta e às práticas de cuidado com o solo. Pois, para Mar; Souto; Cesar (2024, p. 143),

A construção do Brasil, como hoje é conhecido, está intrinsecamente associada à diáspora africana. Com a forçada chegada de milhões de africanos escravizados ao Brasil no decorrer do período colonial, teve um impacto imensurável em todas as instâncias da sociedade brasileira da demografia à cultura, religião, música, culinária e as próprias estruturas sociais e econômicas.

Nessa configuração, essa união de conhecimentos contribui para a sustentabilidade e a autonomia das comunidades locais. Por fim, essa integração estimula o reconhecimento oficial e social dessas culturas, ajudando a valorizar a diversidade étnica e a combater o racismo, o preconceito e a exclusão social.

Assim, a conexão entre conhecimentos indígenas e afrodiáspórica também é essencial para a construção de uma identidade cultural sólida, inclusiva e sustentável na região do Alto Rio Negro, em São Gabriel da Cachoeira.

Visto que, a cultura afrodiaspórica, “carregaram, desde sua morada original, suas práticas religiosas, o que desencadeou processos socioreligiosos, bem como o desenvolvimento de sujeitos transculturais que vivenciam e incorporam múltiplas culturas em suas identidades e experiências religiosas” Mar, et al (2024, p. 143-144). E legitimando estes termos na visão de Goldman,

[...] cerca de 4 milhões de pessoas que podem ter chegado ao que hoje chamamos de Brasil encontraram milhões de indígenas, vítimas de um genocídio paralelo à diáspora africana, processos que, nunca é demais lembrar, sustentam a constituição desse mundo chamado moderno (Goldman, 2015, p.645).

1.3. Jurema Sagrada: Recanto dos Orixás

Jurema velha Jurema. Teu segredo onde está? Está nas margens do rio, ô Jurema, nos pés de um juremar. Quem trabalha com a Jurema, deve saber trabalhar. Tanto cura doente, ô Jurema como faz se levantar. O segredo da Jurema todo mundo que saber. É como casa de abelha, ô jurema trabalha sem ninguém ver. Quem vai pra jurema, quem vai pra jurema sou eu, no mundo tem um ditado senhores mestres, quem engana outro é judeu. O vajucá quando flora, a rama varre o chão. Eu abalei mesa branca com a força de Salomão, Salomão é rei, Salomão foi Deus quem mandou chamar, com o poder de Jesus Cristo, nosso pai celestial. Ê Jurema. Salve a Jurema Sagrada. (Ponto de Jurema)⁸.

Quando questionados sobre a definição da Jurema Sagrada, não hesitamos em afirmar que se trata de nossa crença, nossa fé e nosso segmento espiritual. No entanto, ao discorrer sobre este tema, é necessária uma explanação mais abrangente devido à sua historicidade e diversidade.

A Jurema Sagrada é um culto contemporâneo fruto do processo secular de trocas e reelaboração das tradições indígenas, juntamente com a introdução mais recentes dos cultos afro-brasileiros na região (especialmente a umbanda e o candomblé), Miranda (2018, p.17). A mesma autora revela que:

A Jurema Sagrada como umas das religiões presentes nas comunidades de terreiro vem ganhando visibilidade nos espaços públicos nos últimos 10 anos. Isto vem alterando o cenário e as catalogações sobre as religiões afro-

⁸ Melodias cantadas que trazem um significado, um recado, um ensinamento, um chamado às entidades espirituais.

brasileiras que não identificavam a existência da Jurema, ou mesmo consideravam-na um culto residual. Vale destacar ainda que o próprio campo de estudos das religiões afro-brasileiras identifica a configuração das atuais religiões de matriz africana como produto de transformações sociais brasileiras do início do século XIX, ainda que sua origem possa ser mais remota (Miranda, 2018, p.39).

Nesta conjuntura, abordaremos a Jurema Sagrada como uma crença religiosa indígena de cura do nordeste brasileiro, que possui uma cosmologia própria e é caracterizada por sua rica tradição que, desde tempos remotos desenvolveram uma cosmovisão própria e uma série de saberes transmitidos de geração em geração. Assim,

O termo jurema vem do tupi “Yu-r-ema” e Cascudo (1978:98) define o nome dado a uma “arvore espinhenta do sertão, da qual o gentio extraía um suco capaz de dar sono e êxtase a quem o ingeria”. É pratica comum a utilização de duas espécies de jurema: a preta (*Mimosa hostilis benth*) e a branca (*Vitex agnus castus*). Essas espécies são empregadas em bebidas, banhos, remédios, defumadores, a fim de curar os males físicos e espirituais (Assunção, 2006, p.19. APUD Silva Junior, 2011, p.39).

É relevante ressaltar que a Jurema Sagrada, ao longo dos tempos, teve sua trajetória moldada pela presença de africanos escravizados para solo brasileiro. Quase a partir do tráfico transatlântico desses cativos, ocorreu um intercâmbio cultural que acabou por transformar a religiosidade das populações indígenas locais.

De tal modo, que os ancestrais cultuados pelos africanos aprisionados começaram a ser inseridos aos rituais da Jurema Sagrada, que seguindo o traço xamânico de suas práticas, apropria-se de novos elementos conforme o contexto, para aumentar sua força e repertório de cura, que mescla elementos indígenas e africanos. E,

a planta “jurema” é possuidora de seres dotados de “espírito” próprio, com a capacidade de comunicação e intervenção sobre os “problemas” que afligem os indivíduos. Além dessa concepção, é visível na diversidade da “jurema” encontrada em Allhandra a combinação de um conjunto de símbolos trazidos do catolicismo popular e da cultura africana, traduzidos nos elementos simbólicos das imagens de santos católicos, orações, búzios, melodias, maracás, flores, bebidas e na presença dos “espíritos” de índios, caboclos e mestres (Assunção, 2006, p.94 APUD Silva Junior, 2011, p.40)

A Jurema Sagrada destaca-se por sua receptividade à influência de diferentes crenças ao longo do tempo, integrando novas práticas e ideias religiosas. A umbanda emerge nesse conjunto variado de convicções e pontos de vista. Para uma análise mais detalhada e relevante

dessa tradição religiosa brasileira, é fundamental evitar generalizações reducionistas e preconceitos ao situar a Jurema Sagrada no contexto mais amplo da umbanda.

É importante notar que a Jurema Sagrada mantém sua identidade indígena e possui uma visão de mundo que valoriza a conexão com a natureza, a veneração dos ancestrais e a busca pelo equilíbrio entre os seres humanos e o cosmo.

A Jurema Sagrada ilustra uma cultura que preserva suas raízes ancestrais, demonstrando como o respeito pelos antepassados e a reverência pela natureza são essenciais para o fortalecimento de suas práticas espirituais e identitárias.

A identidade indígena, da Jurema Sagrada, não é apenas uma herança do passado, mas um componente vivo que influencia a maneira como esses povos percebem sua relação com o mundo. A valorização da ligação com a natureza evidencia uma compreensão de que o ser humano faz parte de um sistema maior, onde o equilíbrio entre todos os seres é vital para a continuidade da vida.

Essa visão de mundo fomenta uma ética de cuidado, respeito e reciprocidade com o meio ambiente, conceitos que podem enriquecer também as perspectivas ocidentais de sustentabilidade e convivência melódica com a natureza. Além disso, a veneração dos ancestrais reforça a ideia de que o conhecimento transmitido de geração em geração é fundamental para a transmissão de suas práticas espirituais e culturais.

Essa relação com os antepassados espirituais assegura a continuidade de tradições que trazem sabedoria sobre o uso dos recursos naturais, rituais de cura e celebrações comunitárias, promovendo uma identidade coletiva sólida e resistente.

Por fim, a busca pelo equilíbrio entre os seres humanos e o cosmos reflete uma visão de mundo que valoriza a harmonia universal. Essa perspectiva pode servir de inspiração para o mundo moderno, sugerindo que o desenvolvimento sustentável e a convivência pacífica dependem do reconhecimento da nossa conexão intrínseca com o ambiente e dos valores tradicionais de respeito e cuidado. Em resumo, a cultura da Jurema Sagrada nos convida a refletir sobre a importância de buscar um equilíbrio que beneficie toda a comunidade.

Os rituais da Jurema Sagrada estão profundamente relacionados às plantas e ervas, que são consideradas sagradas e utilizadas para alcançar a cura, a proteção e a comunicação com o divino.

A complexidade do território da Jurema mostra-se na própria maneira de praticar a tradição. É permanente aquilo tido como “ciência” – a sabedoria das plantas, a maneira de invocar os ancestrais e alguns processos e ritos. Apesar

disso, a multiplicidade dos cultos se faz presente, como se diz na boca dos Juremeiros, “cada casa é uma casa”. Mas podemos identificar elementos que perpassam as tradições como o cachimbo, o fumo e o maracá. O cachimbo além de servir para limpezas e defumações, apresenta a função de um portal. Nele está uma das chaves de conexão com as cidades encantadas e com os conhecimentos de cura dos indígenas (Monteiro, 2020. p.55).

Além disso, o culto aos espíritos e a prática da mediunidade também são aspectos importantes da Jurema Sagrada. Acredita-se que os espíritos ancestrais possuem conhecimentos e poderes que podem ser acessados pelos médiuns durante os rituais, trazendo orientação e sabedoria para a comunidade.

Em São Gabriel da Cachoeira-AM, o grupo da Jurema é composto por juremeiros e juremeiras, com conhecimentos medicinais e xamânicos, tendo como instrumentos o cachimbo, tabaco (mururô/na língua tukano e pitima/nheengatu), ervas, plantas e o seu maracá na realização de seus rituais, que são um dos subsídios identitários mais aparentes.

A identidade dos praticantes da Jurema Sagrada no cenário contemporâneo é um campo de negociações complexas, onde tradições ancestrais interagem com processos de modernização, mercado, e políticas de reconhecimento, configurando uma dinâmica de resistência, adaptação e transformação. E ainda enfrentam os preconceitos pela falta de conhecimento. E muitas vezes ofendidos pelos estigmas de macumbeiros, feiticeiros, fazedores de maldade etc.

Diante disso, é crucial que haja um esforço conjunto para compreender, respeitar e proteger essas manifestações culturais, reconhecendo nelas não apenas um valor essencial enquanto expressão de comunidades específicas, mas também seu potencial de enriquecer a diversidade cultural que o cerca. Ao enfrentar os desafios impostos pela modernidade, os praticantes da Jurema Sagrada não apenas resistem, mas também se adaptam e se transformam, preservando a essência de sua identidade cultural em meio às complexidades do mundo contemporâneo.

1.3.1 – Localização do Recanto dos Orixás

O Recanto dos Orixás, onde se pratica a Jurema Sagrada, está localizado em meio a mata fechada do Assentamento Teotônio Ferreira, Ramal 1, nº. 310-A. É um espaço que conglomerava diversos conhecimentos tradicionais, entre eles os dos povos indígenas

representados pelo Clã⁹ Mapinguari¹⁰ (Baré e Tukano). Que tem por finalidade auxiliar na superação das feridas físicas, emocionais e espirituais daqueles que buscam sua ajuda. Bem como, se ajudarem mutuamente.

O Recanto (sítio), tem a abundância de árvores frutíferas, é um ambiente que abriga um barracão recentemente construído em alvenaria (2023), com o quarto dos Santos e Caboclos (no momento juntos) ainda necessitando de acabamento e a casa dos Exús que ainda está em construção.

A infraestrutura do local é mantida pelos filhos de Muraquisara¹¹ e pelos filhos de fé da casa (juremeiros). A qual, quando necessário, todos se juntam e organizam vendas de comidas e outros para fazer melhorias no espaço.

No sítio tem pequenas casas de madeira para o abrigo dos filhos em momento de festas, descanso, preparações espirituais e materiais antes das concentrações festivas ou trabalhos individuais.

Possui uma extensão do igarapé *wuacatunum*, e uma nascente de água branca. Não possui luz elétrica, tem fossa séptica. O barracão construído é de chão batido para sentir as forças que vem da terra.

A localização do Recanto situa-se fora dos limites urbanos, demandando o uso de transporte para acessar o local, o que, por sua vez, limita a visibilidade de suas atividades. No entanto, conforme os ensinamentos tradicionais dos mestres da Jurema, "quem quer, vai onde estiver"; ou seja, a busca é motivada pela necessidade e pelo desejo, independentemente das dificuldades de acesso. Dessa forma, a Jurema não se seleciona, mas, ao contrário, ela é quem escolhe seus praticantes.

Abaixo algumas fotos do lócus da pesquisa.

⁹ Nossa família se identifica com esse termo.

¹⁰ Os indígenas Rio Negrinos possuem uma crença em relação ao mapinguari, seres protetores da fauna e flora amazônica. Dentro dessa cosmovisão, os mapinguaris são respeitados como seres sobrenaturais que agem como guardiões dos territórios indígenas, protegendo-os contra invasores que causam danos à natureza.

¹¹ Matriarca do clã mapinguari, que na língua nheengatu significa trabalhadeira, e em português chamava Adelina Gama, já ancestralizou.

Fotografia 01. Recanto dos Orixás.



Fonte: Acervo da autora (2015)

Fotografia 02. Barracão do Recanto dos Orixás



Fonte: Acervo da autora (2024).

Fotografia 03. Festa de Cosme e Damião - Bisnetas de Muraquisara e Sua Filha Pixu



Fonte: Acervo da autora (2022)

Fotografia 04. Consagração de um filho de Jurema - A frente a primeira filha de Muraquisara.



Fonte: Acervo da autora (2022)

1.3.2 – Como surgiu o recanto?

O terreno onde está localizado o Recanto dos Orixás foi doado pelo ex-cunhado de Clarinda Moura Fernandes, filha de Américo Fernandes (Diakaru) do povo Dessana, e ao seu esposo Jorge Gama de Oliveira, filho de Muraquisara. A doação ocorreu em virtude da gratidão e apreço que ele nutria por eles, que cuidaram e continuam cuidando do espaço até os dias atuais.

Um fato interessante relatado sobre a iniciação da Jurema no recanto foi a união dos saberes dos especialistas o Kumu Americo Fernandes do povo Dessana ao saber da Juremeira Valdiza Gama de Oliveira / Putira pituna¹² (Baré).

Conta-se que o sítio não prosperava, as fruteiras não davam frutos bons, havia a presença em excesso de cobras peçonhentas e as árvores estavam morrendo. E seus saberes de proteção, cura e outros estavam encontrando resistência na resolução dos problemas. O mestre Kumu Diakaru, sabendo do conhecimento sobre a Jurema Sagrada e dos mestres de Putira pituna (cunhada de Clarinda), pediu ajuda.

Foi quando a juremeira se deslocou até o sítio, fez seu ritual para chamar (invocar) a mestra que ela incorpora¹³ (Dona Erundina)¹⁴ para conversar. Nesse dia estavam presentes, Adelina Gama/Muraquisara, Jorge, Clarinda, Putira Pituna, Elza Moura Fernandes e Emerson Mendes da Silva e as crianças da família.

A mestra Erundina fez a defumação no lugar, andou por todo sítio, cantou e clamou ao homem grande (Oxalá) que permitisse a Ossain (Orixá das ervas, folhas, plantas, das matas, da natureza) para que dali em diante houvesse a cura dos males ali postos. Usou de sua sabedoria para fortalecer o benzimento do Kumu Dessano. Foram horas de defumação com seu cachimbo. O especialista Kumu não estava presente fisicamente, mas sentiu as forças espirituais da fumaça de mururõ/tabaco em sua casa (relato da filha).

Semanas depois, Diakuru vendo que o ritual deu certo e o sítio começara a prosperar, e após também curar sua filha Elza em momento posterior ao ritual de limpeza do sítio, o especialista Dessano reconheceu que a mestra da juremeira Putira Pituna tinha uma sabedoria diferente que o ajudou a curar a terra onde está o recanto hoje.

¹² Flor da noite na língua nheengatu.

¹³ Recebe os espíritos invocados

¹⁴ Princesa Turca que se encantou nas águas doces, conhecida como cabocla Erundina, que trabalha com curas.

Dessa forma, o Kumu Diakuru demonstrava profundo respeito pelos membros do clã quanto pelo conhecimento da Jurema. Tal reverência perdurou mesmo após o seu falecimento e transição para a ancestralidade. Ademais, foi possível observar que ele quando vivo estabelecia diálogos com os mestres espirituais da Jurema, evidenciando a intersecção entre os diversos saberes presentes em sua trajetória.

A integração de conhecimentos enriqueceu o espaço, juntando os rituais tradicionais de prevenção, cura, proteção, benzimento, banhos e demais práticas procuradas pelos frequentadores do Recanto dos Orixás. Atualmente, o local é reconhecido pela intensidade espiritual que é percebida por aqueles que o frequentam.

1.3.3 – Quando funciona?

Antes da travessia para a ancestralidade de Muraquisara (2021), o recanto era frequentado principalmente pelos bisnetos, netos e filhos devido à afinidade deles com a figura central do clã, a anciã Muraquisara, que gostava de passar o tempo no sítio e participar regularmente das giras, encontros realizados para convocar os mestres da Jurema. Assim, o recanto servia como um núcleo essencialmente familiar, priorizando a interação entre parentes em detrimento do atendimento a consultas externas.

Apesar disso, as portas do recanto nunca foram fechadas para aqueles que manifestassem interesse em frequentá-lo em busca de cura para seus males, sejam eles de natureza material, espiritual ou corporal. Ouvindo falar sobre o espaço, muitas pessoas despertam a curiosidade e se dirigiam até o lugar em busca de alívio e orientação.

Atualmente, o recanto funciona sob demanda, abrindo suas portas sempre que surge a necessidade de atender a consulentes, bem como nas datas festivas, promovendo momentos de encontro e intercâmbio entre os frequentadores.

1.3.4 – Principais eventos

Os descendentes de Muraquisara utilizam as memórias do convívio com ela no recanto como um recurso de fortalecimento, sendo que atualmente se reúnem para comemorar os eventos festivos relacionados aos Orixás, Santos, caboclos, Erês, Exus, Pretos Velhos, entre outros aspectos da religiosidade afro-brasileira e juremeira.

Adicionalmente, participam de rituais de cura destinados à sua própria família ou a consultantes externos, evidenciando a continuidade e relevância da prática de cura no contexto contemporâneo.

Em ocasiões festivas ou encontros, a abertura das atividades é liderada pela Filha de Muraquisara, a juremeira Putira Pituna, que exerce a função de zeladora do Santo. Atualmente em processo de transição para o cargo de Ialorixá, ela é responsável por coordenar o início e término dos encontros espirituais, conhecidos como giras.

Para isso, conta com o auxílio dos irmãos sanguíneos e/ou de fé juremeiros/as. O cronograma de atividades segue anualmente. Geralmente acontece nessas datas, porém podem sofrer variações em razão do dia ou do planejamento do barracão e dos filhos de fé.

Atividades Festivas	Data	Mês
São Sebastião/Oxóssi	20	Janeiro
São Benedito e Cabocla Erundina	13	Abril
São Jorge/Ogum	23	Abril
Nossa Senhora de Fátima e Pretos Velhos	13	Maio
Santo Antônio	13	Junho
São Pedro	29	Junho
Ciganos e José Pilintra de Santana Inguê	29	Agosto
Cosme e Damião/Erês	27	Setembro
Cabocla Mariana	13	Novembro
Nossa Senhora da Conceição/Oxum, Iemanjá, Iabás	08	Dezembro

1.3.5 – Quem compõe a comunidade?

De acordo com os relatos dos consulentes, filhos de fé local e de outras casas de culto afro-brasileiro (vindos de outras cidades) ou participantes, identifica-se um diferencial na casa em questão. Este diferencial reside no fato de que, desde a matriarca até os bisnetos, todos os membros da mesma família que frequentam o local são juremeiros indígenas da do povo Baré e Tukano. Essa característica desperta admiração por parte dos frequentadores, os quais observam a presença majoritária desses membros familiares nas atividades realizadas no recanto.

Outro aspecto que merece destaque é a presença, em sua maioria, de descendentes que demonstram possuir habilidades naturais, tais como a capacidade de incorporar espíritos

invocados, a habilidade de ler cartas, uma sensibilidade aguçada, a prática do *mutawarisá* (ritual de benzimento), ou o conhecimento sobre plantas com propriedades curativas.

Durante muitos anos, a aceitação e o reconhecimento dessa realidade foram negados pelos filhos, que sofreram preconceitos ou testemunharam discriminação. Além disso, a matriarca da família tomou medidas para suprimir qualquer manifestação de habilidades curativas ou espirituais, realizando benzimentos para proteger seus filhos.

A existência dessas capacidades foi influenciada pelos progenitores de Muraquisara, que foram envenenados devido aos conflitos internos referentes à linhagem dos Kumuã/pajés (xamãs) do povo tukano. Esses ancestrais possuíam um vasto conhecimento das energias dos elementos naturais e as manifestavam em rituais sagrados envolvendo as matas, água, terra, ar e fogo.

Destarte, o recanto é frequentado por um público diversificado em termos de idade e classe social, e etnias buscando acolhimento para suas aflições. Ademais, o ambiente conta com a presença de indivíduos que compartilham laços sanguíneos ou de fé, os quais estão em processo de aprimoramento mediúnico, colaborando para as atividades espirituais ali realizadas.

1.3.6 – Como iniciou a comunidade?

Conforme mencionado anteriormente, o surgimento do recanto decorreu da colaboração entre os especialistas, o Kumu Dessano (Diakaru) e a juremeira Baré (Putira Pituna). No entanto, o foco de nossa análise breve recai sobre a habilidade de Putira Pituna como juremeira e do Recanto como espaço que realiza os rituais diversos da Jurema Sagrada.

Putira Pituna, aderiu ao Ilê Obá Sirimin Pai Tota de Oxum em Manaus/AM após um infortúnio pessoal, onde teve seu primeiro contato com a Jurema Sagrada e as práticas da umbanda.

Originário de Recife, nordeste do Brasil, Pai Tota de Oxum se estabeleceu na capital do Amazonas, levando consigo os fundamentos e ensinamentos da Jurema Sagrada e da Umbanda. Contudo, a narrativa detalhada dessa experiência será abordada em momento mais oportuno, visando a divulgação das informações relevantes.

É proeminente destacar no presente processo o envolvimento da juremeira Putira Pituna, que foi iniciada nas práticas da Jurema Sagrada e Umbadista na casa de pai Tota. Durante sua iniciação, ela passou por diversos rituais sagrados, tais como o batismo, as

consagrações e o tombo da Jurema. Os detalhes desses rituais são considerados sigilosos e não serão discutidos neste contexto.

Durante esse processo de iniciação, Putira Pituna adquiriu conhecimentos e habilidades relacionadas à ciência das ervas, plantas, cachimbos e rezas utilizadas na prática da Jurema e Umbanda. Para ela, a Jurema é detentora de segredos e mistérios profundos, aos quais ela teve acesso por meio de sua iniciação.

A comunidade que integra o recanto se engaja em práticas de prevenção, consulta, cura, proteção, busca por conforto e aconselhamento para lidar com suas angústias. E desta maneira a comunidade se iniciou tendo em vista a procura para respostas de infortúnios pessoais e de outras pessoas que visam o mesmo objetivo.

1.3.7 – Como iniciou a relação com a Jurema?

A relação com a Jurema Sagrada teve início no ano de 2015, quando os mestres de Jurema foram incorporados por Putira Pituna, filha de Muraquisara, do clã Mapinguari.

Putira Pituna trouxe consigo o conhecimento da jurema adquirido na casa de Pai Tota de Oxum. Ao visitarem o local pela primeira vez, os mestres da Jurema o denominaram de Recanto dos Orixás, devido à sua energia e ligação com a tradição e espiritualidade afro-indígena.

Mas, essa relação se deu em razão da matriarca do clã Mapinguari/Muraquisara sempre trazer consigo o seu profundo conhecimento das matas, tirando piaçava, balata, cipó, roça e/ou pelo seu conhecimento das plantas curativas ou pela sua habilidade em proteger-se.

A matriarca, conhecida por muitos mestres da Jurema Sagrada como a Velha Mapinguari/Adelina Gama (in memoriam), sempre foi muito respeitada por eles pela sua grande fé. Adelina Gama veio a falecer em 2021 em decorrência da Covid-19, deixando um legado de saberes e práticas tradicionais que permeiam a cultura e os rituais do clã.

A velha Mapinguari, na educação de sua infância com o povo Tukano, foi fundamental para o fortalecimento de suas raízes culturais, apesar de não falar a língua tukano, ela tinha uma boa compreensão dela.

Criada na região do Baixo Rio Negro¹⁵, em São Gabriel da Cachoeira-AM, onde se falava o *nheengatú*, conhecida também como língua geral, ela se expressava e entendia muito bem. Com cinco filhos, ela se viu obrigada a mudar para a sede do município (Tawa) para criar suas crianças após se separar do pai de seus filhos. Apesar das dificuldades enfrentadas, ela conseguiu superar os obstáculos com sua grande fé e crença em seus ancestrais.

A líder feminina, ficou órfã ainda criança e foi criada pelos seus tios *kumu/pajé*, adquiriu conhecimentos de cura e proteção através da observação das plantas e orações usadas em diferentes doenças, mesmo não tendo recebido instrução formal por ser mulher¹⁶.

Com a prática constante, ela aprimorou suas habilidades e foi capaz de ajudar aqueles que precisavam, sem ser reconhecida como benzedeira ou curandeira. Sempre manteve em segredo seus conhecimentos.

Foi através da participação em rituais e encontros com pessoas de fora (nordestinos) que ela descobriu a poderosa energia da Jurema Sagrada, Umbanda e Candomblé, e a importância das ervas e plantas para banhos, curas e proteção. Essa sabedoria se uniu ao conhecimento do povo indígena de Muraquisara, que também utiliza as plantas para os mesmos fins.

As ervas da jurema têm origem na grande benevolência de Deus, que nos abençoou com a natureza, e ao povo indígena que compartilha seu conhecimento cosmológico. Para ambos, a criação é regida pela força dos quatro elementos: ar, fogo, terra e água.

É crucial compreender a semelhança entre o conhecimento da Jurema Sagrada na Umbanda e a visão de mundo dos povos indígenas, já que ambos reconhecem na natureza a fonte de toda a energia cósmica necessária para compreender o universo, a vida.

Parafraseando Barreto (2021, p.46), quando fala sobre o corpo como “síntese de todos os elementos”. O corpo humano é composto por elementos fundamentais da natureza, incluindo luz, floresta, terra, água, animais e ar, sugerindo uma profunda interconexão entre o homem e o mundo natural. Tendo em vista que,

Todas essas forças ou elementos do corpo são chamados de *kahtise*, essenciais para o bom funcionamento e para o equilíbrio da pessoa. Seu desequilíbrio

¹⁵ Para os moradores de São Gabriel da Cachoeira-AM, esta subdividida entre Alto, Médio e Baixo Rio Negro (Rio Principal). E seus afluentes como o Rio Waúpes, Içana, Xié, Tiquié e Cauaburis.

¹⁶ No Alto Rio Negro, essa função social de especialista em cura é exclusiva dos homens iniciados, que passam por intensos rituais até serem reconhecidos como *kumuã*. Há um forte patriarcado no contexto indígena, estruturado socialmente pelas cosmologias da região. Mas isso não quer dizer que não existam mulheres especialistas em cura, afinal, as mulheres foram as primeiras donas desses conhecimentos e das flautas sagradas.

pode gerar distúrbios ou até mesmo levar a pessoa à morte. Por essa razão, é muito importante o cuidado com o corpo para o bem-estar e seu cuidado é feito equalizando os elementos imateriais que compõem o corpo. Para prevenção, proteção, abrandamento das dores e cura é feito *bahsese* potencializando os elementos imateriais que constituem o corpo (Barreto, 2021, p.46).

Na mesma linha de pensamento, os conhecimentos indígenas corroboram com a prática da Jurema Sagrada, porque o *bahsese* (Tukano) e o Mutawarisá (Baré) dentre outros são práticas de cura que lançam mão dos elementos da natureza. Em razão da cura do corpo e do espírito. Já que, “o que é curado no doente é o corpo e o espírito, porque o espírito está dentro do corpo, se o corpo se cura, logo o espírito também, porque se a pessoa melhorou é porque o espírito está forte” (Salgado, 2016, p. 81).

E dentro dessa conjunção, a liderança do clã era representada por Muraquisara, uma mulher do povo Yepemasã (Tukano) que teve uma grande descendência, incluindo 6 filhos, 24 netos, 31 bisnetos e 13 tataranetos. Muraquisara/trabalhadeira habilidosa, utilizava sua experiência para transmitir valores de vida e, quando confrontada, mostrava sua sabedoria para corrigir os outros. Ela sempre foi uma figura forte, corajosa, determinada e de uma fé inabalável.

Fotografia 05. Muraquisara/Matriarca do Clã Mapinguari.



Fonte: Acervo da autora (2019).

A importância da presença feminina e dos conhecimentos tradicionais de Muraquisara era essencial para garantir que a educação dos filhos fosse bem-sucedida e os valores fossem transmitidos no dia a dia. As mulheres ensinavam tarefas domésticas, cuidados pessoais, respeito aos mais velhos e a divisão de trabalho entre homens, mulheres e crianças.

Ela, assim como seus antepassados, adquiriu conhecimento sobre as propriedades medicinais das plantas e as utilizava no tratamento de doenças de sua família. Ela cultivava essas plantas em seu quintal e as utilizava conforme necessário para aliviar diversos sintomas, como dores de barriga, de cabeça, febre, hemorragias e feridas, entre outros problemas de saúde.

Essa prática de utilizar plantas medicinais passou a ser transmitida de geração em geração na família de Muraquisara, demonstrando a importância cultural desse conhecimento. A habilidade dela em identificar as plantas corretas e utilizá-las de forma adequada era resultado de anos de aprendizado e experiência, aliados ao profundo respeito e conexão que ela mantinha com a natureza ao seu redor. Por meio dessa relação ética com o ambiente, Muraquisara conseguia compreender as propriedades medicinais das plantas e utilizá-las de maneira eficaz.

Além disso, a presença das plantas curativas em seu quintal demonstrava a preocupação de Muraquisara em manter a saúde e o bem-estar de sua família. A variedade de males tratados pelas plantas evidenciava o amplo conhecimento que ela possuía sobre suas propriedades terapêuticas. Nascendo assim, de forma inata uma juremeira.

Para Muraquisara, o ser juremeira ia muito além do simples conhecimento das propriedades medicinais das plantas, era a representação da fé inseparável e das preces fervorosas para os Santos Católicos, aliadas às forças ancestrais e à natureza.

Apoiava-se também no sincretismo religioso dos Orixás da Umbanda, nos mestres da Jurema Sagrada, Encantados, Caboclos, Oxóssis, Guardiões (Exus, Pombagiras), erês, boadeiros e Pretos Velhos. E seu vasto conhecimento botânico e respeito pela natureza, bem como sua linhagem ancestral dos Yai, Kumu e Baya¹⁷ (BARRETO, 2021, p. 14) se entrelaçavam para fortalecer sua crença.

1.3.8 – Quem faz uso da Jurema?

¹⁷ Entre os povos do Alto Rio Negro, existem três categorias de especialistas: Yai, Kumu, Baya. São detentores de conhecimentos, exercem o ofício de “xamã”, e são formadores de novos especialistas. Todos eles têm a mesma base de formação, mas cada um tem sua especialidade

Como foi observado, as plantas da jurema preta (*Mimosa hostilis benth*) e da jurema branca (*Vitex agnus castus*) possuem a capacidade de produzir uma bebida que causa efeitos tanto soníferos quanto extasiantes. Além disso, essas plantas são utilizadas para diversos fins, como banhos, remédios e defumadores, com o intuito de curar problemas tanto físicos quanto espirituais.

A região em que se encontra o recanto não possui essas árvores, sendo necessário adquiri-las por meio de compra para que sejam utilizadas apenas nos rituais preparados pelos mestres da Jurema.

Esses rituais são realizados em momentos especiais, como na entrega da bebida ou semente para um consulente em uma ocasião de grande importância ou em rituais de cura nos quais o uso dessas plantas é considerado essencial. Até o momento, somente os membros da casa e alguns seguidores fieis fizeram uso dessa bebida ou sementes.

Além das plantas da jurema, diversas outras plantas, ervas e sementes são utilizadas para fins de cura, sendo que partes das árvores da jurema são reservadas somente para ocasiões muito especiais.

1.3.9 – Quem realiza a cura e proteção?

Recanto dos Orixás é um local que possui grande força cósmica, entrelaçada com o axé dos Orixás, porém ainda é pouco conhecido devido aos preconceitos enfrentados pelos juremeiros, muitas vezes rotulados de forma pejorativa como macumbeiros ou praticantes de magia. No entanto, Muraquisara, uma juremeira inata, não se abalou com tais estigmas, aumentando sua influência através de sua filha Putira Pituna.

Os encontros realizados no Recanto dos Orixás para as giras, rituais de cura, proteção e celebrações, envolvem pontos cantados e a incorporação dos mestres encantados da Jurema, caboclos, erês, boiadeiros, malandros, exus e outros que, dependendo da entidade louvada, iniciam e encerram a mesa. Esses encontros proporcionam aos juremeiros e consulentes a oportunidade de conversar e buscar orientações espirituais para suas angústias.

Dentre os mestres da Jurema que trazem suas doutrinas de cura e proteção no recanto, destacam-se Cabocla Erundina, Cabocla Mariana, Caboclo 7 Flechas, Dona Braba, Mestre Sibambá, Mestre Antonio Olímpio, Mestre José Pilintra de Santana Inguê, Oxossi Tupiaçu e os erês Joazinho, Mariazinha, Dalerinho, Orquidea, Jorginho. Para alcançar seus objetivos, utilizam instrumentos como ervas, fumaça de cachimbo, banhos e rezas.

Assim sendo, o Recanto dos Orixás, liderado pelo clã Mapinguari, herdado de sua matriarca Muraquisara, tem a cura e o bem-estar como finalidade. Que muitas vezes são alcançados através do uso de plantas medicinais, cujo conhecimento é transmitido de geração em geração para aliviar sofrimentos físicos e emocionais.

Isso fortalece a comunidade e reforça o sentimento de pertencimento. Os rituais e práticas compartilhadas promovem a solidariedade e cooperação entre os membros, transmitindo valores morais, éticos e espirituais às novas gerações. Por meio dessas lições compartilhadas, busca-se formar indivíduos conscientes, responsáveis e comprometidos com a comunidade e a tradição.

Esses saberes atávicos dos povos originários, são elementos fundamentais para a difusão e cuidado da identidade cultural do povo ao longo do tempo. Estes conhecimentos são relembrados de geração a geração através de narrativas históricas, práticas ritualísticas, danças, costumes e tradições, constituindo uma teia de saberes essenciais para a sustentação e transmissão do conhecimento prático do dia a dia da família e da comunidade.

Neste contexto, a perpetuação do clã é um aspecto crucial, onde a transmissão dos saberes tradicionais tem a finalidade de assegurar a continuidade e a preservação da identidade cultural do grupo em todas as fases da vida, desde o nascimento até os rituais fúnebres. Esses conhecimentos são compartilhados de forma a garantir que a herança cultural seja mantida e assumida pelas novas gerações. A transmissão destes saberes permite a compreensão e a perenidade destes conhecimentos, fortalecendo a identidade e a continuidade dos povos originários e sua história.

Para tanto, o clã mapinguari em suas tradições tem em seu nome a força ancestral do ser que protege as matas e, segundo narrações provenientes da tradição indígena, os mapinguaris empregam uma série de táticas com o propósito de aterrorizar garimpeiros, desmatadores e outros invasores de suas terras. Estas astúcias se destinam a induzir a desorientação e até mesmo problemas de saúde nas referidas pessoas, configurando uma forma de castigo pela transgressão do território sagrado das comunidades indígenas.

No entanto, é importante ressaltar que a relação com os mapinguaris também pode ser interpretada como um reflexo da cosmovisão indígena, que reconhece a interconexão entre todos os seres vivos e a importância de manter um equilíbrio harmônico com a natureza. Esta crença não apenas destaca a sabedoria ancestral dos povos indígenas, mas também evidencia a necessidade de se respeitar e preservar a biodiversidade amazônica para garantir a sustentabilidade ambiental da região.

Dessa forma, a relação dos indígenas com os Mapinguaris não se limita apenas à mitologia, mas tem importantes implicações para a conservação e manejo responsável dos recursos naturais na Amazônia.

É interessante destacar que a figura da velha Mapinguari/Muraquisara era amplamente respeitada pela comunidade indígena da Jurema Sagrada, especialmente pelos guardiões, que reconheciam nela a posse de uma sabedoria singular. É importante falar, que esta detentora de conhecimento se manteve discreta, não fazendo alarde sobre sua erudição, mas, em momentos apropriados, manifestava-se de maneira significativa, impactando aqueles ao seu redor.

Essa manifestação era percebida como uma autêntica representante da tradição da jurema, reconhecida e reverenciada como uma verdadeira juremeira. Do mesmo modo, os descendentes da "velha Mapinguari" tentam prosseguir nesse caminho complexo do conhecimento por ela transmitido e pela fé inabalável que a guiava.

Destarte, o presente estudo se faz importante pela investigação acerca do sagrado do xamanismo e dos rituais juremeiros, visando contribuir para a produção de conhecimento acadêmico e para a desconstrução dos estigmas e preconceitos normalmente associados à cultura afro-indígena da Jurema Sagrada. Dessa maneira, a pesquisa se torna condescendente para a compreensão e valorização dessa prática espiritual, que historicamente tem sido marginalizada e desvalorizada no contexto social.

Portanto, a realização destas escritas se justificam pelo seu potencial em ampliar a visão acadêmica sobre essa tradição religiosa, oferecendo subsídios para uma reflexão mais profunda e crítica acerca das intersecções entre cultura, espiritualidade e identidade. Sendo necessário buscar meios de dar voz e visibilidade às religiões nativas e africanas, promovendo a valorização e o respeito pela diversidade religiosa. Somente assim será possível romper com a invisibilidade e estigmatização dessas práticas espirituais, contribuindo para a promoção de um diálogo intercultural mais justo e igualitário.

SEGUNDO CAPÍTULO: XAMANISMO E SEUS NARRADORES

...é impossível ignorar que o xamã possui um papel social positivo, sem estigma e construído culturalmente. As manifestações xamanísticas formam parte de um padrão lógico de representações dentro de uma determinada

cultura, onde a vocação individual da pessoa está de acordo com o papel previsto (Langdon, 1996, p.15).

Para abordar o tema em questão, solicito, inicialmente, a permissão dos especialistas da Jurema Sagrada e dos povos originários, a fim de que possam me guiar em sua sabedoria e, conseqüentemente, permitir a elaboração do que é passível de ser exposto. É importante ressaltar que nem tudo pode ser amplamente discutido, não por receio do saber, mas em virtude das implicações que esse conhecimento pode acarretar.

Aquele que promove o bem também pode, inadvertidamente, ocasionar o mal. Para que a cura se concretize, é imprescindível que se compreenda o que, como e por que determinada ação foi realizada. Nesse sentido, o especialista sabe o que fazer. E como princípio deve se pedir permissão ao pai maior e a espiritualidade para executar a ação com êxito. Então,

Oh! Jurema encantada, que nasceu no frio chão, dai-me forças e ciência mestra, a que deste a Salomão. Salomão bem que dizia, a seus filhos juremeiros, para entrar em Jurema, peça licença primeiro. Vamos salvar o relógio que é de nossa obrigação, vamos salvar o cruzeiro mestre, vamos salvar símbolo de Salomão. Deus que me salve o relógio nas horas que Deus marcou, Deus me guarde em Jurema, que ela nos confortou. Oh!,Girius Gomes, Oh!Girius Gomes, aonde estás, queira me ouvir, nas agonias, nos meus a vexames, eu me acho aqui. Meu pensamento é de ouro, minha fumaça é de prata e é de lei, aonde vai deixa marca. (Ponto de Jurema).

Esse é o rito inicial da Jurema Sagrada, e neste capítulo, iremos apresentar no tópico 2.1 os especialistas e suas atuações em relação à identificação, propósitos e características. Além disso, iremos expor algumas narrativas relacionadas aos processos de prevenção, cura e proteção. E em 2.2 apresento de forma sucinta como são os rituais de jurema e os Orixás cultuados no objeto de estudo.

Como mencionado anteriormente, o xamanismo e/ou pajelança, como é versado no Brasil, é uma prática espiritual que se revela em diversas culturas ao redor do mundo. Essa prática é marcada pela crença na capacidade de certos indivíduos que passam pelo ritual de aprendizagem, reconhecidos como xamãs, curadores, sacacas ou especialistas, de se conectar com a espiritualidade.

E nesse rio de conhecimentos, esses praticantes utilizam a dança, música, meditação e o uso de plantas sagradas para alcançar condições modificadas de consciência em busca de conhecimento, cura e orientação. E de acordo com Langdon (1996, p.28).

O xamanismo, como instituição, expressa as preocupações centrais da cultura e da sociedade, como a preocupação com o fluxo das energias e sua influência no bem estar dos humanos. Como visão cosmológica, tenta entender os eventos no cotidiano e influenciá-los. No seu sentido mais amplo, o xamanismo se preocupa com o bem estar da sociedade e de seus indivíduos, com a harmonia social e com o crescimento e a reprodução do universo inteiro. Abrange o sobrenatural, tanto quanto o social e o ecológico. Assim, o xamanismo é uma instituição cultural central que, através do rito, unifica o passado mítico com a visão de mundo, e os projeta nas atividades da vida cotidiana.

Dessa forma, enfatizamos a afinidade entre os seres humanos e a natureza, considerando que para os povos originários todos os elementos da terra possuem vida e significado. A conexão desses especialistas os transforma em intercessores entre o mundo terreno e a espiritualidade, que entram em uma condição de transe para acessar visões e informações do mundo transcendental, as quais são utilizadas para auxiliar aqueles que os procuram. Logo, “as formas de relações com o mundo, como território, são de relação social, pois, para que não haja desequilíbrio, tudo deve estar conectado e cada parte cumprindo sua função, vida floresta, vida animal, vida água, vida luz, vida ar, vida terra, vida nome/humana” (Barreto, 2021, p.71).

Nesta tessitura, os ensinamentos desses especialistas desempenham um papel fundamental na transmissão do conhecimento ancestral. Além de curar, eles compartilham mitos, lendas e sabedoria acumulada ao longo das gerações, transmitidas pela oralidade. E dentro desse aturá¹⁸ de conhecimento estão suas pusangas¹⁹, rituais, danças, artes, melodias e alimentos que são formas de expressão do sagrado. Desse modo,

A repetição desse ritual atualizava atos criadores das divindades e da humanidade. Por isso, nossos avós aperfeiçoavam suas capacidades de memorização, narração de histórias de vida, superação das dificuldades e conquistas...Depois cada um deitado na sua rede, continuava meditando sobre as realidades da vida. Pelo poder da mente esses nossos avós visitavam outras terras, outros espaços para dialogar com os seres divinos, seres da vida, das doenças, das curas etc...Nas festas aconteciam rituais solenes relacionados aos ciclos da vida humana e da natureza, seguindo calendários específicos. Os

¹⁸ Cestaria feita de cipó, usada pelos povos originários para carregar nas costas mandioca e diversos materiais.

¹⁹ Remédios para diversas curas na língua Nheengatú, falada pelo povo Baré.

rituais cotidianos e festivos envolvem a pessoa de corpo e coração (alma) numa esfera especial e superior. (Fontes, 2019, p.31)

Assim, os especialistas são essenciais para os povos originários, pois não apenas fornecem um sistema de prevenção, cura e proteção, mas também ajudam na transmissão da identidade cultural e na conexão com a ancestralidade entre o ser humano, a natureza e a espiritualidade. Sua atuação vai além da assistência à saúde.

Esses detentores do conhecimento não apenas garantem a continuidade das práticas tradicionais, mas também promovem um sistema colaborativo que alinha os esforços coletivos em benefício do bem comum. E dentro deste arcabouço, Barreto (2021, p.150), nos afirma que,

Os especialistas indígenas consideram o mundo terrestre como organismo, onde os seus elementos constitutivos se cruzam e se afetam mutuamente, formando novos corpos que se encontram. Os especialistas falam da transformação criadora e definem o mundo como organismo vivo, um sistema que tem como atributo essencial a autoprodução. Os seres se fazem e refazem-se por meio das conexões que cada corpo estabelece com outros corpos.

2.1 – Especialistas e suas performances

O Recanto dos Orixás, como referido anteriormente, é um espaço dedicado à prática da Jurema Sagrada, e apresenta-se como um espaço doméstico que incorpora, em sua essência, os ensinamentos de sua matriarca Muraquisara (in memorian) e da própria Jurema. Neste contexto, observa-se que a maioria dos descendentes manifesta, de maneira própria, a habilidade da incorporação, a qual foi adaptada na terminologia local para "encabocar"²⁰.

Os descendentes apresentam, em suas manifestações culturais, uma interação significativa de saberes que convergem na busca de soluções para suas enfermidades e de outros. Essas práticas incluem a utilização de pusangas (remédios) conhecidos pelos mestres de jurema, que são igualmente reconhecidas e empregadas pelos juremeiros das etnias Baré e Tukano transmitidos por Muraquisara.

²⁰ Aquele que tem o dom de receber os espíritos desencarnados com intuito de ajudar na tribulação dos consulentes, filhos ou visitantes do recanto dos orixás.

As ervas, plantas, e outras matérias primas da natureza (as pusangas) utilizadas pelos juremeiros são indicados para diversos males, porém quem indica sua posologia são os mestres de jurema, encabocados nos filhos de fé.

Fotografia 06. Filhos de Muraquisara, e ela própria.



Fonte: Acervo da autora (2016)

Vale salientar que somente Potira Pituna fez suas feitorias²¹ de Jurema para ser a zeladora do santo e mentora espiritual. Aos demais, foi de forma natural o brotamento dos conhecimentos do “encabocar”. Que, com a ajuda dos juremeiros vão florescendo (estão em desenvolvimento espiritual contínuo), mas também são bem mais cobrados em sua postura, responsabilidades e cuidados consigo e com os outros.

A força e o conhecimento presentes na prática religiosa têm suas raízes na ancestralidade juremeira e na linhagem indígena do clã mapinguari, evidenciando-se por meio de rituais iniciais, durante a realização das giras e ao seu término.

²¹ Processo de iniciação que o juremeiro passa durante anos para conhecer os saberes da Jurema Sagrada que também envolve autoconhecimento e desenvolvimento espiritual rotineiro.

Tais rituais envolvem procedimentos como banhos de descarrego (destinados à limpeza espiritual), banhos de chama (para proteção), defumações e a abstenção de alimentos pesados e de relações sexuais.

Essas práticas apresentam semelhanças com outros rituais tradicionais yepamahsã, conforme observado por Barreto (2021, p. 90), que destaca a importância dessas ações na manutenção da conexão com as origens ancestrais e na preservação do saber espiritual transmitido pelas linhagens indígenas.

A continuidade da formação de um especialista inclui ainda o controle do desejo sexual, a obediência às prescrições alimentares, o cuidado com o preparo da comida e ainda momentos de isolamento social, exclusão das atividades de caça, de pesca e demais afazeres cotidianos. Tendo passado todas essas etapas, o jovem se torna especialista em um dos ofícios de Yai, Kumu/Baya.

Os cuidados relacionados aos trabalhos espirituais são contínuos e, para que se obtenha êxito nas solicitações, a abdicação se torna uma condição necessária. Ademais, no início da gira, é fundamental que os pensamentos estejam alinhados em uma única vibração.

Nesse momento, realizam-se orações e louvações, com o objetivo de adentrar ao mundo espiritual, onde habitam os encantados, caboclos, mestres juremeiros, entre outros. Essa conexão espiritual é essencial para a eficácia das práticas e para a harmonização dos participantes. Um exemplo disso está na louvação,

Sentei no troco da jurema, sem saber o que estava fazendo, senti a terra estremecer, e o meu corpo fortalecendo. Vem cá Jurema, Jurema minha, vem cá Jurema que tú és minha madrinha. Vem cá Jurema, Jurema minha, vem cá Jurema que tú és minha rainha. (Ponto de Jurema)

Nesta perspectiva, quando a matriarca estava presente entre nós, o Recanto do Orixás emanava uma atmosfera de alegria e festividade. A fé de Muraquisara exercia um impacto contagiante sobre todos, proporcionando força e conforto às vidas de seus filhos, consulentes, juremeiros e visitantes.

Lamentavelmente, os filhos ainda não conseguiram se reencontrar, e em meio à sua dor, permitem que o Recanto adormeça. As narrativas que permeiam esse espaço remetem a um período em que Muraquisara promovia a vivacidade e a alegria do Recanto. Atualmente, o desenvolvimento espiritual é conduzido pela própria entidade que acompanha o juremeiro,

sendo que as atividades realizadas em benefício dos participantes também são executadas pelas entidades, com a colaboração dos filhos da casa, que se encarregam de registrar ou efetuar processos de cura e proteção sob a orientação da entidade.

Dessa maneira, salienta-se a relevância de que os adeptos da fê se preservem em estado de pureza, tanto no plano físico quanto no mental. As giras, rituais de invocação e comunhão, são convocadas unicamente mediante solicitação de um filho ou consulente que se encontre em profunda necessidade de amparo.

Porque, “nós Baré, acreditamos em capacidade sobre-humana, em que as doenças podem ser feitas por outras pessoas, o que é conhecido como feitiçaria, estrago ou praga, bem como as doenças causadas por seres encantados da mata ou da água” (Lizardo, 2016, p.50). Uma verdade a ser dita sobre isso, é que os encantados (mawià)²², só fazem mal quando seus espaços são desrespeitados. E a cura para isso está no mutawarisá (benzimento). Na qual, os filhos de Muraquisara buscam incessantemente as forças necessárias para perpetuar o legado sagrado de cura, proteção e prevenção que lhes foi confiado, honrando a tradição e a espiritualidade que a figura de Muraquisara representa.

Onde a Jurema Sagrada lhes dá o conforto necessário para dar continuidade a este legado, utilizando seus dons do encabocar e o conhecimento curativo pelo poder da natureza, suas rezas, orações e na sua grande fê. Sua voz ecoa em nossos ouvidos “tenham fê meus filhos, tudo vai dar certo”. Sua frase para todos. A seguir, apresenta-se um quadro demonstrativo de cinco especialistas juremeiros (netos e filhos de Muraquisara) e suas respectivas atuações no âmbito da espiritualidade, sendo identificados por seus nomes originais, oriundos do povo Baré.

Nome	Idade	Entidade	Características	Atividades
Pixú (Preta)	63	Caboclo Tupiaçu	Bravo; exigente; sério; trabalhador; valente; organizado; Caçador; profundo conhecedor das matas, do tempo (sol, lua e estrelas)	Cura com ervas, plantas, raízes; cigarro.
		Cigana Carmem	Dançarina; protetora; intensa; sedutora; conhecedora de magias;	Banhos de proteção, chama, amor; cartomância; garrafadas (chá) de cura com ervas, plantas, unguentos; Usa velas
Tii Wasú (Bicudo)	62	Curador das matas	Protetor; sério; astuto; observador;	Cura com ervas; plantas; raízes; casca de árvores, resina (breu branco, preto); benzimento.
		Caboclo Viturino	Meigo, gentil; cordial; bondoso; amável.	Cura com orações.
		Caboclo Pena Branca	Aconselhador; protetor; inteligentíssimo; criativo.	Ervas; plantas; folhas; cigarros; benzimento em água; limpeza espiritual;
		Cabocla Erundina (Encantada, irmã de Mariana e Toya Jarina);	Sábia; Séria; Exigente; não aceita falsidade; Hora vem como princesa da Turquia, hora como índia guerreira ajuremada; persistente;	Cura com ervas, plantas; amarração; orações; banhos; defumações; retira obsessores; Usam velas; cachimbo;

²²

Na língua nheengatu.

Potira Pituna (Flor da noite)	56 anos		controladora; trabalhadora; conselheira; bondosa.	
		Cabocla Mariana (Encantada);	Rebelde; desbocada; divertida; protetora; bela; curandeira. Benzedeira; forte, bondosa; carismática.	Usa velas; Cura com ervas, plantas; amarração; orações; banhos; defumações; rezas e orações; cachimbo.
		Mestre Juremeiro Jose Pilintra de Santana Igué;	Boêmio; protetor das mulheres desamparadas com criança; catimbozeiro; acolhedor; generoso; galanteador; exímio jogador de cartas, dados, etc;	Proteção econômica; cura com folhas e ervas; cachimbo; banhos; defumações; retira obsessores; orações; amarrações; Usa velas; etc.
		Boiadeiro/vaqueiro	Sério; Bravo; responsável; comprometido; verdadeiro.	Trabalham recolhendo espíritos obsessores; limpeza energética corporal e residencial.
		Erê Mariazinha (irmã de Joãozinho)	Criança brincalhona; esperta; alegre; amorosa; divertida; carinhosa; bondosa; amável; Tem profundos conhecimentos de trabalhos espirituais e não sabem desfazer.	Cura; Amarração (amor); quebraduras; benzimentos; desmentiduras; banhos;
		Erê Joãozinho;	Criança brincalhona; esperto; alegre; amoroso; divertido; carinhoso; bondoso; amável; Tem profundos conhecimentos de trabalhos espirituais e não sabem desfazer.	Cura; Amarração (amor); quebraduras; benzimentos; desmentiduras; banhos;
Wirá-Wasú (gavião)	24 anos	Preta Velha Maria Congá	Humilde; serena; paciente; curandeira; gentil; bondosa; amorosa; fervorosa; otimista; corajosa; benevolente; caridosa;	Cura; Benzimentos; defumações; emplaste; passes; banhos; Trabalha dentro do Rosario para as santas almas; ervas; plantas; cascas de arvores; Usa velas; cachimbo.
		Boiadeiro Cordão de Ouro	Exigente, protetor dos vaqueiros, sério; bondoso; trabalhador; responsável; bravo; destemido; forte;	Usam velas, rezas; orações; limpeza energética corporal e espiritual;
		Zé Malandro	Esperto; bem-humorado; carismático; habilidoso; protetor.	Cura, desamarra; desmancha; protege e abre caminhos;
		Erê Jorginho	Brincalhão; trabalhador; alegre; divertido; benevolente.	Cura quebraduras; quebrante; passes; banhos; costura rasgadas;
		Encantado Cobra Honorato	Bondoso; protetor; sério; generoso; carinhoso; bonito; irmão da cobra Caninana, que era má; desencantou e virou homem;	Cura com água os malefícios.
Potira Mirim (Flor pequena)	19 anos	Seu Turquia	Alegre; fala firme;	Cura;
		Beija-Flor	Jovem; Índia Guerreira; meiga; séria; sensível; ágil;	Cura com ervas; plantas; benzimento em água;
		Cabocla Jurema	Índia guerreira, flecheira, caçadora, forte; carinhosa; corajosa; ágil; conselheira; protetora; curandeira.	Cura com ervas; plantas; benzimentos; trabalha na fumaça do cachimbo; casca de pau; todos elementos da natureza.

As narrativas subsequentes são oriundas de indivíduos cujas vidas foram impactadas pela Jurema Sagrada e por seus praticantes. Neste contexto, a fé emerge como o principal vetor de interação entre os sujeitos envolvidos. Trata-se de uma conexão que, embora inexplicável, revela-se compreensível na medida em que reflete o anseio dos indivíduos por verem suas súplicas atendidas.

2.2 - O nascer de um filho

Sou filha caçula de Muraquisara, nomeada por ela de Potira Yaci (49 anos), do povo Baré e pelo juremar conhecida por “Moça bonita”. Minha vida sempre foi marcada por muita

persistência e responsabilidades, e com isso minha menina veio como um raio da manhã, que me trouxe esperança e a certeza de uma companheira para dias desafiadores, e assim é.

Embora o relacionamento que estabeleci não tenha alcançado o sucesso almejado, tenho a satisfação de reconhecer a força e a determinação que permeiam a personalidade de minha filha, que se configura como uma jovem mulher resiliente e minha companheira. Mas, não é dela que vou falar.

No meu segundo relacionamento, buscávamos a estabilidade em termos de bens materiais, bem como a cumplicidade necessária para a consecução de objetivos comuns, como à realização do sonho da casa própria, a aquisição de um meio de transporte, a continuidade dos estudos, entre outros aspectos essenciais à vida cotidiana.

Já possuindo uma filha, o panorama parecia favorável, no entanto, meu parceiro não compartilhava da mesma percepção. Com o passar dos anos, sentia-me sob pressão e, simultaneamente, percebia uma lacuna emocional. Embora tivéssemos alcançado e concretizado nossas aspirações materiais, havia uma insatisfação subjacente.

Foi então que, em 2007, iniciamos a busca para realizar nosso anseio de ter um segundo filho. Esse processo incluiu consultas médicas, a realização de diversos exames, a administração de medicamentos e, infelizmente, uma série de frustrações. A tristeza permeava minha existência, e surgiam questionamentos sobre as razões pelas quais não conseguíamos êxito. Fatores como minha rotina agitada, as exigências profissionais, a qualidade da minha alimentação e a minha idade geravam inúmeras dúvidas e incertezas a respeito da situação.

Como praticante da jurema, e de minha mamita ter conhecimentos de plantas, não poderia desconsiderar minhas crenças. Assim, realizava minhas orações e estabelecia diálogos com minha mamita, pedindo-lhe orientações sobre quais ervas utilizar. Em resposta, ela limitava-se a questionar: "Você tem certeza?", como se pressentisse os desdobramentos futuros que viriam a ocorrer.

Em busca de auxílio, recorri aos mestres da Jurema e durante uma gira em minha residência, a mestra Erundina (cabocla), afirmou: "Vou te ajudar, moça bonita²³, no momento certo". Meus olhos, então, se encheram de lágrimas de esperança, embora uma pontada de frustração me acometesse, pois o que mais desejava naquele instante era uma resposta afirmativa imediata. Mas, ela me ninou com sua cantoria e encanto,

²³ Como sou conhecida pelos mestres de Jurema no Recanto dos Orixás.

Existe no mundo uma muralha, feliz de quem dela avistar, é a muralha das três donzelas, que vivem no fundo do mar, no fundo do mar tem areia, nas águas do mar tem ciência, quem se acha perturbada nesse mundo. Pedi a Deus que lhe dê paciência. Segure ela Jumemar, segure ela, tem pena dela Juremar, tem pena dela. (Ponto de Jurema).

Ademais, meu companheiro também solicitou a intervenção da Cabocla Mariana-mestra Juremeira, na expectativa de que pudéssemos conceber nosso filho. Como entidades de sabedoria ímpar, e cientes de sua posição não superior a qualquer divindade, elas nos confortaram, indicando que no momento oportuno, estariam dispostas a nos auxiliar.

Passou-se um ano e já quase desistindo, recorri ao Kumu Diakaru (Seu Américo) especialista do povo Dessana, pai de minha cunhada, exímio em bahsese (benzimento). Pedi que minha cunhada e mamita me acompanhassem, como minha última esperança. Expliquei minha situação, minha cunhada transmitia em sua língua nativa e ele com sorriso sarcástico me olhou carinhosamente e pediu que trouxesse um pouco de água, acendeu seu tabaco (cigarro) e começou suas orações com baforamento de fumaça sobre todo meu corpo. E assim, continuou por minutos. Ao finalizar suas orações, pediu-me que tomasse a água.

Falou algo para minha cunhada que me repetiu em português “pra você trazer o que gosta de beber amanhã e depois de amanhã”. E assim o fiz com muita fé, levei água, suco, leite, refrigerante. E após o bahsese levava para casa e consumia até acabar os materiais benzidos. E durante 3 dias e no mesmo horário ele repetia o ritual de benzer os líquidos e baforar o meu corpo.

Sempre risonho e muito atencioso, o especialista Kumu Diakuru me “abençoava”. Ao finalizar o bahsese, ele falou para mim que esperasse que meu menino estava chegando. Não perdi a fé, e continuei tomando os materiais benzidos.

Vale ressaltar que o sábio Kumu Diakaru (in memorian) sempre esteve presente em minha vida, fez o ritual de passagem da menina moça com minha filha. E mesmo contrariando todas as normas étnicas do Alto Rio Negro, fez sua cerimonia, bahsese e deu o nome de sua linhagem a minha menina. A tornando sua filha menor. Desta maneira, minha menina tem seu nome em Dessana, quanto do meu povo Baré. Mas essa é uma outra narrativa, para outro momento.

Seguindo todos os protocolos de mutawuarisá (benzimento), bahsese, juremeiros e com tamanha esperança e fé continuei minha vida e quando quase no esquecimento em 2009

me descobri grávida. Os 5 primeiros meses foram como toda grávida, enjoos, cansaço, desejos, e etc. Fiz os acompanhamentos médicos da gestação como uma regra.

E no sexto mês, começou minha saga para me salvar e salvar meu filho, peguei malária e como não podia tomar a medicação, fui internada, e durante 1 mês fiquei hospitalizada, sob cuidados médicos. Minha angústia só aumentava com as normas hospitalares, minha filha não podia me fazer companhia, era menor de idade, minha mamita tampouco, já tinha idade avançada, meu companheiro tinha que trabalhar e era homem e não podia ficar na enfermaria.

Meus irmãos na sua maioria, fora da cidade, só podia contar com minha irmã Aida que um dia estava em casa cuidado dos seus e no dia do seu trabalho que era no mesmo hospital me pajeava com muito carinho. Todos os dias somente no horário de visita podia ver minha mamita e minha filha. Que martírio ver meus amores sumindo naquele corredor vazio. O choro tomava conta.

Meu companheiro durante o dia não podia. Conseguimos uma autorização para que pudesse me visitar no horário de 19:00h às 21:00h, porém, após sua ida, minha solidão era grande e mais uma vez o choro não se contia. E assim foi durante todo aquele mês.

Porém, minha fé me ajudou a estar naquele lugar, rezava o terço para Nossa senhora Aparecida todos os dias e cantava os pontos de jurema para aliviar minha solidão. Um deles era, “No rosário de Maria, samba lá de artilharia, pra me livrar dos inimigos, credo em cruz Ave Maria”. O inimigo que hora se fazia era a doença.

E outra, pedia ao meu mestre juremeiro, transitante de 7 falanges²⁴, José Pilintra de Santana Igué para me ajudar a superar tudo aquilo clamando a ele e pedindo força dos meus irmãos de sangue. Mentalizando “No alto daquela serra, sete mapinguari cantou, um canta outro responde, meu mestre estou lhe chamando”. Como um mantra isso se repetia, buscando forças naquele momento e sempre.

Ao se aproximar o sétimo mês, fui encaminhada a capital do estado Manaus, para continuar o tratamento, já que meu menino não aparecia mais no ultrassom por meu líquido amniótico estar muito espesso. E meus hematócritos estarem muito baixo, necessitando de uma transfusão. Mas, antes da transfusão tinha um último recurso, que era uma medicação que não tinha na cidade e que necessitava de acompanhamento mais profundo na capital. Desta forma fui removida, onde fui acompanhada semanalmente até o nascimento do meu bebê.

²⁴ São grupos de espíritos que agem em harmonia e sob um objetivo comum, com linhas energéticas, aproveitando as forças da natureza para trazer luz e força aos filhos de fé.

Durante toda a internação até o nascimento, também fui acompanhada pelo especialista Kumu Diakara com seus benzimentos em alimento e bahse espiritual, quanto pelo meu povo de Jurema, que também faziam os preparos de ervas e banhos. E toda espiritualidade Juremeira me acompanhou com recados em sonhos, com orientações a minha mamita do que podia comer, beber para proteger a nós dois.

No dia 18 de novembro de 2009, tive um desentendimento via telefone com minha cunhada que alterou meu sistema imunológico e neste mesmo dia tinha uma última consulta médica, que percebeu que estava muita agitada e com a pressão alta me encaminhou para a ultrassom, foi quando percebeu que já estava perdendo líquido amniótico e me internou.

Durante toda a tarde, não senti dor, porém perdia líquido. No final da tarde iniciaram a medicação para acelerar o parto. Às 21:00 já cansada, mas sem dor, a médica fez a orientação que o parto seria cesariano, às 5:00 horas entraria na sala de parto. Muitas coisas se passavam pela minha cabeça, mas uma coisa não deixei de fazer, foi rezar e pedir forças a Deus, a Nossa senhora do Bom Parto, a Nossa senhora Aparecida e ao meu juremar que pudesse nos salvar. Já tinha sofrido bastante por aqueles meses, mas não perdi a fé.

Assim, a presença da Jurema Sagrada e a sabedoria ancestral do Kumu Diakaru se entrelaçaram, aquecendo meu coração com sua essência espiritual. Às 5h25 do dia 19 de novembro de 2009, a vida se manifestou em sua plenitude: nasceu meu filho, a quem conferi o nome de Marupiara (nheengatu), aquele que, como os ventos favoráveis, traz consigo a boa sorte na caça e na pesca, e em todas as suas ações.

Marupiara, com sua existência, infundiu minha vida de novos sentidos e propósitos, proporcionando-me a força necessária para enfrentar os desafios que o destino impõe. Em minha jornada junto à Jurema, prostro-me em reverência diante da imensidão dessa benevolência e da permissão do Criador. Fui guiada pela sabedoria dos especialistas da Jurema Sagrada e do Kumu Diakaru, cujas tradições, em harmoniosa sinergia, possibilitaram a concepção do meu filho, que se torna o último neto de Muraquisara.

Assim, na intersecção do sagrado e do cotidiano, celebro a vida que brotou em mim, um testemunho do poder da ancestralidade e da união de conhecimentos que perpetuam a cultura e a esperança. E atualmente Marupiara tem 15 anos, faz o 1º ano do Ensino Médio Técnico em Administração, é goleiro de futebol e enche meu coração de alegria e gratidão a Deus em primeiro lugar, aos conhecimentos ancestrais da Jurema Sagrada e ao especialista Dessano Kumu Diakaru (in memoriam).

2.3 - O anúncio da peste (COVID-19)

É muito comum, a maioria dos Kariwa (não indígenas) não acreditarem em presságio ou previsões futuras dadas por nossos pajés e/ou sacacas ou no nosso caso pela espiritualidade juremeira. Quantas vezes somos indagados se nossas atividades de prevenção, cura e proteção funcionam. Como se nós fossemos responsáveis por dar certo ou não seus pedidos. Mas, uma doutrina fundamental para nós juremeiros é que tudo depende da fé que temos e do seguimento rigoroso das orientações espirituais. Pois, quem pede é que deve estar ciente do seu pedido e das consequências dele.

Aprendemos na física que toda ação tem reação. Ou seja, depende do seu pedido, de como faz, os preceitos e a fé que tens. Não estou dizendo para você acreditar na fé que professo, mas que deve respeitar. Pois, tudo depende da crença que você tem. Existem muitas crenças e todas são importantes dentro da sua vivência. Desta maneira, não poderia relatar o anúncio da peste (covid-19) sem antes contar o nascimento de Antônia Lara Mel, minha filha.

No dia 16 de junho de 2017 teve a festa de Santo Antônio no Recanto dos Orixás, como de costume toda a família foi. Geralmente são três dias de festa e ficamos por lá durante toda a festividade. No primeiro dia vai só a família e os filhos de fé, porque o ritual é de agradecimento e oferenda. No segundo dia é aberto ao público, pois é uma festa onde os mestres juremeiros, caboclos e os demais invocados vem à terra para confraternizar e agradecer as oferendas recebidas. São oferecidas comida e bebida a todos. No terceiro dia também é só a família que fecha a festa com a saída do ebó²⁵.

Fui ao recanto no primeiro dia e já estava esperando a chegada da minha menina. E ao chegar por lá, fomos nos acomodando e participando dos ritos iniciais da festa. E quando já estavam nos ritos a serem oferecidos, estava em terra a Erê (menina) Mariazinha, que veio até mim e falou “mamãezinha, volta pra casa que essa miririca (criança) já vai nascer, que a Jurema te guarde e a minha senhora esteja com vós”.

Aconselhada por ela e por todos os mais velhos do clã, retornei para casa. Por volta das 14:00h comecei a sentir as dores abdominais e minhas pernas incharam, fui à emergência.

²⁵ Oferenda às entidades espirituais em agradecimento, cura e proteção para algum infortúnio superado. Que pode ser alimentos, ervas, objetos simbólicos, velas, flores. O que o filho ou consulente desejar oferecer.

Quando cheguei lá, a obstetra fez o toque e me disse que já estava com 8 centímetros de dilatação. Passei o resto do dia, a noite toda.

E no dia 17 de junho de 2017, às 07:00h da manhã recebi a primeira medicação para ela nascer, recebi direto no colo do útero porquê estava transversa. Foi feita a segunda aplicação ao meio dia e a terceira às 15:00 horas, nessa última foi quando a obstetra rompeu a minha bolsa.

Enquanto estava em sofrimento no hospital, no recanto às 14:00h estava em terra seu José Pilintra, que pediu ao seu cambone²⁶ (tia Aurora) para vir à cidade e me dar a semente da jurema, porque estava correndo risco. E assim ela o fez.

E nisso, no recanto, seu José pediu ao Ogan²⁷ Fabrício Noberto para rufar os tambores como se estivesse chamando por alguém que ele tinha muito apreço. E ele fez com muito carinho e entusiasmo. Me lembro em lágrimas que depois de muito tempo, seu Zé falou que devia muito respeito ao Ogã, porque foi ele que rufou os tambores para ela acordar. Seu Zé Pilintra com sua sabedoria e Fabrício como Ogã são responsáveis pela vida da minha filha. Depois de Deus, claro.

Com a chegada da tia Aurora, por volta das 15:30h, colocou em minha boca as sementes da jurema (comi), rezamos juntas e aguardamos as orientações. Porém, nada diziam. Orientada por minha outra tia Aida via telefone, a tia Aurora a cada contração massageava a minha barriga e fazia movimento para virar a nenê. Foram 6 horas perdendo líquido.

Às 18:00h a médica veio até nós e disse que ia me preparar para a cesariana. Já cansada e com fé no mestre. Falei à minha tia que não iria fazer, que ela nasceria normal. Minha tia continuou massageando minha barriga no sentido do encaixe para nascer. Foi muito sofrimento, e nas minhas últimas forças, as 20:30 minha tia conseguiu encaixar e minha filha nasceu roxinha, roxinha, morta.

Quando ela nasceu, eu não ouvi o choro, já era mãe de 3 filhos. Virei meu rosto para vê-la e a equipe desesperada tentavam reanimá-la. Me retiraram da sala e demorou muito para que pudesse ouvir seu chorinho. Pela hora que nasceu até me trazerem foram horas de angústia.

²⁶ Filho de fê que tem o posto para servir as entidades espirituais ou a uma entidade específica enquanto estão em terra, ou seja, neste plano terrestre.

²⁷ O Ogã é o intermediário entre o mundo terrestre e o espiritual, facilitando a comunicação durante os rituais cantando, tocando instrumentos musicais como o atabaque, pandeiro, agogô, etc. Que ajuda a estabelecer a vibração necessária para que as entidades possam se manifestar. Todos saudam o Ogã em reverência por sua importância. Inclusive as entidades espirituais.

Não sei o que aconteceu lá dentro, só sei que quando veio ao meu encontro já estava bem. O medo que tive de minha filha ter sequelas foi grande, mas minha fé na Jurema Sagrada e na sabedoria de seu Zé, e em Deus me fez ter confiança e que tudo ficaria bem. Foi então que em agradecimento disse que faria uma feijoada para seu José.

Aos 3 meses de vida de Antônia Lara Mel, ofereci a feijoada para seu José Pilintra e como combinado convidei minha família. Em clima de confraternização almoçamos, jantamos, foi uma festa só. Mas, este dia também foi marcado por grandes revelações que até hoje dói. Essas lembranças, me fazem compreender que jamais devemos desconsiderar um aviso dos mestres Juremeiros.

Neste dia seu José Pilintra esteve conosco o dia todo, cantou, bebericou, fumou e numa das doutrinas daquele dia ele anunciou a vinda de uma peste onde muitos desencarnariam. Nos fez um pedido, todos os meus tios e minha vó Adelina Gama (Muraquisara) ouviram atentamente suas palavras, pediu que todos nós precisaríamos fazer nosso casuá (casa) no recanto porque nós iríamos precisar, pois a peste estava vindo e iria levar muitos pecadores²⁸. Também, pediu que toda família cuidasse da velha Mapinguari e reforçou sobre a construção de nossas casas.

Fez uma louvação ao final da comemoração e disse, não quero voltar aqui e fazer o babaxé (ritual fúnebre) de minha velha. Todos atentos, ouvimos chorosos,

Adeus meus filhos eu vou embora, vou embora e voltarei se Deus quiser, vou embora e vou passar pela Aruanda. Quem me acompanha é o anjo São Gabriel.
Adeus meus filhos eu vou embora, vou embora e voltarei se Deus quiser, vou embora e vou passar pela Aruanda. Quem me acompanha é o anjo São Gabriel.
(Ponto de Jurema).

Somos felizardos por termos um elo protetor com os encantados da Jurema Sagrada, sua sabedoria nos guia por caminhos que não consigo explicar, a sabedoria e a fé que minha avó nos deixou, nos ensinou sermos fortes, mas nunca nos ensinou a ficar sem ela. E por nossa desobediência, em não fazer nossas casas no Recanto dos Orixás em 20 de janeiro de 2021 ela fez sua transição a ancestralidade, em razão da peste (Covid-19). (Panã Panã, 37 anos, Baré).

²⁸ Os mestres juremeiros ou a espiritualidade encantada da Jurema se referem a todos nós que vivemos nesse plano terrestre.

2.4 - A fé inabalável de Muraquisara

A presente narrativa aborda a fé que permeou a vida de Muraquisara, que a acompanhou até o momento de sua transição para a ancestralidade. Neste instante, com lágrimas nos olhos, rememoro os dias que precederam a data de sua cirurgia vesicular, um procedimento que nos foi alertado ser desnecessário.

Em 2017, tanto Muraquisara quanto eu experimentava os sintomas associados à presença de cálculos vesiculares. Durante uma das giras de jurema, recebemos orientações acerca da importância de cuidarmos de nossa saúde. As entidades da Jurema Sagrada mestra Erundina e mestre José Pilintra recomendaram que preparássemos garrafadas (chá) com ervas específicas e ressaltaram a relevância de uma alimentação adequada.

Inicialmente, elaborei algumas dessas garrafadas e as consumia em casa e durante nossas visitas ao recanto, nas festividades e nas giras destinadas aos consulentes. Entretanto, não dei continuidade a esse cuidado. Em contraste, minha mãe, "mamita", fez uso de todas as garrafadas que lhe foram indicadas.

Em fevereiro de 2018, realizei todos os exames e avaliações necessários para a realização de uma colecistectomia, no entanto, devido a questões administrativas do hospital, fui forçado a adiar o procedimento cirúrgico. Durante esse período, minha mamita continuou a seguir as orientações dos espíritos juremeiros.

No primeiro semestre do mesmo ano, minha mamita passou por uma cirurgia espiritual no Recanto dos Orixás, o espaço foi especialmente preparado para este tipo de intervenção, que incluía defumações. A participação no evento foi restrita a um grupo seletivo de pessoas.

Antecedendo a cirurgia espiritual, ela se submeteu a um ritual preparatório conhecido como "preceito", no qual absteve-se de ingerir carne, consumiu o chá recomendado e realizou banhos de descarrego (para limpeza) e de chama (para proteção), além de permanecer em contato com a natureza, onde foi ao recanto dias antes à intervenção.

Durante o ritual cirúrgico espiritual, que foi conduzido pelo mestre juremeiro José Pilintra, minha mamita vestiu-se de branco, seguindo a tradição. O ritual foi caracterizado por orações realizadas em silêncio, e culminou na operação de mamita. Ao final do procedimento, o mestre pediu que ela mantivesse cuidado com a alimentação e evitasse esforços físicos excessivos. E ela seguiu rigorosamente as orientações com muita fé e dedicação. E mais uma

vez, o mestre reforçou que não seria necessário a intervenção dos homens de “capa branca” (médicos) e que se fizesse não seria bom para a saúde de mamita.

Infelizmente, a compreensão dos desígnios divinos e dos conhecimentos ancestrais do povo do encanto da Jurema Sagrada se apresenta como um desafio complexo. Em agosto de 2018, mamita/Muraquisara, foi submetida a diversos procedimentos médicos, mas, devido a intensas dores abdominais, foi encaminhada à emergência.

Após a suspeita inicial de pancreatite, mamita foi transferida à capital do estado do Amazonas para uma unidade de saúde que oferecia melhores condições de atendimento, acompanhada por uma de minhas irmãs. Na nova instituição, os médicos confirmaram o diagnóstico de pancreatite, além de identificarem a presença de pedras na vesícula. Foram realizados todos os exames pré-operatórios, e minhas irmãs, a quarta e a quinta, foram convocadas para receber o prognóstico e para autorizar a cirurgia, considerando os riscos associados à idade avançada de mamita, que contava com 81 anos.

Paralelamente, no final daquele mesmo mês, dirigi-me à capital do estado para procedimentos cirúrgicos relacionados à minha condição vesicular. No dia 2 de setembro de 2018, fui submetida a uma cirurgia para a remoção da vesícula, na qual foram extraídas nove pedras de tamanho médio e pequeno. Enquanto isso, minha mamita permanecia internada, aguardando a sua intervenção cirúrgica.

No dia 18 de setembro, em desacordo com as orientações do mestre juremeiro Zé Pilintra, uma de minhas irmãs autorizou a realização da cirurgia convencional. Para nossa surpresa, durante o procedimento, o cirurgião, que anteriormente havia diagnosticado a presença de cálculos na vesícula, constatou que não havia nenhuma pedra, resultando em um corte que demandou 13 pontos, realizados em vão.

A perplexidade diante desse fenômeno é compreensível, uma vez que os exames apresentavam evidências claras da presença de cálculos, que inexplicavelmente não estavam mais presentes durante a cirurgia. Tal divergência entre a evidência médica e a experiência espiritual não possui explicação satisfatória em nenhum dos campos. A única resposta que encontramos reside na fé de mamita, que acreditava na eficácia de remédios caseiros e na cirurgia espiritual. Em contraste, ao não seguir as doutrinas que nos foram ensinadas, fui submetida à remoção da vesícula e à extração das pedras.

Em síntese, é pertinente ressaltar que minha mamita, minha Muraquisara, foi guiada de maneira indelével por sua fé. Estou convencida de que ela contava com a assistência de um mentor espiritual, que a orientava e lhe revelava, por meio de sonhos, a antecipação de

determinados eventos em sua vida. Sua capacidade de premonição era notável, manifestando-se em previsões que, embora não se concretizassem imediatamente, se materializavam em um horizonte temporal posterior.

Contudo, cabe destacar que ela optou por manter em silêncio seus conhecimentos ancestrais relacionados à cura. Essa escolha reflete não apenas uma forma de proteção de saberes tradicionais, mas também uma atitude de respeito à complexidade e à profundidade de tais práticas espirituais. (Potira Yaci, 49 anos, etnia Baré).

Fotografia 07. Último aniversário de Muraquisara, comemorado com uma Ladainha a São Pedro. Presente em terra: José Pilintra incorporado em Putira Pituna



Fonte: Acervo da autora (2020)

2.5 - A fé que mudou uma vida

Venho expressar a minha eterna e imensa gratidão, a Deus, em primeiro lugar, e a Jurema Sagrada que me devolveu a vida, esperança e a minha fé. Pois, quando eu não tinha mais esperança de continuar a minha caminhada, Deus colocou em meu caminho a minha mãe de santo (zeladora do santo), Potira Pituna que me convidou para ir a uma gira.

Onde tive a honra de conhecer a minha mãe de cabeça²⁹, a mestra juremeira Cabocla Herundina, que me acolheu e me abraçou com muito amor e disse que ia me ajudar. Estava muito doente e por anos vinha buscando ajuda e não encontrei. E nesse dia a minha esperança foi renovada ao ouvir que era sua filha e receberia a ajuda. Passou-me remédios caseiros com ervas para curar meu estômago e então comecei a tomar e melhorei. E foi neste mesmo dia que também conheci o mestre Zé Pilintra, que pediu ao seu cambone para preparar um caldo de caridade para mim, pois estava muito mal.

A partir daquele dia comecei a participar e vi uma porta se abrindo para uma nova vida. Na época tinha três filhos pequenos que precisavam de mim e não podia desistir de lutar. Comecei a ir para as reuniões, festas, muitas vezes não tinha nem o que comer em casa e lá meus filhos comiam e bebiam.

A pombogira Cigana³⁰ me fez baiana do recanto dos orixás, onde passei a cozinhar nos festejos e trabalhos do barracão. Durante as atividades pensava que eu ainda tinha muitos dragões a derrotar como: a bebida, as saídas frequentes para as festas, as amizades de bebedeira, a dor de estômago que já estava tratando, e pior a depressão em razão dos traumas.

Os mestres da Jurema Sagrada começaram a trabalhar espiritualmente e me afastaram das festas, de amizades que nada me ajudavam, isso não demorou meses, foram anos. Aprendi a enxergar as coisas de outro modo e ver que as amizades que tinha eram amigos de copo, que só eram amigos quando tinha dinheiro. Que na verdade a minha amiga de fato é minha mãe, que muitas vezes magoei e maltratei.

Parei de sair para as festas, pois aprendi que aquilo não era vida pra mim. Percebi que a minha vida não era vida, mas sim um pesadelo. E todas as vezes que eu bebia tinha algo muito ruim dentro de mim que se apossava. Chegou o tempo, em que a mestra Herundina me disse que a partir daquele dia não me permitia mais eu beber nem uma lata de cerveja e qualquer outra bebida.

E assim o fiz, por mais de 1 ano não bebi e com o passar do tempo fui percebendo que a bebida era meu maior dragão, que tinha que lutar para vencer, matar essa vontade. Em um certo dia, o tempo passou e numa gira o mestre Zé Pilintra me falou que ia me ajudar e trabalhar

²⁹ Espírito protetor que guia o filho de fé em sua jornada espiritual.

³⁰ Entidade feminina da Umbanda que atua como protetora das mulheres, está relacionada a força, sensualidade e ao amor.

para tirar tudo de ruim que estava em mim, feitiçaria, depressão, traumas, bebidas e outras que me afligiam.

Pedi aos meus irmãos de fé, que levassem alguns materiais que seriam utilizados no dia do trabalho e todos levaram e ajudaram no dia indicado. Sou muito grata a cada um dos meus irmãos de fé, a minha mãe de santo, a minha mãe de sangue, todos se uniram numa só corrente de fé e de luz para me ajudar a sair daquele inferno, que só me causava dor e sofrimento. Não só a mim, mas a todos que me rodeavam e principalmente os meus filhos.

Deste dia em diante, o mestre juremeiro e meu mestre de Jurema José Pilintra me falou que minha vida seria diferente. Fui renovada, hoje digo que sou uma mulher que renasceu. A minha vida estava caindo aos pedaços, não tinha direção no trabalho, faltava foco. E a partir daquele dia comecei a ver a vida com mais alegria, amor, tracei planos.

Hoje reformei minha casa, tenho meus trabalhos, sou artesã indígena. Em 2024 seu José Pilintra pronunciou que me levaria para outros lugares. Eu sequer imaginava como seria, e aconteceu. Viajei para Brasília, Rio de Janeiro, Belo Horizonte levando minha arte indígena.

Com a minha arte e da associação que faço parte ASSAI – Associação dos Artesãos Indígenas em São Gabriel da Cachoeira-AM, tive a oportunidade de conhecer o Rio de Janeiro, conheci a Lapa, subi o morro de Santa Tereza que é santuário de seu José. Fiquei sem palavras, nunca imaginei chegar lá, me emocionei e fiquei muito agradecida.

Quanto à bebida, não me faz falta, os traumas superei, hoje são como fortalecimento e aprendizado. Continuo com minha devoção a Jurema Sagrada, eu irei seguir até onde Deus me permitir viver. Toda a minha família saiu daquela vida miserável.

Minha mãe de sangue tem a sua casa do jeito que ela sonhou, meus filhos estão bem. O mais velho terminou o ensino médio e irá servir o exército Brasileiro. A minha segunda filha se uniu com seu esposo e construíram seu cantinho e se Deus e a Jurema Sagrada assim permitir, concluirá em 2025 o ensino médio técnico em administração e assim seguirá seus estudos e sua vida. Meu terceiro filho ainda pequeno me ajuda em casa e é meu companheiro para as giras da jurema e está aprendendo com os mestres as doutrinas da Jurema Sagrada.

A Jurema Sagrada fez e faz parte da minha história sim, eu não estaria mais aqui para narrar minha vida. Os mestres de luz da jurema transformaram a minha vida e o mestre Jose Pilintra, mestra Mariana que é minha avó na Jurema, mestra Herudina minha mãe, os pretos velhos, como a vovó Maria Conga que me curou de um resguardo quebrado e todas as 7 falanges sempre lutaram e trabalharam muito espiritualmente para que eu superasse tudo que hoje faz parte do meu passado e que minha caminhada continua.

Sou grata à minha mãe de santo (zeladora do santo) Potira Pituna, que desde o começo até hoje, me aconselha, me corrige e me diz sempre que nunca devo desistir da minha fé. Sou filha da Jurema Sagrada, filha de mestra Herundina (cabocla), neta de mestra Mariana (cabocla), sou filha do Encanto. Sou juremeira e creio na Santíssima Trindade, nos encantados da Jurema Sagrada. E digo, a FÊ transforma vidas e através dela narro minha história. Gratidão por tudo. (Miriõ, 37 anos, etnia Dessana).

Quando eu não tinha mais nada, quando eu chegava ao fim, quando não acreditava. Eu pedi ao meu pai Ogúm pra vim aqui lutar por mim. Ô lua de prata clareia sobre mim e sou filha de Ogúm e não posso viver assim. Foi numa bela. Foi na estrada sem fim. Foi sobre a luz numa estrada sem fim eu chamei Exu das almas e ele respondeu assim. Ô filha de fé, sou o seu protetor, mi chamo seu Tranca Ruas e foi Ogúm que mi mandou. (ponto de Umbanda).

2.6 – Narrativas xamânicas e seus Orixás

A diversidade étnica da população Gabrielense perpetua saberes ancestrais que foram fundamentais para sua sobrevivência ao longo do tempo. As particularidades de cada grupo conferem a eles características singulares, destacando, em sua essência, uma convivência harmoniosa com os elementos naturais.

Os rituais xamânicos e/ou pajelança de prevenção, cura e proteção praticados por cada povo originário dessa região são realizados de maneira individual, refletindo seu conhecimento ancestral e sua cosmovisão. Esses rituais incorporam elementos como a água, tabaco, cuia, breu branco (xicantá), pariká, Kharpi, reza dentre outros que fazem parte do cotidiano dessas comunidades, evidenciando a interconexão entre suas práticas culturais e a realidade ambiental que as cerca. Na qual,

Experiências extáticas como base do poder xamânico, possibilitando seu papel de mediação. As técnicas de êxtase são várias. Talvez o uso do tabaco como substância para a mediação seja a mais comum, mais comum que as plantas psicoativas. Mas também sonhos, dança, canto e outras técnicas podem ser empregadas em conjunto ou em separado para atingir a mediação xamânica (Langdon, 1996, p.28).

Desta forma, a Jurema Sagrada apresenta características xamânicas que além de usar alguns elementos citados acima, incluem a louvação aos Santos Orixás, os quais foram incorporados dos rituais umbandista.

No Recanto dos Orixás, em seus rituais juremeiros de prevenção, cura e proteção fazem uso de uma variedade de elementos que, além de semelhantes incluem outros como: tabaco (mururõ/na língua tukano e pitima/nheengatu), cigarros, rezas (orações que são conhecidas somente pelo especialista), maracá, Cuité (cuia), água, ervas, vela, cachimbo, pemba (giz), panela de barro, cachaça, vinhos, cervejas, taças, canecas, defumações e as vestimentas de cada entidade espiritual.

Fotografia 08. Ritual de consagração de um filho de jurema



Fonte: Acervo da autora (2023)

Sementes e vinho de Jurema somente quando extremamente necessário e a pedido de um mestre de Jurema para ajudar a um filho ou a um consulente. Para os rituais juremeiros são

feitos preparativos do espaço, dos filhos e dos materiais que serão usados. Segundo a zeladora do Santo,

Primeiro nós descarregamos o barracão com as ervas, entendeu? Que é lavar o barracão com a erva batida, aí depois a gente faz a defumação, firmar o ponto que tem que firmar ao Santo Orixá do dia. Deixa a casa toda limpinha, pra quando for fazer as invocações a casa está descarregada. E o filho de fê tem que estar um dia antes no recanto, antes do dia do trabalho porque ele também precisa estar limpo. Se purifica para o dia da gira. A gente não pode estar com a energia de uma outra pessoa, no caso de casal pois, todos os filhos tomam banho de descarrego e de chama, assim também os materiais que serão usados. Porque é na hora de dormir que nossa alma descansa e nosso corpo também. Tanto que o corpo e a alma se purificam. (Potira Pituna, 56 anos, etnia Barê).

Nos rituais relacionados à Jurema, é comum a invocação de diversas entidades espirituais, incluindo mestres juremeiros, caboclos, encantados, pretos velhos, Erês e boideiros, entre outros. Antes de proceder com as invocações ao povo de Jurema, realiza-se uma reverência aos Santos Orixás, cuja intercessão é considerada fundamental para a condução exitosa da gira.

Entre os Santos Orixás do recanto, destacam-se Oxossí, Ogúm e Xangô, que atuam como intermediários junto a Deus em primeiro lugar e a seu filho, Jesus Cristo, o qual é reverenciado na tradição como Oxalá.

Após a preparação do espaço, dos materiais e dos participantes, a gira é iniciada com a explicação de seus objetivos e a recitação de orações católicas, incluindo o Pai Nosso, a Ave Maria, o Credo e a Salve Rainha. Subsequentemente, faz-se a homenagem ao Santo Orixá, seguida pela veneração aos mestres juremeiros e às demais entidades espirituais envolvidas.

A reverência aos Santos Orixás reveste-se de importância fundamental, uma vez que estas entidades espirituais são responsáveis por interceder na concretização das solicitações apresentadas em cada dia. Os Orixás atuam como agentes de luta e proteção em nosso favor.

É pertinente destacar que os Santos Orixás representam energias imaculadas e divinas, constituindo forças espirituais intrinsecamente relacionadas à natureza. Estas entidades exercem influência significativa sobre o nosso desenvolvimento espiritual, sendo que cada Orixá possui princípios próprios e atua de maneira específica em consonância com suas características e domínios

Quando invocamos Oxóssi/São Sebastião, senhor das matas, estamos pedindo conhecimento, sabedoria, fartura, inteligência. Conhecemos como guerreiro de uma flecha só,

porque é o protetor da sua comunidade, e representa a arte da caça, a abundância, a riqueza das matas e a diversidade da fauna que nelas habita.

Oxóssi se configura como a cabeça da falange dos caboclos, entidades que em sua essência se dedicam à cura, a limpeza corporal e a dissolução de encantamentos e a superação das amarras da magia.

Sua presença nos faz refletir sobre a interconexão entre o humano e o natural, ressaltando a importância da harmonia entre o ser humano e os reinos que o cercam, numa dança sagrada que reverbera na busca por equilíbrio e saúde.

Sua invocação consiste em saudá-lo. “Numa estrada de areia, onde a lua clareou, todos os caboclos desceram para ver a procissão de São Sebastião. Ôke, ôke caboclo, meu pai Oxóssi é São Sebastião. Ôke, ôke caboclo, meu pai Oxóssi é São Sebastião”(ponto de Jurema).

Fotografia 09. Festa de Oxóssi (São Sebastião)



Fonte: Acervo da autora (2023)

Destarte, a louvação para OGÚM, já nos diz quem é ele. “São Jorge é santo, protetor meu, ele é quem me livra dos inimigos meu. Seu capacete e sua lança na mão, em seu cavalo venceu o dragão, em seu cavalo venceu o dragão” (ponto de Jurema).

Ogúm, divindade que personifica a guerra e a liderança militar, emerge como um símbolo de força indomável e resiliência. Ele é a essência da agricultura, encarnando a coragem e a determinação que nos movem em nossas jornadas. Em sua presença, os caminhos se desobstruem, revelando possibilidades antes ocultas.

Senhor das armas, do ferro e das ferramentas que moldam o labor humano, Ogúm é o patrono da tecnologia e do esforço diligente. Sua influência transcende as esferas materiais,

pois, invocamos sua proteção e orientação nas lutas que se desenrolam no plano espiritual. Assim, clamamos por sua força, buscando a vitória nas demandas que nos desafiam, confiantes de que sua sabedoria e poder nos guiarão na superação das adversidades.

Fotografia 10. Ogúm (São Jorge do Recanto dos Orixás)



Fonte: Acervo do Recanto dos Orixás (2025)

Desta maneira, me recordo da louvação a seguir como uma fortaleza e certeza que ele vai me valer. “No alto daquela serra, tem uma linda cachoeira, no alto daquela serra, tem uma linda cachoeira, é de meu pai Xangô, dono das sete pedreiras, é de meu pai Xangô, dono das sete pedreiras” (ponto de jurema).

Xangô, figura emblemática que transcende as esferas do divino e do humano, é reverenciado como o Senhor da Justiça, patrono dos trovões, dos raios e do fogo. Sua essência resplandece como um farol de fortaleza, coragem e liderança, atributos que se entrelaçam em um caráter de inabalável bondade e equilíbrio.

Neste panteão de virtudes, a mentira e o roubo não encontram abrigo, pois Xangô, em sua vigilância austera, não tolera a deslealdade em suas múltiplas formas. Sua aversão à

injustiça, que se manifesta em toda a sua complexidade, o torna um defensor incansável dos oprimidos e um símbolo de retidão em um mundo permeado por sombras.

A sua presença é um chamado à integridade e à equidade, ecoando através dos tempos como um lembrete da importância de se cultivar a verdade e a justiça em cada ato e pensamento. “Meu pai São João Batista é Xangô, é dono do meu destino até o fim, e quando me faltar, a fé no meu senhor, derrube suas pedreiras sobre mim” (ponto de jurema).

À luz das considerações apresentadas, emerge uma reflexão sobre as afinidades entre os rituais xamânicos juremeiros e as tradições dos povos originários gabrielenses. As particularidades que caracterizam cada uma dessas práticas, bem como suas semelhanças, revelam-se intrinsecamente ligadas ao contexto sociocultural em que estão imersas, e ao propósito que orienta suas realizações, seja na esfera da prevenção, da proteção ou da cura.

Assim, ao adentrarmos nesse universo simbólico, é imperativo reconhecer a intersecção entre saberes ancestrais e a contemporaneidade, onde cada ritual se desvela como um elo vital na teia da espiritualidade e da saúde comunitária.

E parafraseando Langdon (1996, p.23), a nova antropologia simbólica parte da premissa de que as representações servem como uma maneira de manifestar a visão de mundo, deixando de lado uma ênfase exclusiva no aspecto social. Isso abre espaço para reflexões mais abrangentes sobre a condição humana, incluindo a busca por compreender o destino e a necessidade de expressões rituais. Atualmente, a antropologia simbólica se preocupa com os sistemas ideológicos como códigos culturais, a análise dos símbolos que esses sistemas contêm e o aprofundamento dos processos rituais para elucidar as raízes das emoções e sentimentos. De acordo com essa abordagem, os rituais e outras formas de expressão simbólica são tão significativos quanto a visão de mundo que eles revelam, uma vez que os símbolos necessitam de uma manifestação externa para se comunicar efetivamente.

TERCEIRO CAPÍTULO: CONHECIMENTOS TRADICIONAIS DE CURA

*Jurema é um pau encantado. É um pau de ciência. Que todos querem saber.
Jurema é um pau encantado. É um pau de ciência. Que todos querem saber.
Vosmicê me pediu jurema, eu dou jurema a você. Vosmicê me pediu jurema,
eu dou jurema a você (ponto de jurema).*

Neste capítulo, abordaremos o poder curativo da natureza, representada por matérias-primas extraídas e cultivadas por nossos ancestrais, e concedidas por nosso criador em sua majestosa magnitude. É evidente que, na contemporaneidade, também nos beneficiamos do manejo moderno, no qual a integração de conhecimentos tradicionais e atuais demonstram-se eficazes quando aplicada de forma apropriada.

Está em pauta atualmente o profundo conhecimento que os povos originários possuem, cujos saberes se fundamentam em uma conexão inseparável da natureza. Mais do que em épocas anteriores, o reconhecimento por parte dos kariwas (não indígenas) acerca das mudanças climáticas evidencia que, há muito tempo, essas questões já eram abordadas pelos povos originários já enfatizavam a necessidade de um cuidado adequado com a preservação ambiental.

Nós sempre demonstramos um compromisso com essa prática de cuidado e conservação. No entanto, a ascensão do capitalismo provocou uma cegueira nos kariwa, que, em nome da modernidade, negligenciaram essa relação harmoniosa com o meio ambiente. O resultado desse descaso é notório, e as consequências são sentidas não apenas na contemporaneidade, mas também se projetam de forma alarmante para as futuras gerações, caso não adotemos medidas corretivas imediatas.

E dentro desse contexto, o manejo ambiental para os povos originários é fundamental pois, nossos territórios são vidas e nós somos vidas de nossos territórios. E na voz de Fontes (2019, p.32) reitero nossas verdades “nós e o mundo global, mundo envolvente não-indígena precisa entender que nós formamos uma riqueza dessa região: diversidade de povos, culturas, línguas, práticas culturais, saberes, conhecimento”.

Neste capítulo, o item 3.1 discorre sobre os mestres de Jurema, entidades espirituais que orientam os juremeiros em sua trajetória terrena. Em 3.2, são apresentados os rituais de cura, que incluem práticas como banhos (descarrego e chama), defumações, garrafadas e o uso de alimentos. No item 3.3, está descrito o poder de cura da natureza, com foco em plantas e/ou ervas ensinadas por Muraquisara aos filhos e à própria Jurema Sagrada.

A sabedoria dos mestres juremeiros e a eficácia dos rituais de cura são evidenciadas, destacando-se não apenas as propriedades curativas das plantas, mas também o âmago da fé em nossa vivência. Ressaltamos a importância vital do poder curativo da natureza, que é um legado de nossos ancestrais e uma dádiva do Criador, assim entendemos na Jurema. A intersecção desses conhecimentos tradicionais e técnicas modernas revela-se não apenas uma abordagem eficaz, mas uma necessidade premente em tempos de crise ambiental.

A sabedoria dos povos originários, que compreendem a natureza como parte de si mesmos, é um recurso inestimável que deve ser valorizado e respeitado. E o reconhecimento tardio dos kariwas sobre as questões climáticas, que sempre foram parte da cosmovisão indígena, nos alerta para a urgência de reestabelecer uma relação harmoniosa com o meio ambiente. E nesse sistema muitas vezes explicados através dos mitos, e de acordo com Fontes (2019, p.157),

De uma forma geral, em todas as culturas indígenas, os mitos surgem como formas de explicar, compreender e dar sentido aos fatos e eventos da vida e do mundo. Muitos mitos explicam a origem das coisas, como certos alimentos; práticas culturais, como a agricultura, e fenômenos naturais, como o trovão e os lugares sagrados. Geralmente cada povo indígena tem seus mitos de origem, de como seu povo veio a ser. Estes são mitos cosmogônicos. Eles são transmitidos oralmente, de geração em geração, e são muito importantes na nossa formação, reforçando a nossa identidade étnica. Mas, é mais que isso. Desde tempos imemoriais, os mitos descrevem eventos que ocorrem no mundo indígena e a floresta é o elemento concreto, visível e tangível desse mundo.

O capitalismo, ao priorizar o progresso material em detrimento do cuidado com a Terra, tem gerado um impacto devastador que ameaça não apenas nosso presente, mas também o futuro das próximas gerações. Diante disso, é crucial que adotemos práticas de manejo ambiental que respeitem e integrem os saberes tradicionais dos povos originários, pois seus territórios são intrinsecamente ligados à sua identidade e à sua sobrevivência.

Os mestres de Jurema e os rituais de cura que praticam são exemplos claros de como a conexão espiritual e a sabedoria ancestral se entrelaçam com a cura física e emocional. A utilização de plantas e ervas, ensinadas com carinho e respeito, destaca a eficácia dos rituais e o poder de cura que a natureza nos oferece.

Assim, a fé e a prática se unem em uma vivência que transcende o simples tratamento de doenças, promovendo um entendimento mais profundo sobre nossa relação com o mundo natural. E ao refletirmos sobre o conteúdo somos chamados a reavaliar nossas práticas e a buscar uma reconexão com a natureza, respeitando os ensinamentos dos mestres juremeiros e reconhecendo a importância dos saberes ancestrais na construção de um futuro mais sustentável e equilibrado.

3.1 – Mestres da Jurema Sagrada

Fotografia 11. Mestra Herondina, Caboclo Tupiaçú, Mestra Mariana e Mestre José Pilintra (encabocados nos filhos de fé) na festa de Dona Herondina.



Fonte: Solange Silva de Freitas (2025)

Neste item, apresento aos senhores a figura dos mestres juremeiros, que se fazem presentes em nosso auxílio no Recanto dos Orixás durante os rituais de cura ou na recepção de doutrinas (fala dos mestres juremeiros) para a vida cotidiana. Cada um desses mestres possui um conjunto de fundamentos e mistérios que nos proporcionam conforto, proteção e direcionamento em nossas jornadas.

A incorporação (encabocamento) dos mestres é realizada por Putira Pituna e por outros filhos de fé que estão desenvolvendo sua mediunidade. Durante os rituais, assim como em todos os demais, além das doutrinas que nos são transmitidas de forma direta, louvamos e absorvemos as doutrinas através de pontos cantados que permeiam toda a gira. Os “pontos” são músicas e possuem papel importante no sistema epistemológico da Jurema.

Os pontos cantados representam expressões do ser espiritual que está em Terra, bem como refletem as doutrinas que orientam nossa vivência em comunidade e em esferas pessoais. Essas louvações manifestam pedidos de cura, proteção, vitórias e abertura de caminhos, entre outros, conforme as solicitações individuais. E “na letra dos cantos as diversas vozes ali presentes, que apontam para a comunicação e a interação que se realiza entre os participantes e as divindades durante o ritual” (Montardo, 2002, p.201).

Dentro dessa perspectiva de interação, destaca-se que, nas tradições da Jurema Sagrada, Umbanda e Candomblé, os pontos cantados desempenham um papel fundamental na conexão entre o mundo material e as entidades espirituais, as quais frequentemente nos transmitem mensagens que proporcionam alívio emocional.

No entanto, é importante notar que essa comunicação nem sempre se dá de maneira tranquila; muitas vezes, as mensagens revelam verdades que preferiríamos não escutar, embora sejam reflexo do nosso merecimento. Todavia, as cantorias nos trazem recados que corroboram com que Fontes relata.

As cantorias masculinas e femininas cantam a vida como ela é. Entre uma parada e outra, uma boa gargalhada. Ouvem-se as vozes inconfundíveis das tonalidades dos discursos dos velhos, dos mestres de danças, das gargalhadas de nossas mães, irmãs, cunhadas, tias e avós, etc. Os sons se ampliam. Após a festa, as falas, as músicas, as vozes, sons incorporam-se dentro de nós e ficamos curtindo a sonoridade interna por muitos dias (Fontes, 2019, p.32).

Em 2025, as escolas de samba do Rio de Janeiro, em especial a Grande Rio, prestaram homenagem às três irmãs encantadas: Mariana, Herondina e Toya Jarina. Além disso, a escola Salgueiro destacou a figura de Zé Pilintra, um mestre que permeia as sete falanges.

No contexto da espiritualidade afro-indígena, o Recanto dos Orixás se destaca como um espaço sagrado que reverencia as princesas da Turquia, reconhecendo-as como mestras encantadas da Jurema. Entre essas figuras etéreas, emergem Herondina e Mariana, que se configuram como entidades espirituais impregnadas de encanto e sabedoria.

Elas assumem a responsabilidade de transmitir ensinamentos e oferecer diretrizes que orientam as práticas e rituais do local, perpetuando assim a conexão entre o mundo material e o sobrenatural, e promovendo um diálogo constante entre os saberes ancestrais e as experiências contemporâneas. Pois, para Mar; Souto; Cesar (2024, p. 150),

...é coerente afirmar que as três princesas turcas são reverenciadas, em diversas dissidências da *Encataria* brasileira, como deusas que transcenderam

a morte e estariam na espiritualidade em prol de nortear a vida dos que nelas depositam fé, sendo a concepção imagética de cada uma delas a representação de seu caráter transcultural, sendo este alusivo à própria formação plural, étnica e culturalmente, da sociedade brasileira...

Além dos mencionados mestres juremeiros, é importante ressaltar que a espiritualidade se manifesta também em outras falanges umbandista e dentro da Jurema Sagrada, como:

1. Caboclos: Entidades espirituais que encarnam os ancestrais indígenas, cujas aparições vem trazendo sabedoria e proteção.
2. Pretos Velhos: Espíritos que representam antigos escravizados, frequentemente convocados em práticas de cura e orientação, proporcionando consolo e sabedoria.
3. Exus: Entidades que atuam como intermediários entre os mundos espiritual e físico, muitas vezes associadas à abertura de caminhos e à facilitação de processos.
4. Pombas Giras: Entidades femininas que se ocupam de questões amorosas e de proteção, além de defender os direitos e a segurança das mulheres.
5. Erês: Espíritos que simbolizam a infância, encarregados de proteger gestantes e suas famílias, cuidando da saúde das crianças e afastando influências negativas. Caracterizam-se por sua alegria, inocência e otimismo, refletindo a pureza de seus sentimentos.

Assim, é com grande respeito que apresento a vocês os mestres juremeiros que norteiam os rituais da Jurema Sagrada do Recanto dos Orixás de São Gabriel da Cachoeira-Amazonas. É no rufar do tambor que o Ogán chama os mestres, ele que também é figura importante, pois é ele quem puxa a cantoria.

Fotografia 12. Ogán Fabrício Noberto



Fonte: Acervo da autora (2022)

E na chegada dos mestres eles saúdam primeiro o congá e em seguida o Ogán, em sinal de respeito, pois é ele quem direciona os mestres em seus trabalhos, mantendo a vibração correspondente através dos diversos tipos de toques do atabaque e pontos cantados. Pois, de forma semelhante aos estudos de Deise Lucy Montardo sobre a música do povo Guarani:

A música, o cantar, o executar os instrumentos tem caráter invocatório. Os instrumentos, principalmente, têm o papel de atingir a escuta dos Deuses “la” em sua morada. “A essa escuta eles respondem com o envio de seus batedores ou mensageiros (*yvy’ija kuéra* ou *tembigúais kuera*), que vêm assistir os cantos e danças e retornam para informa-los de quão alegres (*ovy’a*) estão os habitantes da terra (Montardo, 2002, p. 32).

❖ **Mestra Mariana (ou cabocla Mariana):** Dona Mariana é a figura central na espiritualidade da jurema no Recanto dos Orixás, sendo a mestra de cabeça de Putira Pituna, entidade espiritual que possui um papel significativo nas práticas e ensinamentos dentro do

recanto. Ela é responsável pelas doutrinas de sua juremeira em sua orientação e proteção espiritual. Os pontos trazem a leveza e fortaleza da mestra,

Fotografia 13. Mestra Mariana



Fonte: Acervo do Recanto dos Orixás (2024)

No rio Negro mururú criaram flores, na mata virgem sabiá cantou, é ela uma princesa encantada, filha de um turco que aqui passou, arara, arara, arara cantadeira é ela dona Mariana, rainha das curandeiras. No rio Negro mururú criaram flores, na mata virgem sabiá cantou, é ela uma princesa encantada, filha de um turco que aqui passou, arara, arara cantadeira é ela dona Mariana, rainha das curandeiras (ponto de jurema).

Seu azul, seu azul, é por Deus Nossa Senhora que haveremos de vencer. Trago no peito um coração emblema sou cabocla Mariana rainha suprema. Seu azul,

seu azul, é por Deus Nossa Senhora que haveremos de vencer. Trago no peito um coração emblema sou cabocla Mariana rainha suprema (ponto de jurema).

O sino da Turquia já bateu, O sino da Turquia já bateu, bateu, amanheceu a bela turca apareceu. Bateu, amanheceu a bela turca apareceu. O sino da Turquia já bateu, O sino da Turquia já bateu, bateu, amanheceu a bela turca apareceu. Bateu, amanheceu a bela turca apareceu (ponto de jurema).

Elas são três irmãs, da língua ferina, elas são três irmãs, da língua ferina, uma é mariana, a outra é Herondina, tem uma flor que é Toya Jarina. Elas são três irmãs, da língua ferina, elas são três irmãs, da língua ferina, uma é mariana, a outra é Herondina, tem uma flor que é Toya Jarina (ponto de jurema).

❖ **Mestra Herondina (ou cabocla Herondina):** Dona Herondina é a mestra que rege a congá (casa/barracão), assumindo a função de liderança e regulamentação dos rituais. A sua autoridade é destacada, já que ela determina as regras, métodos e os dias em que os rituais devem ocorrer, o que sugere que sua presença é fundamental para a estrutura e funcionamento da comunidade espiritual. Raramente nos deixa registrar suas facetas doutrinárias e é muito rígida em seus princípios. Porém, age como mãe com seus filhos de fé.

Fotografia 14. Mestra Herondina.



FONTE: Acervo da autora (2023)

No mar tem flores, tem rosário de Nossa senhora. No mar tem flores, tem rosário de Nossa senhora. O Valei-me meu São Benedito cabocla Herondina chegou agora. No mar tem flores, tem rosário de Nossa senhora. No mar tem flores, tem rosário de Nossa senhora. O Valei-me meu São Benedito cabocla Herondina chegou agora (ponto de jurema).

Eu já mandei fazer um arco, da pena de um gavião, só para flechar seus inimigos na veia do coração. Ô não lhe toque não lhe bula, ela é Herondina, dança na ponta de agulha, ela é Herondina. Quantos trabalhos ela tem feito, ela é Herondina quantos trabalhos ela venceu, ela é Herondina (ponto de jurema).

No rosário de Maria, samba lá de artilharia, pra te livrar dos inimigos, credo em cruz Ave Maria. Pra te livrar dos inimigos credo em cruz Ave Maria. No rosário de Maria, samba lá de artilharia, pra te livrar dos inimigos, credo em cruz Ave Maria. Pra te livrar dos inimigos credo em cruz Ave Maria. (ponto de jurema).

Aô, ôôôô, Salve Herondina que chegou. Ela é faceira, feiticeira e turquiana. Ela é irmã de Jarina e Mariana. Aô, ôôôô, Salve Herondina que chegou. Ela é faceira, feiticeira e turquiana. Ela é irmã de Jarina e Mariana (ponto de Umbanda).

❖ **José Pilintra de Santana Igué (ou Zé Pilintra):** Seu Zé é frequentemente associado a um guia boêmio, que traz ensinamentos e sabedoria. O respeito que ele tem entre as nações sugere um reconhecimento de sua importância e contribuição para a espiritualidade, possuindo conhecimentos que transcendem a compreensão comum. Ele simboliza uma conexão entre diferentes tradições e práticas. Em sua sabedoria e humildade ímpar ele nos fala, “Sou bem pequenininho, menor que um grão de areia”. Seu Zé é um mistério.

Fotografia 15. Mestre José Pilintra de Santana Igué





Fonte: Acervo da autora e do Recanto dos Orixás

Sou mestre eu corro o mundo, corro a jurema primeiro. Está nessa cidade, Pilintra é Zé verdadeiro. Nasceu de 7 meses, se criou foi sem mamar. Mamou na teta de 7 vacas na porteira de um curral. Só tomo água ardente e meu mano não gosta dela. Tomei das 7 canecas e meu mano 7 tigelas. Saravá, saravá, sou eu Zé. Vem da gameleira sou eu zé, vem da gafieira sou eu Zé, sou do juremar, sou eu Zé (ponto de jurema).

Seu Zé Pilintra, onde é que o senhor mora? Seu Zé Pilintra, onde é vossa morada? Eu não posso lhe dizer, que você, não vai compreender, minha morada é bem pertinho de Oxála. Seu Zé Pilintra, onde é que o senhor mora? Seu Zé Pilintra, onde é vossa morada? Eu não posso lhe dizer, que você, não vai compreender, minha morada é bem pertinho de Oxála (ponto de jurema).

Zé Pilintra, Zé Pilintra, boêmio da madrugada. Vem na linha das Almas e também na encruzilhada. O amigo Zé Pilintra que nasceu lá no sertão. Enfrentou a Boêmia com seresta e violão. Hoje na lei de Umbanda acredito no Senhor. Pois, sou seu filho de fé, pois tem fama de doutor. Com magias e mirongas dando forças ao terreiro. Saravá, seu Zé Pilintra, o amigo verdadeiro! (ponto de jurema).

Quem quiser lhe ver, suba em cima do barranco ô Zé, que Zé Pilintra é Tranca Rua de Embaré. É de cartola e de bengala, de anelão ele diz que é doutor. Seu Tranca Rua traga a tesoura, pra cortar a língua desse povo falador. Saravá, sarava, lá vem Zé, vem da gameleira, lá vem Zé, vem da gafieira, lá vem Zé, vem do Juremar. Lá vem Zé.

Já plantou café de meia, café de meia não vai dar, café de meia não dá lucro. Sua Jurema é quem vai dar. Quem vai dar, quem vai dar, ô quem vai dar no bola preta, quem vai dar, quem vai dar. Seu Zé Pilintra tem um boi da cara preta, seu Zé Pilintra tem um boi da cara preta, tem uma estrela bahiana. Que

se chama Zé Pilintra. E só trabalha cantando. Veio de fala mudada, tocando seu violão. Ele tem uma pedra fina que só trabalha no pisa pilão. Ô pisa pilão (ponto de jurema).

Essas entidades espirituais representam a riqueza, mistérios e a diversidade do universo espiritual da Jurema, refletindo a sincronicidade entre as tradições afro-brasileiras, a natureza e a cultura popular. O que se confirma com o pensamento de Mar, et al., (2024, p. 151) que,

A Amazônia é uma região que, ao longo dos tempos, vem atravessando diferentes formas de conexão socioreligiosas e seu horizonte transcultural é marcado pela convivência e interação entre diferentes povos indígenas, migrantes e culturas que tiveram junção com as crenças indígenas. Esse sincretismo entre tradições religiosas, línguas e costumes contribui para a riqueza única dessa região, onde as fronteiras entre culturas muitas vezes se fundem, gerando um mosaico cultural fascinante.

Em suma, é inegável a importância dos mestres juremeiros e seus mistérios em nosso cotidiano, especialmente no contexto do Recanto dos Orixás. Eles não apenas nos guiam durante os rituais de cura e na recepção de ensinamentos, mas também nos oferecem um alicerce de conforto, proteção e sabedoria para enfrentar os desafios da vida.

Cada mestre, com seu conhecimento e experiência, contribui para o nosso crescimento espiritual e emocional, reforçando a conexão entre o sagrado e o mundano. Ao reconhecermos e valorizarmos essas figuras, fortalecemos nossa caminhada, permitindo que suas lições e orientações nos acompanhem em cada passo que damos. Que possamos sempre honrar e aprender com esses guias, incorporando suas sabedorias em nossa caminhada.

3.2 – Os Rituais de Cura

“Deus por ti, nada contra mim”

Os rituais de cura associados à Jurema Sagrada apresentam variações que estão ligadas às especificidades essencialmente de cada tradição e casa. No Recanto dos Orixás, observa-se a presença de práticas ritualísticas que consideram fatores como a entidade espiritual invocada, o dia da semana, o horário, mês, participantes, e porque será aberta uma gira.

Durante os rituais, observa-se a onipresença da cantoria, a qual desempenha um papel fundamental na transmissão de doutrinas que orientam práticas e comportamentos, tanto do passado quanto no presente e para o futuro. Nas louvações, são expressas diretrizes, normas de conduta e posturas que as entidades espirituais adotam e que são solicitadas aos seus adeptos que as sigam.

Essa prática não apenas reforça a conexão entre os participantes e as entidades, mas também serve como um mecanismo de socialização e perpetuação dos valores e ensinamentos espirituais. Legitimando assim com Fontes (2019, p.32) em “a participação nos rituais nos leva em contato com seres muito antigos, seres divinos, mitológicos e avós sábios. A casa ritual proporciona nossa própria transformação, gera vida”.

Fotografia 16. Festa do Erês (Cosme e Damião)



Fonte: Acervo da autora (2023).

Cada processo de cura é concebido de forma individualizada, sendo pautado na utilização de pussangas (remédios à base de ervas medicinais), orações e na invocação de entidades espirituais que possuem a legitimidade necessária para abordar e tratar questões de natureza física, emocional ou espiritual. Destarte, um exemplo a ser citado está na crença do povo Baré, que de acordo com Lizardo (2016, p.51),

Os Benzimentos podem ser vistos como atos de xamanismo, onde os benzedores elaboram um conhecimento classificatório distinto, diferenciando as enfermidades a partir da relação estabelecida com outros mundos, as quais

possuem um conhecimento próprio. O uso de diversas espécies da biodiversidade nas práticas de cura revela os mecanismos ritualísticos associados ao equilíbrio interno do doente com a natureza e com purificação da alma.

Nesta mesma linha de raciocínio, Barreto (2021, p. 45) afirma que “a prática de *bahse* era um gesto de intervenção e de cuidado com o corpo, além de tomá-lo como instrumento de produção da vida diária, de referência pelo qual se produzem ideias, valores éticos e estéticos”. Em consonância com essa perspectiva, Barreto (2021, p. 45) ressalta que,

É a partir do conceito de elementos que constituem o corpo que os especialistas lançam mão de fórmulas de *bahse* de produção de cuidado do corpo, acionam os elementos curativos contidos nos vegetais, nos animais, nos minerais e os fenômenos naturais para abrandar as dores, curar as doenças e proteção da pessoa.

Diante do exposto, a seguir, apresento uma breve descrição de algumas das práticas curativas mais comumente empregadas neste contexto ritualístico do local observado. Segue:

✓ **Jurema (preta):** A planta em si é respeitada como uma entidade sagrada, e seu uso nas práticas é somente pelos mestres de Jurema em seu formato de sementes, bebida, banho, lavagem de cabeça, nas enfermidades do corpo, depende muito da consulta espiritual e autorização do mestre juremeiro. É um momento de conexão espiritual, autoconhecimento e cura;

✓ **Banhos:** Sempre são feitos dois banhos, um de descarrego e outro de chama, ambos têm significados distintos, visam a purificação e a proteção espiritual. Os banhos são rituais importantes dentro da prática da Jurema e são realizados com intenção e respeito às tradições espirituais. São sempre amasserados em água limpa;

O banho de descarrego (limpeza/purificação) é utilizado para limpar energias negativas ou pesadas que a pessoa possa ter acumulado. É feito com ervas, flores e outros elementos naturais que têm propriedades purificadoras. O objetivo é promover um estado de leveza e renovação, afastando influências indesejadas e trazendo mais equilíbrio para a vida da pessoa. Usamos ervas e plantas como o caápitui, cipó alho, arruda, alecrim, tabaco dentre outros.

Fotografia 17. A maceração das folhas para os banhos



Fonte: Acervo da autora e Recanto dos Orixás (2023).

Banho de Chama é frequentemente associado à proteção espiritual. Ele pode envolver o uso de elementos como fogo ou vela, simbolizando a purificação e a transmutação das energias. O banho de chama é utilizado para fortalecer a espiritualidade da pessoa, protegendo-a contra ataques espirituais ou vibrações negativas. Focaliza em fortalecer a aura e proteger os participantes de influências negativas, muitas vezes utilizando amuletos e ervas específicas como vindicá, pacua catanga, afavacão, uriri, brilhantina, iwauawira caá, folha de arraia; caruru da roça (bravo); pau Santo, Erva-doce e outros.

✓ **Defumação:** é outro processo importante, no qual ervas de limpeza, como arruda, palo santo, café, açúcar, canela, alecrim, anis e folha de alho, e outras são colocadas em um defumador ou fogareiro com carvão aceso, bem como no cachimbo que os mestres irão usar. Este ritual é realizado antes, durante e após os rituais, com o objetivo de limpar o ambiente e afastar energias negativas. Neste processo, usa-se também o cachimbo, cigarro (industrializado) ou murrão (tabaco) direto na pessoa;

✓ **Garrafadas (chá/infusão),** as folhas, cascas de pau, são feitas cozidas ou sob infusão e servem para inflamação, onde usamos o sara tudo, corama, crajiru, etc; para diarreia usamos puxiri; marupá; e para pneumonia: jatobá, casca de caju; folha de pirarucu caá. Um dos mais usados durante a pandemia da Covid-19 foi o chá ou xarope a base de: limão, mangarataia, jambú, jatobá, mel, alho e açúcar.

✓ **Emplasto:** as folhas são amasseradas e/ou misturadas com cebo de carneiro, óleo de sucuri e são postas em cima da quebradura e enfaixadas. Usamos carvão vegetal, folha de jacami, ovo de pata, osso ralado de macaco, corama;

✓ **Alimentação:** esta é essencial para se alcançar a cura. Quando a pessoa está muito fraca usamos o caldo de caridade; outra prática é a mistura de ovos de galinha caipira ou pata com mel e passamos nos pulsos e na planta dos pés (fraqueza); não se pode comer comida pesada, remosa, oleosa.

Em síntese, as práticas de cura revelam um complexo encontro entre espiritualidade, medicina tradicional e práticas de cura, enfatizando a importância do respeito às tradições e à consulta aos mestres para a realização de rituais e tratamentos. Que correm gira³¹ para encontrar a solução para a enfermidade.

³¹ O termo “correr gira”, significa que o mestre irá caminhar pela espiritualidade em busca de resposta.

Neste aturá³² constituem uma vasta rede de saberes e espiritualidade que ultrapassa as barreiras do tempo e do espaço. Essas práticas além do tratamento, funcionam também como manifestações de resistência cultural e afirmação da identidade.

Na organização das práticas de cura, os processos se apresentam como convicções que dependem essencialmente da fé e de conhecimentos específicos do executor como as orações, rezas, mutawaurisá, cuidados com o corpo dentre outros. Que são essenciais para evolução espiritual por ter sido escolhido para tal função.

Essas expressões culturais refletem a complexidade das interações entre crença, saúde e bem-estar, evidenciando a relevância do contexto sociocultural na eficácia dessas práticas.

Visto que, “são nossas “teorias”, pois nelas encontramos explicações sobre “tudo quanto há”. São modos como nós povos indígenas interpretamos os fatos e agenciamos para “resolver” nossos problemas cotidianos” (Barreto, 2021, p. 184).

3.3 – O Poder de cura e a Natureza

De todo o amor que eu tenho
Metade foi tu que me deu
Salvando minh'alma da vida
Sorrindo e fazendo o meu eu
Se queres partir, ir embora
Me olha da onde estiver
Que eu vou te mostrar que eu tô pronta
Me colha madura do pé
Salve, salve essa nega
Que axé ela tem
Te carrego no colo e te dou minha mão
Minha vida depende só do teu encanto
Cila, pode ir tranquila
Teu rebanho tá pronto
Teu olho que brilha e não para
Tuas mãos de fazer tudo e até
A vida que chamo de minha
Neguinha, te encontro na fé
Me mostre um caminho agora
Um jeito de estar sem você
O apego não quer ir embora
Diacho, ele tem que querer
Ó, meu pai do céu, limpe tudo aí
Vai chegar a rainha
Precisando dormir

³² Cesta feita de cipó para carregar mandioca, frutas e outros materiais da cultura indígena.

Quando ela chegar
Tu me faça um favor
Dê um banto a ela
Que ela me benze aonde eu for
O fardo pesado que levas
Desagua na força que tens
Teu lar é no reino divino
Limpinho, cheirando alecrim (Maria Gadu)

Ao elaborar esta dissertação, frequentemente as lágrimas de saudade escorriam pelo meu rosto, evocando memórias de minha querida mamita, minha Muraquisara. A canção acima é como se eu estivesse falando com ela. Em alguns momentos, um profundo arrependimento invadia meus pensamentos, uma vez que, ao rememorar seus passos e seus vastos conhecimentos, sou acometida pela dor de não ter formulado indagações acerca de suas práticas curativas e do legado de saber que meus avós me deixaram.

Hoje, percebo-me a investigar o saber de terceiros, enquanto lamento a ausência da curiosidade que poderia ter me conduzido a explorar a sabedoria inerente à minha linhagem. Recordo com ternura as histórias que ela me contava ao cair da noite, e é impossível não reconhecer a profundidade de sua sabedoria, sua solidão e sua extraordinária coragem. Em seu silêncio, ela se protegia, e nas suas ações, revejo uma sabedoria que era, ao mesmo tempo, protetiva, curativa e preventiva.

Adelina Gama, Muraquisara, é a força primordial que aqui se evoca. Seu legado, amplamente reconhecido por aqueles que tiveram a honra de conhecê-la, revela-se como uma luz perene em nossas memórias. O Recanto dos Orixás, local que irradia sua essência, torna-se um espaço sagrado onde sua energia continua a fluir, oferecendo-nos forças para enfrentar os desafios diários.

Fotografia 18. Muraquisara em suas diversas faces





Fonte: Acervo de Aurora Gama de Oliveira (2019)

Seus vastos conhecimentos curativos, enraizados no poder da natureza, constituem um legado inestimável. Nesta escrita, apresento uma amostra desse saber, compartilhada em comum acordo com meus irmãos consanguíneos, que generosamente autorizaram sua divulgação. Vale ressaltar que a maioria dessas práticas é utilizada pelos juremeiros que frequentam este recanto, perpetuando assim a sabedoria de Muraquisara e honrando a tradição que ela tão magistralmente cultivou.

Ao contemplar as lágrimas que escorriam pelo meu rosto, revivi sua trajetória de fé e cura. Seja na imagem que adornava a parede da sala dedicada a Iemanjá, retratada sob a luz do luar, pairando sobre as águas do mar, com o reflexo das estrelas cintilando na claridade, vestida de azul, com cabelos longos e uma beleza singular. Ou nas sessões (giras), às quais a acompanhava sem compreender plenamente o que ali se passava, atento às palavras dos espíritos incorporados em alguém que eu conhecia, sem noção exata do significado daquele fenômeno, mas percebendo sua escuta atenta às orientações espirituais transmitidas.

Seja na devoção ao seu jacutá³³ com o santo guerreiro, São Jorge (Ogum), Nossa Senhora Auxiliadora ou Nosso Senhor Jesus Cristo (Oxalá), e onde ao nascermos ela atribuiu um Santo Protetor a cada um de nós como nossos nomes Baré. Nas suas orações noturnas,

³³

Altar de orações

conduzidas por uma vela acesa e um copo de água, ela derramava suas lágrimas ao solicitar bênçãos e proteção para todos.

Podem me indagar: Onde se encontra seu ritual juremeiro? Este manifesta-se no chá de mandacaru que ela me ofereceu para estancar o sangramento de um ovário policístico; no emplasto de corama utilizado para aliviar uma dor de dente; ou nas defumações realizadas dentro de casa, quando sentia o ambiente carregado. Também no pedido de licença aos seres da natureza para colher tucumã, nas orações para evitar encontros com cobras peçonhentas, ou nos banhos de alfazema e de cuia-mansa para proteger meu filho e prevenir que fosse uma criança chorona ou irritadiça. Além disso, no diálogo sincero e humilde com os mestres da Jurema, que ela reverenciava com profundo respeito e admiração.

“O ser juremeira ultrapassa a compreensão racional do mundo não indígena, sentimos o que a natureza nos diz, extraímos dela o que precisamos e com os seres encantados aprendemos que o respeito é lei, não por imposição, mas porque somos parte dela. Minha matriarca, minha Muraquisara sempre nos ensinou a adentrar os limites das matas, das águas, do ar e do fogo, elementos essências para a nutrição da vida. E os ensinamentos dos mestres juremeiros norteiam nossas posturas terrenas para alcançar a benevolência do criador. Não escolhemos a Jurema Sagrada, ela nos escolheu” (Dinéia Gama - Potira Yaci – Povo Baré).

Essas memórias remetem aos conceitos de Barreto (2021), que discorre sobre os cuidados com o corpo, prática que mamita realizava com consciência da força e do poder que esses rituais possuíam para promover o bem-estar. As histórias mitológicas que ela me contava para adormecer explicam as origens de tudo, alinhando-se aos mitos conforme retratados por Fontes (20) de seu povo porém, dentro de suas perspectivas e às andanças de Mamita pelo piaçabal, cipoal, seringal e pelos trabalhos na roça.

Quando Lizardo (2016) aborda o mutawarisá e as festividades de santos, visualizo-me ao lado de minha Muraquisara, participando ou cumprindo promessas nas festas de Santo Alberto na ilha de Manacatari, ou na Festa de Santo Antônio no famoso clube chibé, no bairro da Praia, onde morávamos. Esses mutawarisá estão presentes em nossas vidas em todos os momentos: no saruã da primeira menstruação, no resguardo materno, no mal-olhado direcionado às crianças, na proteção contra os Mawιά.

Essas práticas e memórias me revelam a profunda conexão entre fé, cultura e cotidiano, evidenciando a riqueza de uma tradição que permeia os aspectos espirituais e sociais de nossa identidade. Neste diálogo entre o passado e o presente, buscamos não apenas recordar, mas

também revigorar a sabedoria ancestral que nos conecta com a natureza e com as forças que nos cercam. Assim, a memória de Adelina Gama se transforma em um fio de continuidade, tecendo histórias de cura, resistência e amor que ecoarão por gerações. E, de acordo com Barreto (2021, p.185),

Os especialistas como detentores e produtores de “teorias” constroem e reconstróem os conhecimentos e os discursos a todo momento, põem em dinâmica os discursos, ritos, e cerimônias, atualizam suas formulas de *bahsese* de acordo com a ampliação de seu novos contatos e hábitos. A atualização dos conhecimentos diante de novos contextos não significa abdicar dos conhecimentos clássicos adquiridos, antes pelo contrário, atualiza-se o corpus de conhecimento a cada dia, aprimorando-o incluindo, inclusive, novos elementos nas formulas de *bahsese* para produção do cuidado do corpo...

As plantas, ervas e banhos desempenham um papel significativo no tratamento de diversas afecções. É possível afirmar, com fundamento, que esses recursos naturais foram, são e continuarão a ser utilizados pelos juremeiros no Recanto dos Orixás e pela própria Jurema Sagrada, conforme ensinamentos transmitidos por Muraquisara. Pois, muitos deles foram ensinados pela própria Muraquisara aos mestres juremeiros, que consagraram esses ensinamentos e são usados também por eles em seus rituais.

Na região do alto rio negro existem vários tipos de plantas, tem para curar veneno, remédio para fazer bem e mal, para curar doenças, para estragar, porém somente irá identificá-las aqueles que são conhecedores, pois não são todos que conhecem (Salgado, 2016, p.110).

É imperativo destacar que a prática da cura transcende o mero conhecimento sobre plantas, ervas e demais métodos curativos. Trata-se, na verdade, de um fenômeno que abrange a dimensão da fé e do cuidadoso preparo que precede e conclui o ritual de cura. Assim, questionamentos como o que fazer, como proceder, quando agir, por que agir e por quem se age, revelam-se como os mistérios profundos e pessoais de quem pratica a cura. Ou seja, um conhecimento que na visão de Barreto (2021, p.89) os especialistas,

São pessoas com força de articular qualidades sensíveis curativas contidas nos tipos de vegetais, animais e de minerais para abrandar a dor e curar as doenças, de modo a transformar determinados elementos (água, tabaco, enzima vegetal, entre outros) portadores de agentes curativos e protetivos...Para manter o equilíbrio da pessoa sob seus cuidados, lançam mão de *bahsese* para equalizar os elementos constituintes do corpo e reorganizarem as dimensões que constituem a força vital da pessoa...Para manter o equilíbrio do cosmo,

estabelecem interlocução com os *waimahsã*, habitantes de diferentes espaços do mundo aquático, terra/floresta e aéreo. Todo esforço dos especialistas resulta no controle das doenças e desconfortos, no equilíbrio do mundo terrestre, das relações cosmopolíticas e interpessoais.

Esses aspectos são individuais, imbuídos de uma intimidade que se manifesta nas orações, nas súplicas e na fé que cada curador professa. Tais elementos, muitas vezes envoltos em segredo, constituem a essência do ato de curar, conferindo-lhe um caráter sagrado e singular. “As palavras das orações são mantidas em segredo, atravessaram séculos e passaram de pai para filho, em forma de oração, com frases repetidas mentalmente” (Salgado, 2016, p. 72).

No Recanto dos Orixás, a prática da cura se transforma em um ritual de comunhão entre o humano e o divino, onde cada gesto e intenção são permeados por uma espiritualidade única e profundamente enraizada na subjetividade do curador. “Para cada doença corresponde uma qualidade de remédio, na mata existem muitos remédios, mas é preciso identificar quais as plantas de uso terapêutico, há vários conhecedores na região desses remédios” (Salgado, 2016, p. 110). Pois, de acordo com Barreto (2021, p.152),

Como mediador entre o cosmo e o mundo terrestre, o especialista é portador da força e poder de *bahseiko mahsã*. Seu corpo é a própria fonte de *bahsese*, como dizem os *kumuã*. Para que o *bahsese* produza efeito desejado, além de verbalizar a fórmula correta, é necessário que o especialista adote certas etiquetas. Uma delas é a auto proteção, para que os *bahsese* não ataquem ou retirem sua força, ou ainda que a doença do paciente se volte contra seu próprio corpo.

Assim se mostrava Muraquisara, para empregar suas habilidades, protegia-se por completo, mantendo-se em permanente alerta diante dos fenômenos que a rodeavam. O poder curativo que a natureza lhe proporcionava podia ser visto como um legado valioso, que ela transmitiu a seus herdeiros, perpetuando a sabedoria ancestral que se relaciona profundamente com os ritmos e as essências do mundo natural. “A floresta possui diversas plantas alimentícias, fármacos, plantas para desenvolver habilidades de pesca, caça, sedução e também plantas venenosas” (Barreto, 2021, p.125).

No intrincado tecido do saber, Muraquisara revelou a força de sua essência feminina em um contexto dominado por estruturas patriarcais. O sagrado espaço do Recanto dos Orixás configurou-se como seu abrigo, onde sua sagacidade não apenas permeava as interações, mas também era reverenciada na qualidade de matriarca de um clã.

Assim, sua presença tornou-se um farol de sabedoria e respeito, iluminando os caminhos de sua linhagem e desafiando as convenções que a cercavam. “Nesse espectro a presença do sagrado feminino se firma no enredo de fé dos seus praticantes e simpatizantes” Mar, et al., (2024, p. 145).

Desse modo, a relevância do sagrado feminino, na construção mítica e religiosa de qualquer sociedade, reside na garantia e justificativa da existência do ser e do mundo que o cerca, pois, o homem primitivo (enquanto antigo) respaldava a sacralidade de sua existência na reprodução e a contínua atualização dos mitos, manifestada durante os rituais. Mar, et al., (2024, p. 146).

A seguir, apresento as pussangas conhecidas por ela e sem a intenção de incluir, neste momento, suas características botânicas ou científicas. Adoto, assim, uma abordagem que reflete sua humildade e praticidade, reservando a análise mais aprofundada para um momento posterior.

✓ Mandacaru: Ela chamava de jaramacaru, cortava uns quatros dedos, esquentava no fogo, e em seguida espremia, tirava o sumo e dava ao enfermo. Administrava umas três vezes ao dia. Serve para hemorragia;

✓ Mangarataia, alho e álcool: Esses elementos eram unidos dentro de uma garrafa de álcool, deixava apurar e posteriormente usava sempre que necessário. Serve para dores, luxações. Passa-se no local da dor.

✓ Folhas de Arraia e corama: As folhas são esquentadas na brasa e emplastada com sebo de carneiro. Serve para desmentidura, inflamações, tumores;

✓ Andiroba e copaíba: Antes da comercialização desses óleos, ela mesma retirava da própria árvore. São antibióticos e servem para inflamação do ouvido, garganta, feridas. Podem ser usados tomando diretamente as gotinhas ou feito como xarope (lambedores) com flor de mata pasta para pneumonia;

✓ Banha de Sucuri: Essa é extraída direto da cobra quando morta. Serve para quebradura e inflamação. Cicatrizante, pode ser administrado oralmente as gotas necessárias ou passado no local;

✓ Folha de jacami e/ou osso de macaco serve para quebradura; fazer emplasto com a folha e sebo de carneiro ou óleos. Também pode-se fazer o chá/infusão e administrada três vezes ao dia, até sarar a enfermidade;

✓ Pele do Casco de jabuti: queimava, pilava e misturava com sebo de carneiro ou óleo de Copaiba/andiroba. Passa-se no peito do enfermo, serve para pneumonia;

✓ Óleo de tamacuaré: extraído da própria planta. Serve para coceira brava (curuba);

✓ Mucura-caá: amassera-se as folhas na água limpa e dá banho nas crianças para tirar choro de quebranto, mal olhado, perturbações de espíritos obsessores;

✓ Pacua-catinga: amassera-se as folhas na água limpa e lava a cabeça da pessoa que está perturbada por espíritos obsessores. Dando força e proteção.

✓ Folha de cuia-mansa: amassera-se as folhas na água limpa e dá banho nas crianças para não ser chorona, teimosa, mal criada.

Em face do exposto, é pertinente ressaltar o legado de vida que Adelina Gama/Muraquisara legou a seus filhos, netos e bisnetos, os quais se encarregarão de perpetuar os conhecimentos ancestrais oriundos de seu matriarcado. Sua força enquanto mulher indígena, atuando como provedora de seu lar, mantenedora de sua fé e protetora de sua família, ressalta a importância de sua figura na transmissão cultural e na transmissão das tradições familiares.

Muraquisara não se limitou a ser a matriarca que sustentou o lar com suas mãos laboriosas, ela erigiu-se como uma orientadora sábia, moldando em seus filhos a autonomia necessária para que se tornassem não apenas capazes de cuidar de si mesmos, mas também de zelar por aqueles que lhes são queridos.

Sua presença transcendeu a mera funcionalidade do cotidiano, tornando-se um farol de fé que iluminava os caminhos de sua prole, guiando-os com a luz da esperança e da determinação. Igualmente, Muraquisara se inscreve na ancestralidade como arquétipo da maternidade que, em sua essência, é também um ato de amor e responsabilidade, um testemunho da força que emana da sabedoria parental.

E para mais conhecimento de seu legado e para finalizar este item, deixo os relatos de respeito, admiração, amor, carinho, e saudades de Muraquisara, na voz de seus filhos, netos e bisnetos. Onde foi feita a seguinte pergunta: Qual o maior legado deixado por Muraquisara (Adelina Gama-in memoriam) e que você leva para a vida?

É difícil escolher somente um, mas a persistência e a fé foram fundamentais para conseguir sobreviver (por ser indígena) na cidade grande. Mesmo longe, desenvolvi a minha cosmovisão e adquiri conhecimento sobre a cura e isso é uma forma de manter o legado deixado por ela, preservando a nossa cultura e a origem da família (Putira Murutinga, 43 anos, Baré, Neta)

Lembro que em alguma ida dela à Manaus, eu deveria ter uns 5 anos e inocentemente perguntei sobre os pais dela. Mas sem pensar muito ela disse que era filha da flor. Nunca vou esquecer disso. Por anos acreditava nisso. Até porque eu não tinha conhecimento de biologia. Então essa história fixou na minha mente. Quando fomos para São Gabriel em 2006, eu já tinha 12/13 anos e ainda acreditava que ela era filha da flor. Até que uma vez ela me levou para o sítio e na hora de tomar banho, bem na beira do rio mesmo, eu perguntei como que nascia da flor. Aí ela disse que vivia dentro da flor, e quando ela ficou um "pouquinho grande" ela não cabia mais dentro e tinha que sair da flor. Mais uma vez alimentando a história de ser filha da flor. Eu imaginava a cena dela saindo e caindo no chão, me perguntava quem que tinha pegado ela. Se ela tinha roupa. Era tão inocente da minha parte. Mas isso sem dúvidas me proporcionou uma infância saudável. Poder usar a imaginação para sair da tão sofrida realidade, foi a maior forma de defesa que ela encontrou e não quis repassar seu sofrimento. Somente a força dela. Hoje tenho conhecimento de como nascem os bebês, mas se um dia tiver filhos, vou dizer que são bisnetos de uma flor também. Lembro de que uma vez até disse pra ela: vó, eu sei que a senhora não nasceu da flor, que foi um tio ou padrinho que criou a senhora. Aí ela disse que ele criou ela porque na hora que ela saiu da flor, o curupira ia pegar ela. Hoje sei da história dos pais terem morrido, mas Não sei o que a vovó passou na infância, mas com certeza não deve ter sido fácil ser órfã tão nova. Lembro também de quando a vovó me levou para o sítio da dona Luciana e quando elas limpavam lá, derrubavam árvore e mandava a gente ficar olhando das pedras na beira do rio as árvores caindo, e a gente só ouvia eles gritando: madeiraaaaa!!! Era tão divertido. Lembro da primeira vez que ela me levou no sítio da dona Luciana, meu primeiro dente estava mole, aí no meio do trajeto, dentro na canoa no rio, fui mexer no dente e ele caiu dentro da água, aí vovó disse que a dona da água estava seguindo a gente e viu meu dente mole, aí ela disse que estava esperando cair pra fazer um colar pra ela. Kkkkkkkk essa vovó era cheia de histórias. (Cris, Baré, Neta).

Ao fazer uma imersão sobre lembranças e memórias acerca de Adelina Gama, minha avó, precisei abrir portas do meu passado. Em um primeiro momento, voltei para minha infância. As primeiras recordações envolvem uma relação de sabor e cuidado. Recordo-me de alguns momentos em que, ao entrar em seu ambiente de trabalho, um hospital próximo à escola em que estudava, sentei em uma cadeira e logo próximo estava um cacau. O cacau sempre esteve presente, em outros momentos ela catou os que estavam no chão e nos ofereceu. No dia em questão, ao perceber que notei o fruto, ela o ofereceu. Após dizermos que sim, ela quebrou a casca, dividiu o fruto e entregou aos netos, falando para comermos. Sempre me recordo dessa cena. Parecia ser um dia comum, para todos os outros, mas para mim, não foi. Hoje, com 37 anos, me emociono e choro ao contar este fato. Guardo e levo para onde vou. Obviamente, a partir de muitas memórias, teria condições de relatar outros fatos. Momentos que envolvem risos, tristeza, um puxão de orelha, zelo e cuidados com as pessoas à sua volta. Ainda que no limite do cansaço, sentia que Adelina Gama buscou cuidar das pessoas próximas a ela. Talvez, eu ainda esteja aprendendo a cuidar das outras pessoas e, certamente, ela, é uma das pessoas que posso tomar como referência. (Esteves, 37 anos, Dessano, Neto).

Levo a lição de junção de família. Sempre foi na casa da vovó o lugar onde a gente se juntava para datas comemorativas, almoços de domingo, sempre foi um lugar de paz. Um lugar de trégua. Um lugar onde todo mundo sabia que tinha um ombro amigo e tinha alguém pra contar. E acima de qualquer coisa sempre respeitar os mais velhos. Quero levar isso pra vida e pra minha família. Saber que meu lar vai ser o lugar seguro deles. Isso me deixaria muito realizada (Putira Pituna, 30 anos, Baré, Neta).

Era o amor genuíno e incondicional por nós e não media esforços para sempre ter a família unida. E em qualquer circunstância ela ali estava como se fosse um anjo de guarda mais em forma de ser humano, do nada ela já estava ali do nosso lado (rsrs). Que levo para a vida é cultivar o amor, compreensão, sabedoria, aceitação e ajudar o próximo sem receber nada em troca esse foi o legado que ela deixou para nós que se resume em uma só palavra "Adelina" um ser que jamais será esquecido (Jacitara, 40 anos, Baré, Neta).

A maior lição que pude aprender com minha avó é sempre partilhar a comida com toda a família, manter a família unida mesmo que alguns estejam distantes fisicamente. E respeitar os mais velhos e agradecer pelo que temos (Diã Kurú, 34 anos, Dessano, Neto).

É pra frente que se anda, não importa o percalço que tenhamos que enfrentar. O que levo pra vida: Não fraquejar diante das dificuldades que a vida nos oferece (Curaci, 59 anos, Baré, filha).

O legado deixado por Muraquisara para mim, foi o incentivo de levar em frente a Jurema Sagrada. De ter me ensinado valores e ter me tornado uma Ialorixá de responsabilidade com todos os conhecimentos de jurema que aderi. E por ter me tornado uma mãe compreensiva, e uma mulher trabalhadeira. Esse foi o maior legado de minha mãe comigo (Putira Pituna, 56 anos, Baré, filha).

Muraquisara (trabalhadeira) foi e sempre será meu norte, minha inspiração, os valores que trago comigo e ensino a meus filhos e sobrinhos veio dos exemplos de sua vida. Minha mamita foi piaçabeira, balateira, cipoalzeira, roceira. Fazia sua farinha, beiju, tapioca e maçoca. Fez jus a seu nome. Quando veio morar em Tawa (sede de SGC) trouxe consigo a esperança e sua grande e inabalável fé. E o que levo para vida? Todos esses valores. E se eu conseguir ser 1/3 do que foi Muraquisara, me dou por satisfeita. Seu amor, seus cuidados, sua provisão nos encheram de vida, força, coragem, determinação e em sua fé nos sustentou e sustenta. (Putira Yaci, 49 anos, Baré).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os objetivos desta pesquisa, destacou-se a relevância de aprofundar a compreensão acerca do conhecimento tradicional relacionado à Jurema Sagrada e ao xamanismo, especialmente no contexto de São Gabriel da Cachoeira-AM. A investigação identificou elementos culturais, analisou práticas de cura e distinguiu rituais do conhecimento de cura, contribuindo para valorizar e preservar essas manifestações culturais de grande expressão.

Além disso, evidenciou-se o papel dessas práticas na resistência e resiliência do Recanto dos Orixás, diante de preconceitos enfrentados pelos juremeiros. De tal modo, a pesquisa reforça a importância do reconhecimento das práticas tradicionais como componentes essenciais à diversidade cultural e à saúde integral de quem procura essa prática ritualística, promovendo uma compreensão mais ampla e respeitosa dessas tradições no cenário contemporâneo.

O estudo revelou a riqueza cultural e espiritual presente na região de São Gabriel da Cachoeira, destacando a complexidade e diversidade das tradições afro-indígenas que permeiam a história e o cotidiano dessa comunidade.

A reflexão acerca dos encontros espirituais, especialmente aqueles relacionados à Jurema Sagrada, permitiu compreender que tais práticas representam não somente meios de cura, mas também mecanismos de resistência cultural e afirmação identitária frente a processos históricos de colonização, marginalização e preconceito.

Observou-se ainda, que as práticas realizadas no Recanto dos Orixás e a residência de Dona Jóia demonstram uma continuidade e adaptação dos saberes ancestrais, que se entrelaçam com influências de outras culturas, inclusive a diaspórica, formando uma rede de significados que reforça a resistência e a criatividade dessas comunidades.

Embora muitas dessas manifestações ocorram de forma reservada, tal reserva evidencia o cuidado e a valorização do sagrado, além da necessidade de proteger suas tradições diante de contextos de marginalização social e cultural. Reconhecer e valorizar as identidades afro-indígenas na Amazônia é fundamental para promover uma sociedade mais inclusiva, plural e respeitosa.

As práticas religiosas, os saberes tradicionais e as manifestações culturais representam não apenas heranças ancestrais, mas também formas de resistência e afirmação de direitos, contribuindo para o fortalecimento da diversidade cultural brasileira.

Compreender a complexidade desses contextos evidencia a necessidade de políticas públicas sensíveis às especificidades locais e do reconhecimento do papel ativo dessas comunidades na construção do patrimônio cultural regional. Assim, é possível valorizar suas contribuições, fomentar o diálogo intercultural e assegurar o exercício pleno e respeitoso de suas práticas religiosas.

Espera-se que este estudo tenha incentivado uma reflexão aprofundada acerca da importância do respeito às diferenças culturais e espirituais, ressaltando que a diversidade constitui uma riqueza a ser preservada e celebrada. Reconhecer a força dessas tradições equivale a reconhecer a resistência de um povo que, ao longo dos séculos, preservou suas identidades e contribuiu significativamente para a pluralidade cultural do país.

Analisando o conjunto, evidencia-se que o papel dos especialistas e xamãs nas culturas tradicionais, especialmente nas práticas de Jurema Sagrada e no xamanismo brasileiro, é crucial para manter o equilíbrio, a saúde e a harmonia entre o humano, o espiritual e o natural. Esses indivíduos atuam como pontes entre diferentes mundos, transmitindo conhecimentos ancestrais, realizando rituais sagrados e promovendo uma conexão profunda com a natureza e as forças espirituais que regem a vida.

Sua atuação vai além da cura física, abrangendo aspectos culturais, sociais e espirituais, fortalecendo a identidade coletiva e preservando um patrimônio de sabedoria oral e crítica.

A reverência às plantas sagradas, aos Orixás e às entidades espirituais revela uma cosmologia integrada, na qual cada elemento possui significado e função dentro de um sistema de relações voltado ao bem-estar da comunidade. É fundamental reconhecer que esse conhecimento, construído culturalmente e transmitido de geração em geração, deve ser protegido e respeitado, sempre mediante a permissão e orientação dos povos originários e de seus especialistas.

Dessa forma, a valorização dessas práticas tradicionais contribui para uma compreensão mais ampla do mundo, promovendo o respeito à diversidade cultural e espiritual, além de fortalecer o diálogo intercultural e o reconhecimento das sabedorias indígenas.

A importância de integrar os saberes tradicionais dos povos originários, especialmente a sabedoria dos mestres de Jurema, reside na sua contribuição para a preservação do meio

ambiente e a promoção de uma saúde integral. Os conhecimentos ancestrais, transmitidos por mitos, rituais e práticas espirituais, oferecem uma compreensão profunda da relação entre humanidade e natureza, demonstrando que o cuidado com o planeta constitui uma questão de respeito, identidade e sobrevivência coletiva.

Diante dos impactos do capitalismo e da crise ambiental global, torna-se imperativo valorizar a riqueza cultural e ecológica das comunidades indígenas, adotando práticas de manejo ambiental sustentáveis e respeitadas às suas tradições. A integração entre ciência moderna e saberes tradicionais potencializa ações de cura e conservação, além de fortalecer uma ética de convivência harmônica com o planeta.

Reaprender com os mestres de Jurema e valorizar seus ensinamentos é um passo fundamental para construir um futuro mais equilibrado, no qual o cuidado com a Terra seja uma prática coletiva e um compromisso social, garantindo às próximas gerações o acesso à sabedoria, ao poder curativo da natureza e à riqueza cultural oferecida pelos povos originários e afrodiaspóricos.

REFERÊNCIAS

ABU-LUGHOD, Lila. A escrita contra a cultura. In: Equatorial–Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, v. 5, n. 8, p. 193-226, 2018.

AMAZONAS, Manaus. Lei Nº. 5.796, de 12 de janeiro de 2022. Declara São Gabriel da Cachoeira-AM, como a Capital dos Povos Indígenas. Disponível em: <https://sapl.al.am.leg.br/media/sapl/public/normajuridica/2022/11757/5796.pdf>. Acesso em: 23 de jan de 2024.

ARAÚJO, Carlos Eduardo de. Xamanismo hoje: diálogos com uma sabedoria arcaica. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação. Natal, RN, 2022. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/47219/1/Xamanismohojedialogos_Araujo_2022.pdf. Acesso em: 10 de jan de 2024.

BRASIL, MEC/SEF. Referencial curricular para as escolas indígenas/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/1999/pceb014_99.pdf. Acesso em: 13 de jan de 2024.

BARRETO, João Paulo Lima. Bahserikowi - Centro de Medicina Indígena da Amazônia: concepções e práticas de saúde. Amazonica - Revista de Antropologia, [S.l.], v. 9, n. 2, p. 594-612, abr. 2018. ISSN 2176-0675. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/5665>>. Acesso em: 20 mar. 2024. doi:<http://dx.doi.org/10.18542/amazonica.v9i2.5665>.

_____. João Paulo Lima. Kumuã na Kahtiroti-ukuse: uma “teoria” sobre o corpo e o conhecimento-prático dos especialistas indígenas do Alto Rio Negro. Tese de Doutorado em Antropologia Social – Universidade Federal do Amazonas-UFAM, 2021. Disponível em: https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/8289/5/Tese_João%20Paulo_PPGAS.pdf. Acesso em 25 mar. 2024.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Cultura com aspas e outros ensaios/Manuela Carneiro da Cunha. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

DESCOLA, Philippe, 1949. Outras naturezas, outras culturas/Philippe Descola; tradução de Cecília Ciscato – São Paulo: Editora 34, 2016 (1ª Edição) 64p. (Coleção Fábula).

ELIADE, Mircea. O Xamanismo e as Técnicas Arcaicas o Êxtase. São Paulo – Martins, 2002. Fontes. Trad. Beatriz Perrone-Moisé, Ivone Castilho Benedetti.

ELIAS, Norbert, 1897-1990. O Processo Civilizador/Norbert Elias; tradução Ruy Jungman; revisão e apresentação, Renato Janine Ribeiro. – 2.ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zabar ed., 1994 2v.

_____. Tecnização. In Neiburg, F.; Waizbort, L. (Org). Estado, processo, opinião pública. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. Cap. 2, p.35-68. (Escritos e Ensaios, v.1).

FONTES, Francineia Bitencourt. Hiipana, Eeno Hiepolekoa: Construindo um pensamento antropológico a partir da mitologia Baniwa e de suas transformações. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.

GALVÃO, Pedro. Filosofia: uma introdução por disciplinas/Pedro Galvão.[et al.].-(Extra coleção). Edições 70, setembro de 2012.

GRANDO, Beleni Saléte. Esporte, lazer e povos indígenas [recurso eletrônico] /Beleni Saléte Grando, Khellen Cristina Pires Soares. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2023.

HERRERO Marina. FERNANDES Ulysses (org.). Baré: Povo do rio. Edições Sesc São Paulo. 2015.

KOPENAWA, ALBERT, Bruce, Davi. A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami/Davi Kopenawa e Bruce Albert: tradução Beatris Perrone-Moisés: prefácio de Eduardo Viveiros de Castro – 1ª ed.

LANGDON, E. Jean Matteson. Xamanismo no Brasil: Novas Perspectivas. Organizadora. – Florianópolis: Ed. da UFSC, 1996.

GOLDMAN, Marcio. A relação afroindígena. Caderno de campo, São Paulo, n.23, p.1-381, 2014 – DOI: 10.11606/issn.2316-9133.v23ip213-222.

GOLDMAN, Marcio. Nada é igual. Variações sobre a relação afroindígena. Mana 27(2): 1-39, 2021 – <http://doi.org/10.1590/1678-49442021v27n2a200>.

MAR, SOUTO, CÉSAR, Alex Araújo, Caio Augusto Teixeira, Waldimiro Maximino Tavares. Mariana, Herondina e Toya Jarina: Transculturalidade nas figurações do Sagrado feminino na encantaria Amazônica. Sacrilegens, Juiz de Fora, v.21, n.1, p.136-154, jan./jun.2024.

MIRANDA, Carla. E a Jurema se abriu toda em flor. A luta por Reconhecimento do Povo de Jurema como Povo Tradicional de Matriz Afro-indígena. Tese de Doutorado pela Universidade de Brasília – Faculdade de Direito, 2018. Disponível em: <http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/34064>. 13. de jan de 2024.

MONTEIRO, Luana Karen de Lira. Educação e ancestralidade na casa de Jurema São Sebastião: "Quem tem sangue de Caboclo ta na hora de arriar". Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2020.

REZENDE, Justino Sarmiento. A festa das frutas: uma abordagem antropológica das cerimônias rituais entre os Utãpinopona (Tuyuka) do alto rio Negro. Tese de Doutorado em Antropologia Social – Universidade Federal do Amazonas-UFAM, 2021.

SILVA JUNIOR, Luiz Francisco da. A Jurema, o Culto e a Missa: disputas pela identidade religiosa em Alhandra PB. Dissertação de Mestrado em História – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2011.

ROHDE, Bruno Faria. A umbanda tem fundamento, e é preciso preparar: abertura e movimento no universo umbandista. 154 f. 2010. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Prof. Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

APÊNDICE A – ARTIGO DO INTERCÂMBIO BRASIL/BOLÍVIA

RITUAIS DA PACHAMAMA E DO XAMANISMO NA JUREMA SAGRADA:

Ancestralidade indígena entre Brasil e Bolívia

Dinéia Gama Albuquerque³⁴

Agenor Cavalcanti de Vasconcelos Neto³⁵

Maria do Socorro da Silva Arantes³⁶

Palavras Chaves: Pachamama, Xamanismo, Jurema Sagrada.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa busca compreender e valorizar os rituais sagrados da Pachamama e do Xamanismo como expressões de uma cultura ancestral indígena presente nos povos originários da Bolívia e do Brasil. Essas práticas espirituais, que permeiam a relação do homem com a natureza e o cosmos, representam não apenas manifestações religiosas, mas também elementos fundamentais na construção de identidades culturais, resistência e transmissão de conhecimentos tradicionais.

³⁴ Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas (PPGSCA/UFAM). Bolsista CAPES do Intercâmbio Sanduiche Brasil/Bolívia do Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias Nascimento. Pedagoga da Rede Estadual de Ensino do Amazonas. E-mail: dineiasgc@gmail.com.

³⁵ Doutor em Antropologia Social. Especialista em etnologia indígena do Noroeste Amazônico/Alto Rio Negro. Foi convidado para dançar kuximawara uma vez e fez dessa experiência uma tese premiada. Professor colaborador do PPGSCA-UFAM. Participa dos grupos de estudos NEAI e Maracá.

³⁶ Docente da Universidade Federal do Piauí(UFPI). Doutora em Educação, coordenadora do Projeto Internacional Ciência Indígena financiado pela CAPES, e coordenadora do Núcleo de Pesquisa NEPEECDES.

O problema central aqui é responder como esses rituais se manifestam nos elementos da cultura indígena, especialmente na Jurema Sagrada, analisando de que forma esses sistemas de crenças fortalecem o pertencimento étnico e a memória ancestral dos povos, promovendo uma conexão viva com suas raízes e com o meio ambiente. A metodologia adotada, baseada em trabalho de campo qualitativo, entrevistas, etnografia e autoetnografia, aliada ao diálogo com uma bibliografia especializada, possibilitou uma imersão nas práticas e saberes tradicionais, além de uma troca intercultural durante o intercâmbio realizado na Bolívia, enriquecidas em atividades de campo e vivências com a cultura dos povos indígenas da Bolívia.

Ao analisar essas manifestações culturais e vivências, pretende-se evidenciar a importância da transmissão e valorização desses conhecimentos ancestrais frente às ameaças do “desenvolvimento” capitalista, reafirmando a resistência cultural e espiritual dos povos indígenas e afro-indígenas. Assim, este estudo pode contribuir para a compreensão da relação intrínseca entre cultura indígena e sustentabilidade, ressaltando o papel fundamental dos rituais ancestrais na construção de uma sociedade mais plural e sustentável, consciente e respeitosa com a biodiversidade e a diversidade cultural.

ANCESTRALIDADE INDÍGENA NAS FRONTEIRAS BRASIL E BOLÍVIA

Na atualidade, a temática das mudanças climáticas constitui uma pauta de repercussão global. No entanto, é pertinente recordar que os povos originários de todas as regiões do planeta já discutiam e transmitiam conhecimentos acerca dos cuidados necessários com o meio ambiente, uma vez que dele deriva toda a vida.

No âmbito do contexto intercultural, destaca-se São Gabriel da Cachoeira, localizada no Estado do Amazonas, Brasil. Em 2022, foi oficialmente reconhecida como a Capital dos Povos Indígenas por meio da Lei nº 5.796, de 12 de janeiro, promulgada pelo Governo do Amazonas. Tal distinção se deve à sua diversidade étnica e aos conhecimentos ancestrais que preservaram a existência dessas comunidades ao longo do tempo. O que corrobora com Quinteiro, Fonseca (apud. Morin, 1996), em,

O saber tradicional pode ser observado como aquele oriundo das comunidades tradicionais – grupos indígenas, quilombolas, caiçaras, ribeirinhos, extrativistas etc. –, percorrendo caminhos por vezes coincidentes e por outros concorrentes com o saber acadêmico, pois os diferentes conhecimentos são fruto de um processo de “circularidade” influenciando e sendo influenciados mutuamente.

E dentro desse contexto, os conhecimentos tradicionais do povo rio-negrino³⁷ despertam interesse por parte dos kariwas³⁸, que ao longo de décadas têm explorado o território e os recursos culturais, materiais e imateriais sem oferecer a devida compensação. Esses saberes representam significados ancestrais, transmitidos oralmente de uma geração para outra, e merecem ser respeitados por sua singularidade e relevância. Na qual, em sua maioria são transmitidos através dos mitos, que nos ensinam e explicam sobre diversos saberes. Sobre essa questão, para Wright,

[...]o mito tem uma importância central na cultura Baniwa, explicando pelo menos quatro questões maiores sobre a natureza do mundo: como a ordem e os modos de vida dos antepassados são reproduzidos para todas as gerações futuras; como as crianças devem ser instruídas sobre a natureza do mundo; como as doenças e o infortúnio entraram no mundo; e qual a natureza da relação entre seres humanos, espíritos e animais, que é a herança do mundo primordial (Wright, 1996, p. 87).

Nessa mesma perspectiva, Fontes (2019, p.28) nos relata que “o mito não é do passado, um mito é uma narrativa presente é vida”. Pois, está presente em nosso cotidiano e norteia os ciclos da vida, suas condutas, seus modos de ver o mundo terreno e espiritual. De modo que “o mito comporta uma multiplicidade. Dentro das narrativas sempre há descobertas sobre coisas diferentes” (Fontes, 2019, p.28). Tais conhecimentos, entrelaçam-se com crenças e rituais próprios, formando uma teia de significados sagrados que reforçam a memória coletiva e o pertencimento. Nessa tessitura, Barreto (2017) nos revela com sensibilidade e profundidade que,

Entre os povos do Alto Rio Negro, conhecer o mundo significa necessariamente estabelecer relações cosmo-políticas, sem dividi-las em relações sociais e meio natural. Consideramos que todos os “ambientes” dos espaços aquáticos, terra/floresta e aéreo são habitados por outros seres humanos denominados de *waimahsã*, na língua *yepamahsã*, que doravante são traduzidos como espíritos. Essa noção de espaços mais inclusiva está articulada com *bahsese* (benzimentos) e a intenção dos humanos como *waimahsã*, habitantes dos respectivos “ambientes” (Barreto, 2017, p. 603).

³⁷ Povos que vivem ao longo do Rio Negro, localizado no Estado do Amazonas-Brasil.

³⁸ Não indígenas, na língua Nheengatú (língua geral) falada atualmente pelo povo Baré

Nesta conjuntura, em conformidade com os ditames da ancestralidade, a Pachamama, o Xamanismo e a Jurema Sagrada emergem como manifestações eloquentes do pertencimento étnico indígena que perpassa toda a vasta extensão da América Latina. Essas expressões culturais e espirituais, enraizadas na cosmovisão de povos originários e afro-diaspóricos tecem uma rede de sentidos que transcende a temporalidade e a espacialidade, influenciando profundamente suas crenças, rituais e tradições.

E como pesquisadora do povo indígena Baré e contemplativa praticante da Jurema Sagrada em meu território, São Gabriel da Cachoeira, situado nas terras indígenas do Rio Negro no Estado do Amazonas, manifesto que a força ancestral de minhas raízes me guiou rumo ao espaço acadêmico e à realização do mestrado sanduíche na Bolívia. Sou Potira Yaci (Flor da Lua), tenho 49 anos, proveniente de um clã cuja tradição de saber repousa no xamanismo/pajelança, conhecimentos estes reservados aos homens em meu território. Porém, minha mamita³⁹, com sua astúcia e sensibilidade, assimilou, por meio da observação cuidadosa, as práticas de cura através do poder da natureza (plantas e ervas).

É a partir dessa sabedoria, transmitida pela ancestralidade materna, que nasce o meu desejo de narrar e defender os rituais e o mundo do xamanismo no contexto da Jurema Sagrada, especialmente no Recanto dos Orixás, em São Gabriel da Cachoeira-Amazonas, tema de minha dissertação.

Guiada por um sonho, cujo sussurro etéreo despertou minha alma para a jornada do saber, o tema de minha dissertação emergiu das palavras sagradas de Mestra Herondina⁴⁰. No silêncio do sonho, ela falou sobre “A força de um clã”, uma força que entrelaça raízes ancestrais e pulsa através da linhagem materna, reverberando no culto à Jurema Sagrada, símbolo de resistência, de conexão com o sagrado, de memória viva e eterna.

Assim, sob essa inspiração mística, iniciei minha trajetória no mestrado no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA), vinculado ao Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Nesse espaço de reflexão e descoberta, estou inserida na Linha de Pesquisa 2: Redes, Processos e Formas de Conhecimento, onde os enredos invisíveis do saber se conectam, revelando a complexidade das relações humanas e culturais na vastidão amazônica.

³⁹ Assim é conhecida a matriarca do clã referido acima, também conhecida como Muraquisara.

⁴⁰ Entidade espiritual da Jurema Sagrada e outras religiões de matriz africana. Conhecida também por cabocla Herondina.

Dentro desse cenário, tive a oportunidade de participar do programa de intercâmbio de mestrado sanduíche, fomentado pela CAPES, por meio do Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias Nascimento. Essa experiência me possibilitou vivenciar, ao longo de dez meses, as particularidades da Bolívia e a Universidade Pública de El Alto (UPEA). Assim como minha cidade, São Gabriel da Cachoeira, a Bolívia tem também muito forte esse traço indígena.

A vasta heterogeneidade cultural e as paisagens deslumbrantes do país proporcionaram uma experiência singular, que transcende fronteiras. O intercâmbio na Bolívia revelou-se uma experiência transformadora, expondo um país repleto de contrastes, desde suas belezas naturais até a diversidade cultural de suas comunidades.

A convivência com a população local e a imersão em suas tradições proporcionaram uma nova perspectiva acerca da vida e das realidades sociais. Essa vivência fomentou uma valorização das diferenças e uma busca por uma compreensão mais aprofundada das questões sociais e econômicas que permeiam a sociedade boliviana.

Ademais, a experiência estimulou uma reflexão acerca do nosso próprio contexto social e das desigualdades existentes em nossa sociedade. Em síntese, o intercâmbio contribuiu para a ampliação dos nossos horizontes e me motivou a atuar de maneira mais consciente e crítica em relação ao mundo ao nosso redor. A Bolívia nos ensinou que, apesar dos contrastes, a empatia e o diálogo são essenciais para a construção de pontes entre culturas e para a promoção do entendimento mútuo.

Dessa forma, minha trajetória se conecta ao legado ancestral de Muraquisara⁴¹, minha matriarca e do clã Mapinguari⁴², buscando dar voz às práticas que sustentam minha cultura, saúde e identidade, promovendo um diálogo entre o saber tradicional e o espaço acadêmico. Nesse conjunto, o tema do artigo se revela ao evidenciar a intersecção entre o xamanismo, a Jurema Sagrada e a Pachamama.

CONEXÃO ANCESTRAL: PACHAMAMA, XAMANISMO E JUREMA SAGRADA

Como já descrito, o interesse acadêmico concernente ao xamanismo, inscrito nos saberes tradicionais da Jurema Sagrada e em suas práticas, emergiu de maneira multifacetada, partindo de minha apreensão particular, em razão da vivência nos rituais com os mestres da

⁴¹ Trabalhadeira na língua Nheengatu e matriarca do clã Mapinguari que trabalha com a Jurema Sagrada em São Gabriel da Cachoeira, Estado do Amazonas.

⁴² Nome dado pelos mestres da Jurema Sagrada ao clã de Muraquisara, por seu vasto conhecimento dentro das matas. Mapinguari um dos curupiras do Alto Rio Negro, cuja figura encantada é protetor das matas e seus moradores.

Jurema Sagrada. Mas, não tinha a devida compreensão da Religião afro-indígena da Jurema Sagrada. E com as atividades de pesquisa, sinto-me no caminho certo.

E ao participar do intercâmbio sanduíche na Bolívia, a reflexão sobre a Jurema me fez perceber que ela se articula ao conhecimento da Pachamama. A busca por conhecimentos voltados à cura, proteção, êxito na caça ou na pesca, aplacar males, prever o futuro, preparar o corpo, reforça a interdependência desses elementos, evidenciando a relevância dos valores humanos e de suas relações com o cosmos. Essa interconexão entre essas crenças indígenas nos revela uma irmandade com objetivos semelhantes; rituais parecidos.

Ademais, é imprescindível permanecer vigilante quanto à possibilidade de inversão desses valores, sobretudo com a lógica colonial, a qual pode afetar de modo deletério nossa relação com a espiritualidade, a natureza e até mesmo conosco mesmos.

De tal modo, torna-se necessário valorizar e preservar tais conexões, a fim de assegurar a saúde do corpo-território indígena, bem como manter viva a sabedoria ancestral que nos orienta na jornada da existência. Ambos são indispensáveis para o respeito do divino, do meio ambiente e para a transmissão das interações sociais, no âmbito da valorização da herança cultural e da biodiversidade, garantindo a continuidade de uma sabedoria ancestral que orienta a experiência da vida.

Neste sentido, procederemos a uma exposição sucinta de determinados aspectos referentes à Pachamama e à Jurema Sagrada, dialogando com a literatura especializada sobre o xamanismo, os quais se revelaram pertinentes para o desenvolvimento deste estudo:

PACHAMAMA: Deusa da terra na espiritualidade dos povos indígenas da Bolívia

No cerne das cosmovisões de diversas comunidades indígenas (campesinos⁴³) da região andina, a figura da Pachamama, ou Mãe Terra, ocupa uma posição de destaque como símbolo de conexão sagrada entre o ser humano e o cosmos. “A terra ou a Pachamama é vida, assim como a mulher, tem força geradora e criadora, ambas são fecundas e vitais” (Torres, 2021, p.15).

⁴³ “Campesinos: Termo em castelhano para se referir ao camponês no idioma português. No caso boliviano, o “campesino” foi implementado como categoria identitária dos povos indígenas situados nas áreas rurais nas políticas da Revolução Nacional de 1952. Assim, essa categoria, até hoje, além de se referir à pessoa que trabalha a terra, pode ser entendida também como sinônimo de indígena” (Roger Chambi Maita – Advogado).

Por serem assim, nascidos da terra, os povos indígenas se relacionam com a terra como uma “mãe”. A mãe cuida dos filhos desde a concepção, desde o nascimento, cuida do crescimento, cuida durante a velhice e quando isso acontece, ela cuida novamente, pois quando se chega ao final da vida, a pessoa volta novamente para dentro da terra, em seus cuidados (Fontes, 2019, p. 34)

Originária das línguas nativas do Quéchuá e do Aymara, cujo significado remete ao conceito de "mundo" ou "planeta", pacha e à ideia de "mãe", mama, esse termo encapsula uma entidade que transcende o mero simbolismo, sendo percebida como uma força vital e pulsante que sustenta toda forma de existência. Sua importância e respeito é grande que,

Los campesinos aymaras ofrecen diversas "comidas" a la tierra en diferentes periodos del ciclo agrícola. La ofrenda compleja recibe la denominación de mesa y es el tratamiento culinario preciso cuando la tierra "hambrea" cada primero de agosto. Del mismo modo, es la mesa el plato predilecto de la pachamama con el que hay que servirle en los casos en los que la tierra "agarra" a la gente haciéndoles enfermar (Juárez, 1994, p.53).

A Pachamama é reverenciada como uma entidade viva, uma deidade que encarna a essência da natureza em sua plenitude: as montanhas imponentes, os rios serpenteantes, a flora exuberante e a fauna diversificada. “Essa entidade evoca no imaginário dos povos indígenas da região o sentimento de que somos filhos de uma Grande Mãe, nossa primeira morada, e que a ela devemos respeito durante nosso trajeto pelas veredas da existência” (Bulhões, 2021, p.127).

Para os povos que a reverenciam, ela representa a fonte primordial de vida e de equilíbrio cósmico, cuja harmonia é condição *sine qua non* para o bem-estar coletivo. De tal modo, sua presença permeia rituais de gratidão, oferendas e cerimônias que visam assegurar boas colheitas, saúde e uma convivência harmoniosa com o meio ambiente. E qual o significado dos rituais sagrados da Pachamama?

Os significados são muito importantes e determinantes para o cotidiano. O ritual que prático é a oferenda, ou mais conhecida como “mesa”, que consiste em um preparo especial, uma comida para Pachamama, com insumos como ervas medicinais, doces, gordura e lã de lhama, folhas de coca, entre outros. Por isso, há um mês específico para que os Aymaras façam rituais a Pachamama, esse mês é agosto, em que a mãe descansa e abre a boca para que a alimentemos. Cada ritual tem protocolos que devem ser seguidos à risca, caso contrário, serão mal recebidos. Isso evidencia o significado dos rituais. É algo sério, que envolve fé e dedicação, independentemente dos custos de tempo e dinheiro. (Mayta, Aymara, 34 años, 2025. Entrevista em 27 de abril).

Entre esses, destaca-se o ritual do "Pago a la Tierra", uma oferenda de alimentos, bebidas, folhas de coca e objetos simbólicos às montanhas ou ao solo, numa tentativa de estabelecer uma relação de reciprocidade e respeito com a Mãe Terra.

Na visão indígena andina (campesinos), a relação com a Pachamama é marcada por um princípio de troca mútua: cuidar da terra é, na essência, cuidar de si e das futuras gerações. Tal perspectiva contrasta com as abordagens econômicas convencionais, muitas vezes orientadas à exploração desenfreada dos recursos naturais, promovendo uma visão mais sustentável e respeitosa do meio ambiente. Na qual as mulheres têm um cuidado maior com a terra,

Na visão de mundo personificada pelas mulheres ameríndias, toda natureza é parte da Pachamama, Ele/Ela Criador/a é fonte de toda riqueza; as mulheres agricultoras – camponesa e indígena – que vivem e se alimentam da natureza, tem um profundo conhecimento dos processos do modo de vida sustentável que se encontra estreitamente relacionado com a floresta, com os rios, com a várzea e com o movimento das águas. (Bulhões, 2021, p. 128).

Essa filosofia de preservação e reverência destaca-se como uma alternativa ao paradigma destrutivo, propondo uma convivência harmônica e equilibrada com o planeta. Contudo, a Pachamama encontra-se ameaçada por atividades extrativistas, mineração predatória, desmatamento e as mudanças climáticas que aceleram sua vulnerabilidade. Neste sentido, se

...evidencia que a sabedoria secular herdada pelas mulheres traduz em suas práticas ecológicas a relação de alteridade no conviver com a Mãe-Terra, dedicando-lhe respeito, amor e profundo zelo. Na visão dos povos ameríndios, a terra é mais do que simplesmente o lugar onde se vive. Ela é sagrada, é capaz de fazer germinar e de acolher plantas, animais e uma infinidade de seres vivos, além dos humanos, compondo assim ambientes onde a vida frutifica em todo o seu esplendor. (Bulhões, 2021, p. 129-130).

Com isso, diversos povos indígenas andinos, continuam na luta para defender suas terras ancestrais e suas tradições, reconhecendo na figura da Mãe Terra uma força vital que necessita de proteção e respeito. “La pachamama es picdra, grasas animales, metales, resinas, dulces pero igualmente, ese mundo del querer que los hombres anhclan y del que tambien forman parte” (Juárez, 1994, p.70).

Nos últimos anos, essa entidade passou a simbolizar a resistência indígena e a luta por direitos ambientais, sendo incorporada por movimentos ecológicos e pelos direitos dos povos

originários, que veem nela um símbolo de esperança para uma relação mais justa e equilibrada com o planeta. Pois, qual a relação entre Pachamama e a espiritualidade Ayamara?

Yo, como persona social, formo parte de la Pachamama, yo habito en ella, mi vida depende de ella, mi existencia es convivial con la Pachamama y con otros entes, formo parte de esse sistema de vidas. Cuando se habla de Pachamama, no sólo es tierra ni territorio, sino, va más allá, abarca de maneira holística, “vuelo”, “suelo” y “subsbuelo” (alax pacha, aka pacha y manqha pacha). Dicho de outro modo, yo habito em la Pachamama, soy parte de ella. Por lo tanto, tengo una relación convivial del mundo pluriverso. (Osco, Ayamara, 69 años, 2025. Entrevista em 27 de abril).

A Pachamama representa um conceito filosófico e ético que fundamenta uma visão de mundo pautada na harmonia, no respeito e na reciprocidade com a natureza. Sua compreensão e valorização oferecem uma alternativa às práticas destrutivas advindas do modelo econômico atual, propondo uma reflexão profunda sobre nossa relação com o meio ambiente.

É conferida à natureza uma dimensão de valor ético, as práticas realizadas pelas mulheres, batizadas hoje de sustentáveis, têm demonstrado ao longo do processo histórico sua conexão e interação com a natureza, pois ambas estão interligadas por linhas invisíveis, todas lutam, constroem estratégias e delimitam objetivos (Bulhões, 2021, p.130)

Assim sendo, ela se configura como um símbolo de resistência e uma inspiração para a construção de um futuro onde a coexistência com a Terra seja pautada pela consciência ecológica e pelo cuidado mútuo. Neste sentido, qual a relação entre Pachamama e a natureza?

São conceitos diferentes. O conceito de natureza é ocidental. No idioma Aymara não existe uma palavra que signifique o ambiente natural como algo separado do mundo Aymara. Não existe a relação “homem e natureza”. A relação é homem-mulher (sempre em paridade) e mãe, Pachamama, avós e avós montanhas, ou seja, um entorno vivo com o qual se interage. Hoje em dia, com constituições políticas com a do Equador, fala-se em direitos da Mãe natureza, ou seja, tenta-se dar um sentido materno à natureza, mas ainda permanece como algo externo. No caso Aymara, o sentido é outro: a Pachamama é mãe (Mayta, Ayamara, 34 años, 2025. Entrevista em 27 de abril).

XAMANISMO: Espiritualidade afro-indígena

O município mais indígena do Brasil, São Gabriel da Cachoeira-Amazonas, manifesta-se, na região do Alto Rio Negro, como um núcleo de predominância religiosa, tanto na vertente católica quanto protestante, e a cultura espiritual originária dos povos indígenas passou a ser progressivamente substituída por essas duas tradições.

No que concerne à prática do xamanismo/pajelança, observa-se um fenômeno de metamorfose cultural, no qual a transmissão discreta e oral das tradições xamânicas às gerações mais jovens foi substituída por um sistema de liderança centralizada, simbolizado pelo termo “capitão”. Este líder assume o papel de principal decisor, ouvindo as lideranças religiosas institucionais que se estabeleceram nas comunidades indígenas, em um gesto de adaptação ao processo de “civilização” e integração social do invasor colonial.

Desta maneira, essa mudança pode ser atribuída à influência da cultura ocidental, que trazia consigo diferentes valores e costumes em encontro com os das comunidades indígenas. Nesse contexto, a substituição do termo “xamã” pelo termo “capitão” reflete uma reconfiguração das práticas tradicionais, em favor de um sistema de poder mais centralizado e hierárquico, no qual a autoridade religiosa é subjugada à autoridade civil.

No âmbito do xamanismo, destacam-se as crenças relacionadas aos antepassados e às cerimônias de chamamento, voltadas a estabelecer uma conexão com o plano divino. O xamã e/ou pajé é reconhecido como o detentor do conhecimento essencial, capaz de acessar estados de transe e de navegar por outras realidades, assumindo diversas formas e entidades na busca por respostas que possam facilitar a cura de enfermidades, futuros e direcionamentos terrenos. “As manifestações xamânicas formam parte de um padrão lógico de representações dentro de uma determinada cultura, onde a vocação individual da pessoa está de acordo com o papel previsto” (Langdon, 1996, pg,15).

Parafraseando Ester Langdon, o xamanismo, conhecido no Brasil como pajelança, representa ao longo do tempo um desafio para a antropologia. Desde os primeiros estudos etnográficos, os xamãs e suas práticas despertaram o interesse dos “civilizados” devido às suas crenças místicas, ao comportamento de êxtase e às ações consideradas “mágicas”.

Como essas características se afastam de uma visão racional e científica, a antropologia, até há pouco tempo, não dispunha de instrumentos adequados para compreender o xamanismo como uma força dinâmica no mundo contemporâneo ou para desenvolver modelos teóricos eficazes para sua análise. No entanto, os acontecimentos das últimas três

décadas nos obrigaram a reconhecer a relevância desse fenômeno e a criar novas abordagens para entendê-lo (Langdon, 1996, p.09).

Nesse mesmo aspecto que Davi Kopenawa, nos relata que é possível compreender o saber xamânico yanomami e de outros povos como uma fonte de conhecimento ancestral, um elo entre o mundo humano e o sagrado, cuja essência reside na compreensão profunda da harmonia universal e na preservação do equilíbrio entre os planos da existência. Tendo em vista que, o xamã, acessa espaços transcendentais,

Com estes espíritos, você protegera os humanos e seus filhos, por mais numerosos que sejam. Não deixe que os seres maléficos e as onças venham devorá-los. Impeça as cobras e escorpiões de picá-los. Afaste deles as fumaças de epidemia *xawara*. Proteja também a floresta. Não deixe que se transforme em caos. Impeça as águas dos rios de afunda-la e a chuva de inundá-la sem trégua. Afaste o tempo encoberto e a escuridão. Segure o céu, para que não desabe. Não deixe os raios caírem na terra e acalme a gritaria dos trovoes! Impeça o ser tatu-canastra Wakari de cortar as raízes das árvores e o ser do vendaval Yariporari de vir flechá-las e derruba-las!”. Essas foram as palavras que Omama deu ao filho. Por isso, até hoje os xamãs continuam defendendo os seus e a floresta. Mas também protegem os brancos, apesar de serem outra gente, e todas as terras, até as mais imensas e distantes (Kopenawa, 2015, p.85 e 86).

Muito interessante que apesar de toda violência e morte causada pelo Kariwa (não indígena), os xamãs yanomamis diariamente trabalham para a proteção de todos. Bem diferente de uma família de colonos do sul (Brasil) que se mudam para a floresta amazônica e só pensam em derrubar a floresta e em eliminar a presença indígena. Tal contraste ressalta a importância das tradições e saberes indígenas, evidenciando a responsabilidade dos xamãs yanomamis e de outros povos em preservar a segurança e o bem-estar de sua comunidade em meio às adversidades enfrentadas pelos povos indígenas frente à colonização e exploração desmedida de recursos naturais.

Langdon (1996), nos mostra que o xamanismo não conhece fronteiras. Durante o processo de colonização no Brasil, a religião foi grandemente afetada, resultando na tentativa de repressão dos conhecimentos tradicionais e das influências das matrizes religiosas que envolvem o encontro dos indígenas e da cultura africana. A falta de visibilidade dessas crenças é consequência de uma estratégia histórica do cristianismo dominante, que procurou extinguir, tanto fisicamente quanto simbolicamente, as manifestações religiosas discordantes presentes no país.

Destarte, é crucial destacar que as religiões autóctones e africanas possuem uma vasta riqueza cultural e espiritual, que deve ser estudada e transmitida. Por meio da análise destas

crenças, é viável compreender melhor a diversidade religiosa e as formas de resistência cultural desses povos. Contudo, é imprescindível superar o viés eurocêntrico presente na academia, que muitas vezes prioriza o estudo das religiões⁴⁴ ocidentais em detrimento das práticas tradicionais indígenas e africanas (práticas de cura).

Essencialmente ampliando os espaços de diálogo e valorização destas tradições, reconhecendo sua seriedade para a construção de uma sociedade mais diversa e abrangente. Até porque, na perspectiva de Langdon (1996), falar de xamanismo em várias sociedades, implica em falar de política, de medicina, de organização social e de estética.

A atuação do xamã transcende o mero papel de líder nos ritos sagrados coletivos, englobando também funções específicas relacionadas às suas manifestações e representações dentro de uma determinada cultura. Segundo Langdon (1996, p. 15), as manifestações xamânicas constituem parte de um padrão lógico de representações culturais, no qual a vocação individual do praticante está alinhada às funções previstas para o seu papel social e ritualístico.

Para Barreto (2021, p. 38), os especialistas indígenas (xamãs/pajés), podem ser considerados fenomenólogos natos, uma vez que demonstram uma atenção aguda às transformações no conhecimento humano e no mundo exterior. Esses indivíduos investigam e descrevem os fatos enquanto experiências, estabelecendo uma compreensão do mundo fundamentada na vivência e na observação direta.

Adicionalmente, Barreto destaca que esses especialistas fazem uso de taxonomias vegetais, assim como de conhecimentos sobre as qualidades dos animais e dos fenômenos naturais. Essas qualidades são empregadas de maneira estratégica, com o objetivo de aliviar dores, proteger o corpo ou promover transformações no indivíduo, evidenciando uma compreensão holística e pragmática do ambiente natural (Barreto, 2021, p. 37).

Destarte, a riqueza étnica dos povos originários rio negro, manifesta-se na sua diversidade cultural que coexiste harmoniosamente com outras formas de saberes, donde emerge uma multiplicidade de particularidades espirituais. De tal modo, nessa tessitura de saberes e espiritualidades revela-se como um testemunho vivo da diversidade humana, onde cada expressão cultural ressoa a essência de uma história milenar, celebrando a singularidade de cada povo na grande tapeçaria da existência. Onde,

⁴⁴ Religião não seria o termo mais adequado para expressar a crença indígena, por isso, usaremos práticas de cura.

Os Baré se autoidentificam benzedor que é aquele que benze e cura o doente, pois existem outras categorias no rio negro. O rezador é aquele que reza somente nas festas de santo; pajé é aquele que joga água e chupa o que causa mal ao doente; feiticeiro é aquele que causa feitiçarias (Lizardo, 2016, p.51).

Cada povo indígena, imerso na profundidade de suas raízes ancestrais, nutre suas crenças que brotam do ventre da ancestralidade, perpetuando um legado sagrado que entrelaça passado e presente. Para Lizardo (2016, p.51) relata que

Os benzimentos podem ser vistos como atos de xamanismo, onde os benzedores elaboram conhecimentos classificatórios distintos, diferenciando as enfermidades a partir da relação estabelecida com outros mundos, as quais possuem um conhecimento próprio. O uso de diversas espécies da biodiversidade nas práticas de cura revela os mecanismos ritualísticos associados ao equilíbrio interno do doente com a natureza e com a purificação da alma.

Desta feita, tais saberes ancestrais e contemporâneos revelam-nos uma verdade fundamental: que cada povo, em sua singularidade, constrói modos próprios de pensar, de ensinar e de prevenir. Esses conhecimentos, intrincados intrinsecamente aos seus costumes, crenças e tradições, configuram uma teia complexa de práticas de cura e proteção. Assim, cada cultura, como uma sinfonia de experiências e valores, expressa-se através de uma lógica própria, refletindo a essência de sua existência e a profundidade de sua identidade.

JUREMA SAGRADA: Terreiro como território ancestral e guia espiritual

Considerando a pluralidade étnica que caracteriza o município de São Gabriel da Cachoeira-Amazonas, reconhecido por sua expressiva presença de comunidades indígenas, evidencia-se a convivência harmoniosa de múltiplas tradições culturais que se conectam à cultura ancestral indígena. Nesse cenário, de forma ínfima está o culto da Jurema Sagrada cultuado no Recanto dos Orixás, localizado no Ramal 1, dentro do Assentamento Teotônio Ferreira, na região do Alto Rio Negro. Que congrega diversas correntes religiosas numa convivência singular, impregnada de significado sagrado e misticismo.

O clã Mapinguari⁴⁵, que prática a tradição espiritual da Jurema Sagrada em São Gabriel da Cachoeira-AM, iniciou suas atividades com a junção de saber da matriarca do clã

⁴⁵ Mapinguari, para os indígenas, é um ser sobrenatural protetor da floresta, um dos tipos de curupira.

Muraquisara (Trabalhadeira) com as feitorias⁴⁶ de sua filha Potira Pituna (Flor da Noite). Já que, “muito da força que se busca na jurema está na sua bebida ritual, o vinho da jurema, tomado com intuito de curar-se, fortalecer-se, de proteger-se (Acsehrad, 2024, p.114).

Essa prática foi inicialmente instaurada por Muraquisara e posteriormente transmitida a seus descendentes, incluindo filho, filhas, netos e bisnetos, na maioria dotados de habilidades naturais para a incorporação⁴⁷ e cura por meio de rituais sagrados e o uso de plantas medicinais. A finalidade principal do núcleo familiar é promover a recuperação de feridas físicas, emocionais e espirituais daqueles que buscam sua ajuda.

Nesse contexto, os conhecimentos de Muraquisara em conjunto com a Jurema Sagrada, integrou-se às práticas tradicionais de xamanismo/pajelança, praticadas pelos povos indígenas da região (Mutawarisá/benzimentos, Bahsese, inserção de bebida psicoativas). Na qual, a Jurema Sagrada também aciona outros elementos umbandistas, espiritistas e do catolicismo. No ambiente diminuto, do Recanto dos Orixás, ergueu-se um espaço de significado profundo, situado num contexto de singularidade, muitas vezes considerado distinto pelos olhos alheios e marcado por olhares preconceituosos e julgamentos precipitados. Que por sua vez o núcleo familiar tenta se erguer sob a fé, força, coragem e determinação de Muraquisara.

Envolto pela mata silenciosa e discreta, este refúgio abriga um poder de cura que pulsa através do saber ancestral, transmitido com reverência e sabedoria por sua matriarca indígena, Muraquisara, cuja presença transcende o tempo, pois, habita uma dimensão além da matéria (ancestralizou em 2021), onde sua força feminina permanece intensamente vivaz e sentida.

Aqui, a incorporação dos mestres juremeiros, caboclos, erês, boiadeiros, pretos velhos, exus, encantados e outros elementos sagrados da Jurema e da Umbanda se despontam como manifestações de uma espiritualidade enraizada na tradição, revelando a essência de uma cultura que preserva seus segredos e sua força no silêncio contemplativo e na força do conhecimento ancestral. Visto que, a

Jurema pode ser dar no sentido largo, como conjunto de práticas rituais realizados em terreiro que as conciliam com outras práticas religiosas e, no sentido estrito, como uma ciência de caráter fitolátrico, isto é, fundamentada no culto às árvores e aos espíritos que as habitam, prática existente desde tempos imemoriais (Acsehrad, 2024, p.100).

⁴⁶ Processos de aprendizagem dos rituais sagrados da Jurema Sagrada e Umbandistas.

⁴⁷ Dom de receber espíritos desencarnados que vem em auxílio para ajudar nos infortúnios da vida terrena e espiritual.

Cantados durante as giras⁴⁸, as melodias se revestem de significados profundos e orientação futura. Como, “A Jurema é minha madrinha, Jesus é meu protetor. A jurema é um pau sagrado, aonde Jesus orou. Eu vou pedir a meu mestre para me ensinar a trabalhar, com a força da Jurema o Angico e o Vajucá” (Ponto da Jurema Sagrada⁴⁹).

Os pontos cantados, no contexto ritual da Jurema, respeitam a seguinte estrutura: um adepto, de dentro da gira ou de fora, da assistência, entoia o ponto uma vez sozinho. Na segunda vez, já o faz acompanhado pelos demais participantes da gira e dos instrumentos que compõe a batucada: dois ilús e um maracá ou agbê. Assim, segue-se uma estrutura de pergunta e resposta (Acsehrad, 2024, p.116).

Na cerne dessas incorporações estão os cavalos⁵⁰ que por sua vez são os elos de ligação entre o espiritual e humano, que nos rituais da Jurema são importantíssimos, visto que eles precisam estar com o corpo, mente e alma limpos para os rituais, seja de prevenção, cura e proteção, e assim sejam alcançados com êxito.

O processo de incorporação dos caboclos tem suas peculiaridades, também no que diz respeito ao que ele vem fazer em terra. Quando invocados, cantam, dançam e trazem recados. A sabedoria a eles atribuída no contexto das giras é compartilhada com os presentes, na medida de sua iniciação ou dos seus propósitos ali. (Acsehrad, 2024, p.105).

Desta forma, buscou-se entender a lógica da jurema a partir dos seus praticantes. Não se pensou aqui em classificar as ações dos interlocutores da pesquisa a partir de teorias europeias-hegemônicas.

A emergência contemporânea da Jurema não é, portanto, uma simples diferenciação das outras religiões de matriz africana. Nas ações públicas, os juremeiros constituem-se como sujeito coletivo e se expressam através da identidade “Povo de Jurema”. É através dessa identidade que o sujeito coletivo reformula democraticamente o direito, quando impulsiona a transformação da categoria de reconhecimento dos povos de terreiro para “Povos Tradicionais de Matriz Afro-Indígena”. É, portanto, uma categoria jurídica nova, ainda que em construção, desenvolvida na atuação político-jurídica do “Povo de Jurema” nas suas ações públicas, ou seja, na sua luta por reconhecimento (Miranda, 2018, p. 188).

⁴⁸ Encontros realizados para se conectarem com os mestres juremeiros.

⁴⁹ Melodias cantadas que trazem um significado, um recado, um ensinamento, um chamado as entidades espirituais.

⁵⁰ Filhos de fé que tem o dom de incorporar/receber os espíritos desencarnados que vem para ajudar.

De acordo com Miranda (2018, p. 17), a Jurema Sagrada constitui-se como um culto contemporâneo resultado do processo secular de trocas e reelaborações das tradições indígenas, aliado às mais recentes influências dos cultos afro-brasileiros na região, notadamente a Umbanda e o Candomblé.

Assim como outros conhecimentos tradicionais indígenas, a Jurema Sagrada é transmitida oralmente e praticada por meio de rituais e cerimônias, mantendo-se viva até os dias atuais. Ela é vivenciada e preservada por comunidades que sustentam essa forma de religiosidade e sua relação com a natureza, como é o caso do recanto. Em seus atos ritualísticos juremeiros são utilizados diversos subsídios como: tabaco ((mururõ/na língua tukano e pitima/nheengatu), plantas, ervas, cascas de árvores, velas, bebidas, depende muito qual rito e para que fins.

Nesse conjunto, a religião de matriz africana, como a Umbanda, e a Jurema Sagrada de tradição indígena, tiveram uma abordagem intercultural que considerou os aspectos socioculturais, históricos e simbólicos que envolvem essas práticas religiosas. Visto que, as religiões aqui citadas, são exemplos claros do processo colonizador, e que por sua vez inseriram em seus contextos novos conhecimentos que se entrelaçaram e se fortaleceram. Mas, ainda assim, são diferentes uma da outra.

A presença e o valor dos saberes indígenas, representados pelos juremeiros e juremeiras, além do uso de elementos culturais como o cachimbo, maracá, banhos, ervas, plantas, velas e os cuidados com o corpo, demonstram a complexidade e a riqueza dessa tradição espiritual que em seu amago se dá no respeito aos elementos da natureza. “Onde você não escolhe a Jurema, a Jurema Sagrada escolhe você”.

Seus rituais de prevenção, cura e proteção emergem de um chamado ancestral aos espíritos desencarnados, mestres juremeiros, caboclos, encantados, pretos velhos, Oxóssi e demais entidades sagradas, cuja invocação é o elo que conecta o mundo material ao espiritual. São estas vozes invisíveis que, em sussurros de sabedoria, revelam as doutrinas necessárias, orientando o caminho diante dos males físicos e espirituais que afligem os seus devotos. “Dentre as semelhanças, no entanto, pode-se verificar uma existência marcada pela visceralidade, isto é, por uma intensidade corporal associada ao poder, ao prazer e ao risco” (Acselrad, 2024, p.104).

Assim, tais rituais, qual orquestra harmoniosa, entrelaçam-se profundamente com o respeito e o cuidado à natureza, seus seres e seus reinos. Antes de adentrar esses espaços sagrados, pede-se permissão, reverência silenciosa que reconhece a sacralidade do solo, das águas e do ar, buscando assim a sintonia necessária para que as mensagens divinas possam ser recebidas com pureza e clareza. Nesse ciclo sagrado, a natureza não é mero pano de fundo, mas uma parceira vital na busca por cura e proteção, uma ponte que une o mundo visível ao invisível, em uma dança de harmonia e respeito mútuo.

A PESQUISA EM SANDUÍCHE NA BOLÍVIA: Rituais da Pachamama e sua confluência com os ritos da Jurema Sagrada.

Ao adentrar o território andino, e ao avistar suas montanhas de gelo perpetuamente imaculado, uma lembrança ancestral emergiu de minhas profundezas: um ponto de jurema que ressoa na memória, dizendo: “Terra alheia, pisa no chão devagar. Anda no massapé, escorrega, quem não sabe andar leva queda”.

Este cântico, ao mesmo tempo instrutivo e reverente, revela a sabedoria de respeitar os espaços sagrados, de reconhecer a importância de solicitar permissão ao entrar em territórios que não nos pertencem. Em humildade e reverência, dirigi minhas orações à Pachamama, às majestosas montanhas, aos seres visíveis e invisíveis que habitam esse espaço sagrado. Pedi, com coração sincero, o consentimento para adentrar suas terras, confiando que minha entrada seria acolhida e que meus propósitos seriam alcançados com harmonia e sucesso.

A convivência no território andino revelou-se como um espelho de semelhanças e contrastes que, ao mesmo tempo em que acalmavam a saudade de casa, despertavam uma profunda reflexão sobre as manifestações culturais do cotidiano. Nesse cenário de elevadas cimeiras e horizontes amplos, minha percepção se ampliava, permitindo-me entrelaçar as nuances do viver local com minhas próprias raízes, enquanto buscava, com olhos ávidos de conhecimento, captar os traços singulares de uma cultura ancestral.

Assim, entre o sentimento de pertencimento e a sede de aprender, a experiência se configurava como uma ponte poética entre o eu e o outro, entre o passado e o presente, enriquecendo minha alma com a essência vibrante do mundo andino. E dentro dessa perspectiva indígena-ameríndia, o animismo entendido como cultura e alma, nos remete a uma visão holística das relações entre seres, natureza e cosmos. Essa abordagem contempla a compreensão das alianças e pactos políticos entre a natureza e a cultura, onde a natureza simboliza as

múltiplas conexões com o cósmico, enquanto a cultura reflete as relações humanas e o significado atribuído às vivências culturais. A conexão entre seres, corpo e mente é, portanto, intrinsecamente entrelaçada.

Segundo Descola (2016), ao estudar os Achuar, verificou-se que animais e plantas possuem wakan (alma, ou mais precisamente, intencionalidade, faculdade de comunicação ou inteligência). Assim, a diversidade do mundo e as relações entre natureza e cultura, no âmbito do animismo, revelam-se como categorias ontológicas, onde tudo o que existe está associado à prática, ao ser e à vida. Essa identificação ocorre no plano da interioridade da alma, do espírito ou da subjetividade (Descola, 2016, p. 13).

Ressalta-se que, embora exista uma afinidade na essência do espírito, as diferenças do corpo moldam nossas vivências no mundo sensível. Nesse panorama, cultura e natureza se apresentam como forças primordiais na compreensão do elo entre espiritualidade, corporeidade e mente. Nesse horizonte, a preservação do meio ambiente surge como uma extensão fluida dessa herança cultural, envolvendo-se de forma contínua com o saber ancestral das plantas medicinais, as artes de cuidar dos recursos naturais de modo sustentável e as maneiras de conviver em paz com a terra.

Essas manifestações não apenas simbolizam a resistência e a transmissão de uma identidade única, mas também celebram a harmonia entre o homem, a natureza e o sagrado, revelando uma poesia que pulsa na diversidade cultural.

Tendo em vista que, “a compreensão da Amazônia antes de ser científica, biológica ou geológica, é indígena. É na compreensão mais profunda da relação entre seres humanos e natureza, captada e vivida pela sabedoria indígena, que se pode perceber a visão da Amazônia” (Castro, 2021, p. 42). Desta forma, os conhecimentos ancestrais da Pachamama e as práticas xamânicas revelam a profunda união entre o mundo tangível e o reino invisível na tradição sagrada da Jurema, assim como na visão cósmica dos povos indígenas do Noroeste amazônico e das civilizações andinas.

A união sagrada entre Pachamama e Jurema revela uma sinfonia de reverência e comunhão com a essência da vida. Ambas as tradições, raízes profundas de culturas ancestrais, celebram o divino escondido na mãe Terra e na planta sagrada, tecendo uma tapeçaria de sabedoria, cura e autoconhecimento. Nessa conjuntura, na Jurema Sagrada e “na Pacha não existe a dicotomia entre seres vivos e corpos inertes, todos eles têm vida, e a vida é entendida como a relação entre as partes do todo. E em especial, não há uma separação entre seres

humanos e natureza. Tudo forma parte da Pacha, como uma totalidade, tem vidas” (Bulhões, 2021, p. 134).

Cada uma, com seus símbolos únicos e histórias ancestrais, compartilha uma visão de mundo onde os elementos naturais, terra, vegetal, ar, água, são manifestações do sagrado, fontes inesgotáveis de energia, luz e espiritualidade. No coração da cosmologia andina, pulsa a deidade mãe, Pachamama, a guardiã da fertilidade e do equilíbrio ecológico. Ela é a mãe terra generosa, que nutre e sustenta toda a criação. Sua veneração é um ato de gratidão e respeito, um ritual de reciprocidade que celebra a vida e o ciclo da natureza.

Seus rituais, carregados de oferendas e preces, são canções de agradecimento à mãe que sustenta o universo, um convite ao reconhecimento da conexão sagrada entre o homem e a terra. “As energias Pachamama engendram uma espiritualidade de bem viver e de pertença dos povos ameríndios com a terra. Pachamama é a terra, equivalente à mãe, a mãe terra. Está associado ao sentido da vida, envolvendo o nascimento e a maternidade” (Torres, 2021, p.45).

Na alma das tradições indígenas e afro-brasileiras, reside a Jurema, uma planta sagrada que atua como ponte entre os mundos. Seus rituais de cura e comunicação com o invisível utilizam a força da planta, que, com suas propriedades psicoativas, abre portas para o autoconhecimento e o diálogo espiritual. Cantos, danças e meditações envolvem os praticantes, que buscam na Jurema Sagrada a mediadora divina, a chave para entender os mistérios do eu e do cosmos.

Essas tradições, distintas em suas origens, convergem na reverência pela natureza e na compreensão de forças espirituais que habitam o mundo natural. Ambas veem na terra e nas plantas fontes de poder, sabedoria e cura, promovendo uma harmonia sagrada entre o humano e o divino. Sua essência reside na busca pelo equilíbrio interior e pela união com o sagrado, nutrindo uma relação de respeito e amor pelo planeta e por si mesmo.

Em um tempo de renovação espiritual, comunidades e praticantes tecem esses saberes ancestrais, entrelaçando diversidade cultural e espiritualidade, para ampliar a compreensão do elo profundo entre humanidade, natureza e espírito. Em suma, a confluência entre Pachamama e Jurema Sagrada é uma dança de veneração à divindade da criação, uma jornada de cura e autodescoberta através de ritos e práticas ancestrais, que celebram a conexão sagrada com o mundo natural como fonte eterna de sabedoria, força e luz interior. Onde,

As práticas ecológicas realizadas pelos povos indígenas, pelas mulheres em particular, fazem aumentar, ao invés de reduzir, a biodiversidade florestal; elas

tendem a modificar sutilmente os ecossistemas amazônicos, gerando ecologias induzidas e localizadas, ilhas de recursos cuja diversidade biológica é manejada e modelada em benefício das gerações presentes e futuras (Bulhões, 2021, p. 131).

ANCESTRALIDADES DE CONFLUÊNCIA ENTRE OS POVOS INDÍGENAS DOS ANDES BOLIVIANO E DA AMAZÔNIA BRASILEIRA

A herança ancestral de união entre os povos indígenas e a resistência às imposições da religiosidade cristã nos faz refletir sobre as dinâmicas culturais, sociais e espirituais que permeiam o cenário latino-americano, especialmente no Brasil. Essa temática atravessa questões de identidade, resistência cultural e o enfrentamento às tentativas de homogeneização e anulação das tradições indígenas promovidas pela colonização ocidental.

Estudos acadêmicos revelam que a ancestralidade indígena é marcada por uma ligação profunda com suas terras sagradas, mitos ancestrais, rituais sagrados e cosmovisões milenares. Essa herança constitui uma matriz de resistência às tentativas de homogeneização cultural promovidas pelo cristianismo colonial e, posteriormente, pela sociedade eurocêntrica.

Nas nossas expressões religiosas, espirituais, celebrativas e místicas é importante valorizar as formas mitológicas do povo, os rituais que ajudam a valorização do corpo e da terra, que lembrem constantemente o valor sagrado de todos os tipos de vida e de nossa dependência da terra e um dos outros. Vivemos numa teia de vida. Tornamo-nos humanos na medida em que descobrimos e nos ligamos a essa maravilhosa cadeia de vida que é o planeta terra, manifestado aqui na Amazônia (Castro, 2024, p.43)

A religiosidade indígena, muitas vezes, é compreendida não apenas como uma prática espiritual, mas como uma expressão de resistência política e cultural, preservando saberes ancestrais e modos de vida que desafiam a narrativa hegemônica eurocêntrica. Pois,

No âmbito religioso o ambiente amazônico é o lugar dos sincretismos, da mestiçagem e do hibridismo. Ainda estamos por desvendar, interpretar suas representações e significados traduzidos aqui pelas religiões, mitologias indígenas e africanas, pelas práticas de pajelança desenvolvidas pelas comunidades rurais e urbanas, pelas visões de santos e de visagens, pelos encantados e pelos círios e procissões dedicadas à Nossa Senhora, pela

religião do Daime com sua beberagem, pelos cultos afro -amazônico e as experiências de possessão diabólica e do Espírito Santo nos cultos pentecostais (Castro, 2024, p. 40).

Ao longo das análises, percebemos que a ciência ocidental, ao extenso da história, frequentemente marginalizou ou patologizou as religiões indígenas, considerando-as primitivas ou inferiores. Essa visão reforçou o apagamento de práticas espirituais que, na essência, representam formas complexas de relação com o mundo e de resistência cultural. Essa postura eurocêntrica, aponta para a necessidade de uma epistemologia que reconheça a validade e a riqueza das cosmovisões indígenas, abandonando o paradigma colonizador que busca homogeneizar a diversidade.

Na qual um dos principais dilemas refere-se à dificuldade de incorporar conhecimentos indígenas ao escopo da ciência ocidental sem desconsiderar suas particularidades. Existe uma tensão entre valorizar o saber tradicional e impor categorias científicas que tendem a desqualificar esses saberes. Além disso, há o risco de apropriação cultural ou de instrumentalizar esses conhecimentos para interesses externos, fragilizando a autonomia e a integridade das comunidades indígenas.

Os povos indígenas resistiram às tentativas de colonização cultural e religiosa desde o primeiro contato com os europeus. Sua resistência se traduziu na preservação de línguas, rituais, cosmologias e formas de organização social. A colonização cristã buscou deslegitimar essas práticas, muitas vezes por meio de catequese forçada, repressão e apagamento cultural.

Onde “o que se pensou foi que este processo teria como resultado uma homogeneização cultural, mas o que ocorreu foi um processo de interação e influência entre culturas, umas com as outras, em que as diferenças permanecem e ao mesmo tempo evoluem” (Castro, 2024, p.40). Contudo, essa resistência persiste até os dias atuais, manifestando-se em movimentos de revitalização cultural, na luta pela demarcação de terras e na afirmação de suas religiões tradicionais como alicerces de sua identidade.

Na contemporaneidade, há um reconhecimento crescente da importância de respeitar e valorizar as religiosidades indígenas, incluindo suas formas de resistência e ancestralidade. Ainda assim, obstáculos permanecem, sobretudo no que tange à descolonização do conhecimento, ao reconhecimento de direitos e à superação de visões eurocêntricas que tentam reduzir as religiões indígenas a uma “prática primitiva”.

A herança ancestral de resistência indígena às imposições cristãs revela uma história de luta pela preservação cultural e espiritual. Compreender esse fenômeno exige uma postura

crítica diante das epistemologias ocidentais e uma valorização do saber indígena como fonte legítima de conhecimento. O reconhecimento dessa ancestralidade é fundamental para promover uma sociedade mais plural, aberta ao diálogo com a diversidade cultural e espiritual dos povos originários.

Enfim, somos pequenos diante das coisas que acontecem nas grandes cidades e no mundo. A dita civilização chegou a muito tempo. Enquanto civilização nós precisamos os produtos da floresta, reconhecendo o seu espaço e trabalho, por sem a floresta a nossa vida não tem sentido. Se a destruirmos jamais ela voltará a ser o que era antes, pois as feridas se cicatrizam, mas deixam as marcas. Ensinem os que vem depois de nós qual é o melhor trabalho e o mais digno que existe no mundo. Não sabemos, mas sabemos que da terra brota tudo o que nós queremos como sustento, como o nosso alimento, mas também brota: o ouro, a prata, o petróleo, o ferro, a água, o sal, as plantas e os animais. Nasceram da terra, alguns são produtos caros e outros pouco valores. Vamos cuidar da nossa floresta, pois ela é o planeta que existe para nós. (Fontes, 2019, p. 33)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi apresentado, o texto revela que os rituais sagrados da Pachamama, do Xamanismo e da Jurema Sagrada representam expressões profundas de uma cultura ancestral indígena e afro-indígena, cuja essência está enraizada na relação harmoniosa e respeitosa com a natureza e o cosmos. Essas práticas, além de manifestações religiosas, consolidam identidades culturais, resistem às pressões da modernidade capitalista e reafirmam a resistência frente às tentativas de homogeneização cultural e apagamento de saberes tradicionais. Assim como, a preservação do meio ambiente, especialmente na região amazônica e andina, objetos de estudo e reverência.

A conexão entre esses saberes revela uma cosmovisão que considera a Terra como uma entidade viva, mãe e parceira, cuja preservação é fundamental para a sustentação da vida. A Pachamama, por exemplo, simboliza uma força vital que exige reciprocidade e respeito, enquanto o Xamanismo e a Jurema Sagrada atuam como canais de comunicação com o sagrado, promovendo cura, proteção e autoconhecimento, reforçando a resistência cultural e espiritual desses povos.

Os rituais sagrados da Pachamama, do Xamanismo e da Jurema Sagrada representam mais do que manifestações religiosas, são expressões de resistência cultural, identitária e ecológica que reafirmam a relação sagrada do homem com a natureza e o cosmos. Destarte, o texto também destaca o impacto das ações colonizadoras e do eurocentrismo na marginalização e patologização desses saberes, reforçando a importância de um reconhecimento epistemológico que valorize a diversidade cultural e espiritual. A experiência intercultural na Bolívia e os conhecimentos transmitidos oralmente reforçam a necessidade de perpetuar e valorizar essas tradições, que carregam uma sabedoria ancestral capaz de oferecer alternativas sustentáveis e éticas diante dos desafios ambientais e sociais contemporâneos.

Essas tradições, transmitidas no cotidiano e praticadas com reverência, sustentam uma visão holística do mundo, na qual tudo é parte de um todo vivo, interdependente e sagrado. A valorização e o reconhecimento dessas práticas na atualidade são essenciais para fortalecer a identidade dos povos originários, promovendo a sustentabilidade do bem viver e combatendo a homogeneização cultural imposta por processos coloniais e hegemônicos.

Por fim, conclui-se que a confluência entre Pachamama, Xamanismo e Jurema Sagrada revela uma profunda interdependência entre cultura, espiritualidade e sustentabilidade. Essas práticas representam uma resistência viva, uma memória coletiva que fomenta uma relação mais consciente, justa e equilibrada com o meio ambiente e com as próprias comunidades, contribuindo para a construção de uma sociedade diversa, respeitosa e sustentável.

Assim, valorizar esses saberes é fundamental não apenas para a transmissão cultural, mas também para a promoção de um mundo mais harmônico e em sintonia com a sabedoria ancestral. Reafirmando a importância de uma epistemologia que valorize e integre as diversas formas de conhecimento, reconhecendo a ancestralidade como fonte de resistência e esperança para o futuro do planeta.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Maria. Jurema é corpo, não é cabeça: Encantamento. Aprendizagem e transformação entre caboclos e caboclinhos. *Locus: Revista de História*, 30, n.2 (2024): 97 – 120.

AMAZONAS, Manaus. Lei Nº. 5.796, de 12 de janeiro de 2022. Declara São Gabriel da Cachoeira-AM, como a Capital dos Povos Indígenas.

BARRETO, João Paulo Lima. Bahserikowi - Centro de Medicina Indígena da Amazônia: concepções e práticas de saúde. *Amazonica - Revista de Antropologia*, [S.l.], v. 9, n. 2, p. 594-612, abr. 2018. ISSN 2176-0675. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/5665>>. Acesso em: 20 mar. 2024. doi:<http://dx.doi.org/10.18542/amazonica.v9i2.5665>.

BARRETO, João Paulo Lima. Kumuã na Kahtiroti-ukuse: uma “teoria” sobre o corpo e o conhecimento-prático dos especialistas indígenas do Alto Rio Negro. Tese de Doutorado em Antropologia Social – UFAM, 2021.

BULHÕES, Adson Manoel. A alma feminina e a poética da vida na Amazônia, Adson Manoel Bulhões. Manaus: EDUA; São Paulo: Alexa Cultural, 2021.

CASTRO, Ricardo Gonçalves. Princípios contextuais, de gênero, interculturais e pós-coloniais pajelança, bem-viver e sincretismo religioso. *Revista Ecotologia*. Brasília – DF, 2021, 1ª Edição, 36-43.

DESCOLA, Philippe, 1949. Outras naturezas, outras culturas Tradução de Cecília Ciscato – São Paulo: Editora 34, 2016 (1ª Edição) 64p. (Coleção Fábula).

FONTES, Francineia Bitencourt. Hipana. Eeno Hiepolekoa. Construindo um pensamento antropológico a partir da mitologia Baniwa e de suas Transformações. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2019.

JUÁREZ, Geraldo Fernández. Tinku y Taipi: Dos recursos culinários pertinentes em los ofrendas Aymaras a la Pachamama. Universidad Complutense – Madrid. *Antropologica* nº 11- Enero 1994.

KOPENAWA, Davi, ALBERT, Bruce. A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

LANGDON, E. Jean Matteson. Xamanismo no Brasil: Novas Perspectivas. Organizadora. – Florianópolis: Ed. da UFSC, 1996.

LIZARDO, Liliane Salgado. Mutawarisá: Benzimento entre os Baré de São Gabriel da Cachoeira – Alto Rio Negro. Dissertação de mestrado em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, 2016.

MIRANDA, Carla. E a Jurema se abriu toda em flor. A luta por Reconhecimento do Povo de Jurema como Povo Tradicional de Matriz Afro-indígena. Tese de Doutorado pela Universidade de Brasília – Faculdade de Direito, 2018.

QUINTEIRO, M.M.C., and FONSECA, L.C. Saberes tradicionais e o desafio da multiculturalidade nas instituições de ensino. In: SANTOS, M.G., and QUINTERO, M., comps. Saberes tradicionais e locais: reflexões etnobiológicas [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018, pp. 148-167. ISBN: 978-85-7511-485- 8. <https://doi.org/10.7476/9788575114858.0009>.

TORRES, Iraildes Caldas. As práticas sociais das mulheres da floresta. Revista Ecotologia. Brasília – DF, 2021, 1ª Edição, 44-47.

WRIGHT, M. Robin. Os guardiões do Cosmo: Pajés e Profetas entre os Baniwa. Xamanismo no Brasil: Novas Perspectivas – Florianópolis: Ed. da UFSC, 1996.